UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
NÚCLEO UFABC

Cristiane de Lima Quadros

O FILOSOFAR NAS AULAS DE BIOÉTICA: proposta didática para a abordagem da medicalização da vida e do sofrimento animal

São Bernardo do Campo - SP
2019

Cristiane de Lima Quadros

O FILOSOFAR NAS AULAS DE BIOÉTICA: proposta didática para a abordagem da medicalização da vida e do sofrimento animal

Dissertação apresentada ao Núcleo do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do ABC, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Prática de Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Tadeu da Silva

São Bernardo do Campo - SP
2019

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do ABC
Elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFABC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Quadros, Cristiane de Lima
O FILOSOFAR NAS AULAS DE BIOÉTICA : proposta didática para a abordagem da medicalização da vida e do sofrimento animal / Cristiane de Lima Quadros. — 2019.

113 fls. : il.

Orientador: Paulo Tadeu da Silva

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do ABC, Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, São Bernardo do Campo, 2019.

1. Ensino de Filosofia. 2. Bioética. 3. Material didático. 4. Medicalização da vida. 5. Sofrimento animal. I. Silva, Paulo Tadeu da. II. Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, 2019. III. Título.

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações levantadas pela banca no dia da defesa, sob responsabilidade única do(a) autor(a) e com a anuência do(a) orientador(a).

São Bernardo do Campo/SP 20 de junho de 2019

Assinatura do(a) autor(a): Cristiane de Lima Quadros

Assinatura do(a) orientador(a):

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia
Avenida dos Estados, 5001 – Bairro Santa Terezinha – Santo André – SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996-0017
ppf.prof-filo@ufabc.edu.br

FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Cristiane de Lima Quadros, realizada em 30 de abril de 2019:

Prof.(a) Dr.(a) **Paulo Tadeu da Silva** (Universidade Federal do ABC) – Presidente

Prof.(a) Dr.(a) **Marinê de Souza Pereira** (Universidade Federal do ABC) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Josué Cândido da Silva** (Universidade Estadual de Santa Catarina) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **André Luis La Salvia** (Universidade Federal do ABC) – Membro Suplente

Prof.(a) Dr.(a) **Claudemir Roque Tossato** (Universidade Federal de São Paulo) – Membro Suplente

Ao meu amado filho Miguel. Na esperança de que você seja acolhido nessa casa comum e também contribua de forma responsável para um mundo mais feliz.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Dr. Paulo Tadeu da Silva por todo o cuidado em ler os meus textos e por orientar a minha pesquisa. Considero ainda muito importante a possibilidade de ter me colocado em contato com textos e autores que me fizeram pensar sobre o ensino de Filosofia. E, nesse sentido, também agradeço aos professores do PROF-FILO: Alexander, André, Marília, Marinê e Patrícia.

Sou muito grata também ao grupo de estudos sobre Educação e Pensamento Contemporâneo (GEEPC), e em especial ao professor José Sérgio da Fonseca, que nesses encontros, de forma generosa, abriu espaço para que eu pudesse iniciar uma reflexão sobre as minhas experiências de sala de aula.

Embora o filosofar exija muitas vezes momentos de introspecção, também constatei que o exercício do pensamento pode ser muito profícuo quando nos reunimos em grupo, especialmente com colegas que aprendi a admirar nas aulas do mestrado: Renata, Fabrício, Arlison, Marcos e Gilvan. Sou muito grata pelo espírito colaborativo que sempre procuramos manter em nossos encontros.

Tenho muito a agradecer à coordenadora Adriana, da escola Estadual Francisco Borges, por ter me dado todo o suporte necessário para a realização das oficinas de Bioética. Agradeço às professoras que fizeram parte desses encontros: Sandra, responsável pela área de Química e a Neide pela disciplina de Biologia.

Agradeço a Josemara pela formatação e revisão bibliográfica deste trabalho. Tenho muita gratidão pela sua disponibilidade e atenção.

Sou especialmente grata ao meu esposo Adalberto, com quem divido a minha existência, meus sonhos, meus dissabores e fragilidades. Agradeço pela sua disposição em me ouvir de forma tão generosa.

A meus pais, Leonice e José, expresso minha profunda gratidão por terem me acolhido e me apresentado a este mundo, por transmitirem valores éticos importantes para a minha formação cidadã.

Por fim, agradeço a todos os alunos, com quem tive a oportunidade de dialogar sobre questões polêmicas como o sofrimento humano e dos animais, e desse modo, contribuíram para o resultado desse trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo."

HEIDEGGER

RESUMO

Essa dissertação discute a possibilidade e a potencialidade do filosofar nas aulas de Bioética no Ensino Médio. Observando a carência de materiais voltados para essa especificidade, objetiva-se oferecer aos professores desse segmento e também aos alunos de licenciatura em Filosofia sugestões de materiais didáticos para abordar questões que cercam o tema da Medicalização da Vida e do Sofrimento Animal.

No Capítulo I desenvolve-se uma reflexão sobre como as aulas de Bioética possibilitam o exercício do filosofar a partir do diálogo, da argumentação e da problematização. Pilares considerados importantes, nesse trabalho, para uma aula filosófica.

Apresenta também um relato de uma experiência de sala de aula que motivou a elaboração desses materiais e o interesse em compreender com mais profundidade o que faz uma aula ser essencialmente filosófica.

Os capítulos seguintes destinam-se à confecção desses materiais. Cada um apresenta um texto de abertura explicando o contexto para os quais foram pensados e explicita de forma breve a organização do conteúdo. Acompanham esses materiais uma carta direcionada às professoras e professores com recomendações e impressões do trabalho desenvolvido com os alunos. Por fim, finalizo com propostas de estratégias de ensino.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Bioética. Material didático. Medicalização da vida. Sofrimento animal.

ABSTRACT

This dissertation discusses the possibility and potentiality of philosophizing in Bioethics classes in High School. Noting the lack of materials aimed at this specificity, the objective is to offer teachers of this segment and also undergraduate students in Philosophy suggestions of teaching materials to address issues surrounding the Medicalization of Life and Animal Suffering.

Chapter I develops a reflection on how Bioethics classes make possible the exercise of philosophizing through dialogue, argumentation and problematization. Pillars considered important, in this work, for a philosophical class.

It also presents an account of a classroom experience that motivated the elaboration of these materials and the interest in understanding in more depth what makes a class essentially philosophical.

The following chapters are intended for the preparation of these materials. Each one presents an opening text explaining the context for which they were intended and briefly explains the organization of the content. These materials accompany a letter addressed to the teachers and teachers with recommendations and impressions of the work developed with the students. Finally, I end with proposals for teaching strategies.

Keywords: Teaching Philosophy. Bioethics. Courseware. Medicalization of life. Animal Suffering.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO. 19

2 BIOÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE FILOSOFAR NO ENSINO MÉDIO..... .23

2.1 Diálogo, problematização e argumentação — Um campo fértil para o filosofar no Ensino Médio.....23

2.2 Projeto Bioética: uma intervenção escolar..... 29

3 MEDICALIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA: O QUE SIGNIFICA TER SAÚDE?..... .37

3.1 Material Didático.....40

3.2 Estratégias de Ensino 64

4 SOFRIMENTO ANIMAL - UM CONVITE À REFLEXÃO E AO DEBATE EM TORNO DE UMA NOVA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS..... 75

4.1 Material Didático.....77

4.2 Estratégias de Ensino 96

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 99

REFERÊNCIAS 101

ANEXO 1 - CADERNO DO ALUNO - ESTADO DE SÃO PAULO.....106

1 INTRODUÇÃO

Observa-se desde o século XX o desenvolvimento vertiginoso das ciências e da tecnologia. Esse progresso científico traz consigo uma urgência em discutir os valores e questões éticas que não acompanharam necessariamente esse ritmo de evolução. Notadamente, é urgente pensar como esse desenvolvimento impacta a vida dos seres humanos, do meio ambiente e seus ecossistemas, pois, a cada descoberta científica novas questões morais são colocadas e não somente sobre seres humanos. Sendo assim, como pensar em uma moral que alcance todos os seres vivos?

No século XVIII, Immanuel Kant (1724-1804) debruça-se sobre a ideia de uma moral universal relacionada apenas ao ser humano, ao ser racional, assim como diz a máxima: "Age como se máxima de sua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal".

Numa tentativa de ampliar essa máxima para todos os seres vivos, em 1927 na Alemanha o pastor protestante, filósofo e educador Fritz Jahr (1895-1953) publicou na revista *Kosmos* um artigo intitulado " Bio-Ethics: a review of the ethical relationship of humans to animals and plants" (Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas). Nessa publicação, inspirado na moral kantiana, o autor propõe um imperativo Bioético: "Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal".

Por volta de 1900, temos a primeira tentativa de estabelecer parâmetros para as pesquisas científicas envolvendo pessoas. O ministério da Saúde da Prússia estabelecia que os voluntários deveriam saber sobre as pesquisas e as possíveis consequências. Contudo, esse documento não foi suficiente, e em 1930 ocorreu o desastre de Lübeck, que levou a morte 75 crianças de um total de 100, decorrente de um teste de uma vacina BCG. Os testes foram realizados sem a autorização dos responsáveis pelas crianças.

Após o fim da Segunda Grande Guerra, fora elaborado o Código de Nuremberg na Alemanha. O objetivo era colocar limites para os procedimentos médicos e pesquisas científicas com humanos. Em suma, o Código estabeleceu normas e condições para a realização dessas pesquisas, dentre elas: a exigência de um resultado vantajoso para a sociedade; as experiências e procedimentos deveriam ser realizados primeiramente em animais para depois serem aplicados em seres humanos; os voluntários teriam o direito de estarem cientes das pesquisas, de suas consequências e terem a possibilidade de interromper a qualquer momento a sua participação; e estava impedido qualquer tipo de dor física e moral

que pudesse afetar o ser humano. Com base nessas normas, verifica-se que o Código de Nuremberg representou uma preocupação em preservar a vida humana, mas ainda não fora suficiente quando se pensa em Bioética, no seu sentido mais amplo.

A partir de 1970, vemos surgir movimentos em prol dos animais, principalmente nos Estados Unidos, e inicia-se uma discussão e um despertar para o sofrimento animal. Nessa década o filósofo Peter Singer (1946-) lança um livro intitulado *Libertação Animal*. Levando em conta que os animais são seres que sentem dor, começa-se um movimento de conscientização de que eles também merecem a possibilidade de não sentir dor, merecem serem tratados de uma forma digna. Os movimentos passaram a questionar atitudes como: teste de cosméticos em animais; a industrialização da criação e manejo e abate de animais; a indústria da moda que utiliza peles de animais para comércio; o consumo excessivo de carne; entre outros.

Somente a partir da década de 90, de forma gradual, é que se inicia um interesse pela Bioética aqui no Brasil. Primeiramente é inserida nos currículos das Ciências Biomédicas, e representou uma porta de entrada importante para o debate das questões que concernem essa área, mas ainda assim, a discussão se reduzia ao campo da Biomedicina, aos conflitos entre profissionais e pacientes. Por conta dessa limitação, a sociedade não compreendeu a essência e o aspecto de maior valor na Bioética: a articulação entre o conhecimento científico e as questões morais. É nesse campo teórico, nessa imbricação entre Ciência e Moral, que a Filosofia pode contribuir para o caráter formador da moral humana. Considera-se que as reflexões filosóficas e éticas podem ampliar o debate em torno de eixos conceituais como: dignidade humana e direitos; autonomia e responsabilidade individual; igualdade, justiça e equidade; proteção das gerações futuras e proteção do meio ambiente, da biosfera, entre outros que estão relatados e podem ser conferidos no documento “Programa de Base de Estudos sobre Bioética da UNESCO, cujo objetivo é apresentar os princípios bioéticos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos aos estudantes universitários”. Embora esse programa esteja orientado ao público universitário, é possível e se faz urgente que essa discussão alcance as salas de aula do Ensino Médio de forma mais profícua, pelas razões já justificadas.

Reconhecendo a importância de trabalhar com os alunos esses eixos temáticos citados acima, esse trabalho se debruça sobre a possibilidade de filosofar a partir da Bioética, com enfoque ao sofrimento humano e animal. Nessa direção, essa pesquisa reúne textos reflexivos sobre a prática de sala de aula, proposta didática e relatos de alunos de uma experiência vivida no Ensino Médio sobre as temáticas em questão. Esses materiais foram elaborados por

ocasiões diversas, nas disciplinas cursadas na pós-graduação; no encontro com professores e colegas; e sobretudo, pela vivência e prática de sala de aula nas escolas pública e privada.

Essa pesquisa é direcionada ao público docente atuante na área, e também aos estudantes de licenciatura em Filosofia. Aos professores atuantes, espera-se que esse material auxilie na preparação de aulas sobre Bioética, e espera-se que essa pesquisa possa iluminar outras propostas de ensino e de intervenção no processo de aprendizagem dessa temática proposta. A decisão por essas problemáticas surgiu após identificar na prática de sala de aula a carência de materiais pertinentes quanto à linguagem e também a falta de articulação entre as sequências didáticas observadas em vários livros didáticos e no caderno do aluno do Estado de São Paulo.

Com base na experiência em sala de aula, a Bioética é um dos assuntos que mais envolve os alunos. A possibilidade de discutir sobre os dilemas éticos vividos pelos adolescentes ou a análise de outras situações conflituosas que possam se apresentar na vida acabam estimulando a interação e a participação dos alunos. A oportunidade de abrir esse espaço para o pensar na sala de aula, permite ao aluno expressar seu pensamento, e verificar a pertinência do argumento posto em discussão, sendo possível reconstrui-lo na medida em que reconhece equívocos do pensamento, e ideias preconceituosas. Desse modo, a capacidade de estranhar, duvidar, e criticar, atitudes filosóficas importantes para o desenvolvimento do senso crítico, estarão sendo exercitadas no momento presente da sala de aula.

O esforço por compreender a essência de uma aula de filosofia e a preocupação de como inserir a experiência como professora nesse trabalho também atravessam essa tarefa de reflexão. Perguntas como: o que é uma aula de Filosofia? O que torna uma aula filosófica? Como ensinar Filosofia? O que é o filosofar? São inquietações que foram suscitadas pela prática de sala de aula e que tive a oportunidade de me debruçar sobre elas nas disciplinas oferecidas pelo programa de Mestrado Profissional em Filosofia. Sendo assim, esse trabalho não se reduz à elaboração de um material didático para as aulas de Bioética, o seu propósito transcende a esse fim. Esse trabalho revela mudanças subjetivas ocorridas em mim, como professora, participante desse processo de ensino-aprendizagem, que se mobiliza sobre o conteúdo, a didática e a metodologia. Do mesmo modo, os alunos também estão inseridos nesse jogo subjetivo e intersubjetivo que o ensino pode proporcionar a todos os envolvidos. Esse duplo movimento é uma característica marcante desse trabalho, e que espero não se encerrar ao fim dessa dissertação. Aposto na possibilidade desse movimento continuar quando outros professores lerem esse trabalho e este motivá-los a pensarem em suas próprias práticas.

A pesquisa contempla as duas dimensões consideradas importantes para um mestrado profissional: a teoria e a prática. O primeiro capítulo denominado: Bioética como possibilidade de Filosofar no Ensino Médio, apresenta o meu encontro com o tema e uma concepção de aula de Filosofia amparada no diálogo, na argumentação e na problematização. A obra intitulada O *ensino de filosofia como problema filosófico* de Alejandro Cerletti, contribui para pensar o ensino de Filosofia a partir das inquietações colocadas anteriormente sobre a experiência do filosofar, do exercício da problematização e da argumentação, aspectos que julgo caracterizar uma aula de Filosofia.

O segundo capítulo trata-se da elaboração de um material didático nomeado: A Medicalização e a Mercantilização da Vida, com sugestão de sequência didática e estratégias de ensino. E, por último, uma transcrição de relatos dos alunos sobre a oficina de Bioética realizada no segundo bimestre. Como respaldo teórico sobre o histórico da Bioética, inicio o material apresentando um texto de Volnei Garrafa, que entre outras atribuições, é professor titular e coordenador da Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília. Como se trata de um tema que atravessa as disciplinas de Sociologia, Biologia e Química, o material traz muitas referências como apoio teórico. Da tradição filosófica segue uma sequência de trechos filosóficos de Hipócrates (séc. V a. C), Epicuro (341-270 a.C), Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1884-1900).

Por fim, finalizo o último capítulo com a confecção de outro material didático para a abordagem do Sofrimento Animal - um convite à reflexão e ao debate em torno de uma nova relação com os animais. Apresento sugestões de sequência didática e de estratégias de ensino. Dado o caráter transversal inerente à abordagem desse tema, os referenciais teóricos perpassam autores da literatura; da comunidade científica e da biologia. Da tradição filosófica são trazidos para o debate e análise de argumentos: Pitágoras (séc. VI a.C), Porfírio (233 a 305 d.C), Aristóteles (séc. IV a.C), Descartes (séc. XVII d. C), Voltaire (1694-1778), Kant (séc. XVIII d. C) e Peter Singer (1946-).

2 BIOÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE FILOSOFAR NO ENSINO MÉDIO

As experiências de aulas sobre Bioética no Ensino Médio, no contexto da rede pública e particular de ensino, mobilizaram o desejo em elaborar materiais didáticos sobre a Medicalização e Mercantilização da Vida e o Sofrimento Animal. Reconhecendo as potencialidades para o filosofar ao discutir temas polêmicos como o sofrimento humano e animal, temáticas tratadas nas aulas de Bioética, e identificando a carência de material didático para a abordagem desses assuntos, empenhei-me em oferecer aos professores e alunos de licenciatura em Filosofia, um material de apoio. Embora a Bioética perpasse a legislação de várias disciplinas, em Filosofia temos pouca coisa com essa especificidade.

Além desse propósito, essa pesquisa também visa refletir sobre a importância da argumentação e da problematização para o processo do filosofar nas aulas dedicadas à Bioética, habilidades exigidas nos Planos Curriculares Nacional para o Ensino Médio, mas que também são pouco discutidas quanto a sua aplicabilidade nas questões polêmicas que concernem a vida.

2.1 Diálogo, Problematização e Argumentação - Um campo fértil para o filosofar no Ensino Médio.

> **"Não se trata de recuperar o Mundo para a Filosofia. Exatamente ao contrário, trata-se de recuperar a filosofia para o Mundo."**
>
> (PORCHAT, 1975, p.22)

É de nosso conhecimento a anedota sobre Tales de Mileto, que enquanto andava admirando o céu e o movimento dos astros, caiu em um buraco. Trácia, a escrava que estava por perto, vendo o ocorrido, precipitou-se a zombar do filósofo disseminando a imagem que até hoje perdura, do filósofo distraído e desconectado da realidade.

Apressadamente repudiamos a atitude de Trácia, a escrava que zombou de Tales, pois ela não sabe o que diz, não entende sobre o que o filósofo fala e se interessa. Partimos em defesa da Filosofia, mas não percebemos, segundo Porchat (1975), que ao desprezarmos a atitude da escrava, corremos o risco de colocar a filosofia num pedestal, num lugar de difícil acesso, somente para aqueles que conseguem alçar voo até ela. Quem tiver asas que a persiga,

e contemple as suas maravilhas, mas aos desprivilegiados, só resta a resignação diante das vicissitudes da vida.

Costumamos atribuir à Trácia a dificuldade em não entender a função da Filosofia. Essa imagem de musa inatingível pode parecer para uns como a grande sedução da Filosofia, mas para a maioria das pessoas revela-se, sobretudo, um discurso enigmático e complicado.

Esse abismo entre a Filosofia e o resto do mundo é uma imagem corroborada por muitos professores de Filosofia, que partilham dessa concepção e reafirmam em suas aulas essa distância intransponível.

Reforçam essa ideia aqueles que fazem uso de uma linguagem rebuscada, que recorre a termos esdrúxulos e jargões complicados (PORCHAT, 2000) para dizer as coisas do mundo, mas que não comunica para e com o mundo. Se partirmos do pressuposto de que a filosofia é essencialmente dialógica, como é possível planejar um encontro sem conseguir o mínimo de comunicabilidade entre aquele que enuncia e o outro que escuta? O filósofo Porchat revela a sua inquietação diante desse abismo que separa a filosofia do mundo

> Buscando o diálogo, o filósofo construirá seu discurso com simplicidade. Não recorrerá a termos esdrúxulos nem a um jargão complicado. Ele tem uma enorme desconfiança dos que falam difícil em filosofia. O linguajar ininteligível, no mais das vezes, apenas dissimula mal a confusão mental e a indigência filosófica. É o disfarce externo e verbal de um oco interior. O que não se pode dizer com clareza não se pode pensar. Nem há que buscar uma tradução, se não há nada a traduzir. Somente o tolo sente calafrios de admiração diante do discurso "filosófico" que escapa a toda a compreensão. Não podendo alçar-se à inteligência do que lhe parece tão sublime e profundo, desconfia de si mesmo. Com razão, porque é tolo. Mas não há arcanos indizíveis em filosofia. (PORCHAT, 1975, p.24).

O discurso enigmático da Filosofia leva o interlocutor a desconfiar de si mesmo, induzindo-o a pensar que ele próprio não é capaz de entender a Filosofia. A linguagem ininteligível revela "uma confusão mental e um oco interior. O que não se pode dizer com clareza não se pode pensar", como afirma Porchat (1975).

Sem dúvida, a clareza e a simplicidade não são atributos valorizados no mundo academicista da filosofia. Acredito que também não sejam bem compreendidos, pois a clareza e a simplicidade não são sinônimos de superficialidade, como geralmente são concebidos. A potencialidade e a beleza de um discurso estão na possibilidade de ser simples e profundo e, de ser, sobretudo comunicável. Conjugar esses três aspectos representa um grande desafio, principalmente para os filósofos, que necessitam rever essa atitude de pretensa superioridade. A Filosofia precisa caminhar em direção ao mundo, aos problemas do mundo, às suas inquietações.

Falar em aula de Filosofia no ensino médio no contexto atual em que se questiona a relevância do curso de Filosofia, constitui um duplo desafio: resistir às forças que querem suprimi-la do currículo a todo custo e pensar em estratégias de ensino para aproximar a Filosofia dos alunos. Sabendo que não pretendem ser filósofos, a chave para despertá-los para as aulas de filosofia é, talvez, encontrar o que de há de comum entre aqueles que decidem se dedicar à filosofia e aos alunos do ensino médio e, desse modo, ensinar o que é comum a todos: a atitude filosófica.

Ao aproximar a Filosofia das questões do mundo, no contexto escolar, especificamente do Ensino médio, faz-se necessárias algumas reflexões. A primeira delas é desconstruir e resistir a uma versão facilitada de aula de filosofia, e também ao papel de mera serviçal para outras disciplinas.

Peço licença ao leitor para relatar uma situação escolar, e para isso farei uso do discurso em primeira pessoa. Recentemente fui submetida a uma avaliação na escola sobre o curso de Filosofia ministrado durante esse ano. Após ouvir as considerações do coordenador, fui questionada sobre os objetivos para o ano de 2018. Entusiasmada, manifestei o desejo de elaborar um curso de lógica para os alunos do 1º ano do Ensino Médio, o que foi recebido com entusiasmo e em seguida aprovado pela coordenação pedagógica. Contudo, algumas orientações deveriam ser consideradas: "o curso de lógica não poderia ser chato!" e além do mais, "a filosofia deve auxiliar na disciplina de redação."

O imperativo de uma aula legal assombra qualquer professor. O termo "legal" parece sinônimo de divertido, leve e facilitado. Em se tratando das aulas de Filosofia, esses aspectos são colocados em suspensão, pois a mesma se debruça, muitas vezes, sobre questões difíceis, como a ética e política, a morte, a brevidade da vida, a continuidade da existência humana, questões referentes à ética e direito dos animais, entre outros assuntos polêmicos. Além da densidade dessas discussões, o debate filosófico realizado em torno desses temas exige uma habilidade para argumentação que precisa ser desenvolvida, e esse processo nem sempre é prazeroso.

O outro aspecto atribuído de forma equivocada às aulas de filosofia é considerá-la somente como disciplina de apoio às outras áreas do conhecimento. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), o que se espera de uma aula de Filosofia, dentre outros aspectos, é que o aluno seja capaz de "Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais". Compreendemos que a Filosofia, assim como outras disciplinas, não dialoga solitariamente, mas solidariamente, os assuntos se

intersectam e se tocam, porém reduzir a Filosofia a uma disciplina apenas de auxílio para outra, parece desconsiderar a sua especificidade.

O intuito desse trabalho não é prescrever um receituário sobre como dar uma aula, ou como desenvolver um conteúdo, a esperança é que essa pesquisa ilumine novas possibilidades de aula.

O caráter dialógico é um aspecto essencial para as aulas de filosofia. Sem a possibilidade de estabelecer uma interação com o outro, a Filosofia se encerra num solipsismo estéril. Porém, compreender os componentes que configuram esse diálogo não é tarefa simples, pois há muitos elementos imbricados. Convém, primeiramente, elencar alguns desses aspectos que compõem esse tecido complexo: o encontro com o outro; planejar um bom encontro; considerar os aspectos sociais, políticos e culturais que acompanham a perspectiva de cada aluno e de cada professor.

O diálogo pressupõe um encontro, um espaço criado para poder colocar "um diante de um outro" que se move em sentidos diferentes, mas que podem estabelecer conexões, conflitos, construir novas possibilidades de pensamento. Esse encontro não se refere necessariamente apenas ao indivíduo, mas considera também o encontro com um texto filosófico, com um poema, uma música, um filme, um encontro que pode levar o aluno a descobrir algo de si mesmo, "ensinar pode ser abrir um diálogo livre com os saberes, com a tradição, o convite para um exercício de pensamento o mais livre possível de qualquer amarra institucional" (CEPPAS, 2010/2011, p. 49). Tendo em mente que não se trata de formar filósofos no ensino médio, um dos propósitos das aulas de Filosofia é propiciar uma experiência capaz de deslocar os alunos para um outro lugar no qual eles consigam ser senhores de si mesmos, capazes de olhar para as suas emoções, expectativas e anseios diante do mundo.

Nessa perspectiva de encontro, alguns professores podem questionar: mas isso não é Filosofia! Aonde está a Filosofia nesse processo, já que esse encontro também poderia ocorrer em outras disciplinas? Certamente esses encontros também podem ocorrer em outras áreas do conhecimento, mas será que aconteceriam da mesma forma? O modo como se conduziria o processo seria o mesmo? Certamente não.

Também há de se considerar o aspecto imponderável presente na relação ensino-aprendizagem. O que o professor ensina e o que o aluno de fato aprende, é apenas um dos problemas filosóficos imbricados no ensino de filosofia. Como cada aluno se apropria desse espaço de aula, e como ele ressignifica as coisas, são questões difíceis de serem respondidas. Constatar a posse de uma ideia, de um conteúdo, não é a medida do real, do que de fato será

assimilado. O que talvez signifique que o impacto do ensino de Filosofia só se efetue de modo muito diverso e com um tempo mais longo do que aquele no qual temos contato com os alunos e alunas. Talvez esse impacto só apareça quando ele não está mais na escola.

Defendo nesse trabalho uma didática do ensino de filosofia que privilegia o filosofar dos próprios alunos, um espaço criado na sala de aula para os estudantes arriscarem o pensamento e confrontarem as suas ideias. Configura-se uma didática de construção compartilhada, um encontro de subjetividades, no qual não é possível prever todos os acontecimentos, pois cada aluno que participa desse encontro traz consigo sua visão de mundo, suas experiências sociais e históricas. Desse modo, o professor estará diante de um grande desafio, orientar e articular essas discussões para que sejam razoáveis, no sentido de um discurso lógico e argumentativo. É no espaço da sala de aula que se configura o lugar profícuo para o exercício dialógico entre os indivíduos, com opiniões e vivências diferentes, onde cada um sustentará o seu ponto de vista. E a argumentação se insere nesse jogo entre subjetividades dispostas a confrontarem a "verdade do eu" com a "verdade do outro". E nesse sentido, saber argumentar torna-se condição necessária para defender, refutar, reafirmar, ou questionar, de forma consistente as razões pelas quais se pensa de determinada forma.

Nas orientações curriculares do Ensino Médio constatamos entre um dos objetivos de ensino de Filosofia o de "desenvolver competências comunicativas intimamente associadas à argumentação" (Brasil, 2006, p. 29). Entre as várias áreas de estudo que compõem a Filosofia, a Lógica se debruça sobre o estudo da argumentação, é uma ferramenta indispensável para a expressão de nossos pensamentos e decisões (VELASCO, 2016, p. 151). Diante dessa expectativa de ensino, como desenvolver essa competência para a argumentação?

Ao contrário da afirmação do senso comum, a argumentação não é algo natural ou espontâneo, é uma habilidade que precisa ser desenvolvida e aprimorada. Exige um domínio de noções básicas de lógica, como: compreender a noção de inferência; avaliar um argumento a partir de uma análise das premissas e conclusões; identificar sentenças declarativas e proposicionais; reconhecer as falácias e o pensamento indutivo e dedutivo. Não debruçaremos sobre cada uma dessas noções, mas disponibilizamos uma lista de referências ao final desse trabalho.

A argumentação aliada à problematização, torna uma aula potencialmente interessante para o filosofar. Problematizar um assunto pode instigar a curiosidade do aluno, e fazê-lo repensar sobre as suas concepções e preconceitos.

Não há filosofar sem problematização! "Problematizar, desse modo significa ver como problema, isto é, como não satisfatoriamente resolvido ou explicado, como passível de dúvida

e de averiguação, aquilo que em geral é aceito com naturalidade, com tranquilidade". (SILVEIRA, 2011, p. 144).

Para que seja possível problematizar algo, é importante primeiramente um desprendimento do cotidiano. A vida cotidiana está organizada em torno de nossas atividades que identificamos como necessárias para vivermos neste mundo, e nesse sentido, nos sentimos confortáveis, seguros, pois já compreendemos a forma como tudo está ordenado para funcionar.

A música de Chico Buarque revela essa cotidianidade marcada pelo relógio, pela rotina expressa na repetição e reiteração das nossas atividades:

Cotidiano

Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã
Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café
Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão
Seis da tarde, como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão
Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor
Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri…

O exercício do filosofar, que tem como pressuposto o problematizar, parece exigir duas condições: a primeira diz respeito a capacidade de suspender esse cotidiano, de modo a fazer um corte violento nesse tempo marcado pelo relógio. Tal experiência permite ao sujeito subverter a ordem estabelecida das coisas para pensar diferente e encarar a vida de outro modo. A coragem em experimentar algo novo revela que o estopim para o filosofar depende

do desejo e aspiração do sujeito, e essa seria a segunda condição para o filosofar. Se o indivíduo não se dispuser a tal experiência, não é possível plantar em seu coração tal despertar:

> Entre o perguntar do filosofar e o querer filosofar, há um salto que ultrapassa todo professor. [...] o essencial da filosofia é, constitutivamente, inensinável, porque há algo do outro que é irredutível: seu olhar pessoal de apropriação do mundo, seu desejo, enfim, sua subjetividade. (CERLETTI, 2009, p. 38).

Os antigos já se perguntavam sobre o que de fato impulsionaria esse despertar para o conhecimento e chegaram à conclusão de que o espanto, composto pela admiração e também por uma sensação de perplexidade daria início a esse movimento em direção ao conhecimento, e, à medida em que vamos superando essa condição de estranhamento, o conhecimento toma o seu lugar. O problema é que a familiaridade diante das coisas da vida, muitas vezes, faz com que o espanto diminua porque vamos compreendo o seu caráter ordenado. Contudo, isso não significa que para o filosofar é necessário romper definitivamente com a vida comum e ordinária, a filosofia não se realiza sem pressupostos, e não parte do nada, o movimento do filosofar parte da percepção da vida, do cotidiano, mas não se fixa nela, ele a ultrapassa.

> Nesse aspecto, a filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente.
> (GALLO, S.; KOHAN, W., 2000, p. 189).

O aspecto problematizador que defendemos nesse trabalho e que está na centralidade do processo de filosofar é primordial no sentido de abrir espaço para o aluno confrontar a forma como pensava inicialmente, de posse apenas de suas crenças e visões de mundo frente a uma outra perspectiva.

2.2 Projeto Bioética - uma intervenção escolar

A oportunidade de trabalhar com a Bioética surgiu no momento em que o Colégio Santo Américo, da rede particular de orientação católica, em que leciono há sete anos, decidiu, em 2016, abordar o tema da sustentabilidade, com a exigência de que fosse tratado de

forma interdisciplinar. O objetivo era discutir o tema da Campanha da Fraternidade de 2016, "Casa Comum, nossa responsabilidade - quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca", com as outras áreas do saber, envolvendo disciplinas das ciências humanas, ciências exatas e linguagens e códigos.

Diante desse desafio, iniciei uma pesquisa por materiais apropriados quanto à linguagem, conteúdo e problematização dos assuntos relativos aos valores da vida humana associados à saúde e ao meio ambiente, e também textos filosóficos que serviriam como base de interlocução.

Num primeiro momento, a pesquisa se concentrou no Caderno do Aluno, 2ª série, v. 2, material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo, já que também leciono na rede pública de ensino. Esse volume propõe um aprofundamento das reflexões éticas iniciadas no primeiro volume do Caderno do Aluno de Filosofia, em que foram privilegiados os temas relativos ao envelhecimento da população, ao racismo, às relações de gênero, à educação e às constantes demandas do mundo tecnológico. Todos esses temas são organizados em sete Situações de Aprendizagem, e a Bioética se insere na Situação de Aprendizagem 5 (c.f. anexo) - intitulado: Introdução à Bioética. Esse espaço dedicado ao estudo dessa temática é composto por quatro atividades de Leitura e Análise de Texto que seguem a seguinte ordem: "A duração da Vida humana"; Bioética; Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos; e por último, "A medicalização e a mercantilização da vida". Os outros temas da Bioética não aparecem na situação de aprendizagem, deixando para o aluno a proposta de pesquisar as outras principais polêmicas. Como material de pesquisa, dois autores são indicados: Edmund Pellegrino[1] e Volnei Garrafa[2].

Em seguida, empenhei-me em pesquisar nos livros que são ou já foram adotados pela rede pública de ensino, como o *Filosofando - Introdução à Filosofia; Filosofia: Experiência do pensamento; Filosofia: por uma inteligência da complexidade; Fundamentos de Filosofia;* e *Iniciação à Filosofia.* Em todos esses livros, o assunto é tratado de forma muito sucinta ou quase nem aparece, como é o caso dos três últimos materiais citados.

Dentro da temática da Sustentabilidade, os professores de outras áreas do conhecimento do colégio em questão decidiram trabalhar com o problema da água, do lixo e do desmatamento das florestas. Quanto ao assunto que seria discutido nas aulas de Filosofia,

1 Edmund Pellegrino. Médico e filósofo estadunidense, considerado um dos primeiros pensadores da Bioética.

2 Volnei Garrafa. Pesquisador da Universidade de Brasília, vice-presidente da seção Latino-Americana da Sociedade Internacional de Bioética.

escolhi (dada a minha sensibilidade e interesse pessoal por esse tema) tratar do impacto do consumo de carne no aumento da poluição e também discutir o sofrimento animal nos abatedouros, nas condições de confinamento e de manejo. Ainda complementando esse tema, problematizar os limites da intervenção humana sobre a natureza e a continuidade da nossa existência.

Iniciei a abordagem do tema com a leitura do texto "Razões para a ética", do autor Fernando Savater. O objetivo era enfatizar a necessidade de uma reflexão ética que nos possibilite pensar e descobrir caminhos e alternativas que nos ajudem a viver melhor, e desfrutar da melhor maneira possível da vida. Embora não exista um código estabelecido para isso, podemos nos valer de pensamentos consolidados que nos ajudem a pensar que tipo de vida preferimos.

Segue abaixo a Sequência de aulas elaboradas para os alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Santo Américo e os comentários dos alunos colocados em aula. Vale ressaltar que os diálogos reproduzidos a seguir não foram desenvolvidos conforme planejamento devido ao prazo estipulado pela escola para a finalização do projeto interdisciplinar e também pelo contexto escolar de 1 aula por semana. Contudo, os questionamentos dos alunos foram importantes para pensar posteriormente, em um possível trabalho de mestrado, sobre o filosofar nas aulas de Bioética.

Aula de Filosofia:

Aula 1.
Texto: Razões para a Ética
Apresentação de *slides* destacando a origem e função da Bioética; fatos históricos que revelaram a necessidade de um regulamento para defender a vida, como: Desastre de Lübeck (1930) e a morte de 75 crianças de um total de 100, que participaram de um teste com a vacina BCG; e o Código de Nuremberg; A importância da Declaração dos Direitos humanos.
A cada avanço científico, a cada nova etapa que modifica o modo de viver, novas questões éticas são levantadas.

Comentários dos alunos

- "Ah, professora, essas mortes foram importantes para a descoberta da vacina".
- "Algumas pessoas precisam se sacrificar pelas outras".

Aula 2.
Disparador 1: Vídeo - Ética na alimentação, com Peter Singer versão TV Cultura HD
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eUe_1h0N9fA

Comentários dos alunos sobre o vídeo

- “A senhora está induzindo o meu pensamento para que eu acredite nisso...”
- “Eu não vou parar de comer carne...”
- “A senhora é vegetariana?
- “Na minha opinião, eu acho que...”
- “E as plantas, não sentem dor?”
- **“**Professora, é natural da cadeia alimentar, um animal não se alimenta de outro?”

Aula 3.
Disparador 2 - Peter Singer - O status moral do sofrimento
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lw74Q2w7NHE

Comentários dos alunos sobre o vídeo

- “Os animais são feitos para isso mesmo, para servirem de alimento”.
- “Não é bem assim, hoje os abatedouros são mais avançados, possuem uma tecnologia capaz de matar os animais sem que eles sintam dor”.

Aula de Biologia:

A professora de Biologia também relatou um comentário comum a alguns alunos nas aulas sobre o impacto de CO_2 pelos bovinos no efeito estufa. Ao informá-los com base em dados e estatísticas de que o gado é um dos maiores emissores de CO_2 na atmosfera, os alunos pronunciaram o seguinte argumento: “A culpa é dos vegetarianos, se eles comessem carne não teríamos tanto gado emitindo Co_2”.

As colocações dos alunos nas aulas mobilizaram uma reflexão profunda, primeiramente, nas próprias questões que circunscrevem o assunto, e depois, no sentido de provocar e pensar o próprio ensino de Filosofia, quanto aos limites/alcance dessa força de transformação do pensamento diante de uma ideia nova, e do que ainda está por ser conhecido. A tensão e choque de pensamentos que acontecem numa aula acabam gerando uma certa angústia no professor, que anseia por tentar acalmá-la. Mas o exercício do pensar e confrontar exige paciência, se desdobra num tempo que não se pode acelerar, mas sim esperar o momento da ressonância das ideias nos alunos, que pode acontecer muito tempo depois de uma “aula”, de um ano de curso, ou após concluído os três anos do ensino médio.

Para que esse exercício de reflexão ética seja possível, é importante estar disposto a suspender os juízos e crenças que nos formam. Incentivar essa disposição no aluno para o enfrentamento de novas questões, muitas vezes naturalizadas em nossa vida, é por vezes um grande desafio, que cria situações de choque de realidades; resistência por parte dos alunos em discutir o tema; estranheza e espanto por tratar de um assunto como o consumo de carne, que a sociedade atual tanto estimula por meio das propagandas. Mas entende-se que as

"aulas"[3] de Filosofia cumprem o seu papel justamente quando desalojam esses preconceitos, põem em risco e em perigo o que se pensa e acredita.

Diante da experiência em sala de aula vivida no colégio Santo Américo, da dificuldade de encontrar materiais apropriados e mais completos para trabalhar a Bioética, e a percepção das potencialidades de reflexão e questionamento que uma aula de Bioética poderia proporcionar, tanto para o professor quanto para o aluno, decidi dedicar-me a este trabalho de pesquisa.

O campo de atuação da Bioética é bem amplo, mas nessa pesquisa optei (dada a minha sensibilidade ao tema do sofrimento e a falta de material para trabalhar essa temática) por preparar uma sequência didática para a abordagem sobre a Medicalização da Vida e o Sofrimento Animal.

Empenhada também em trabalhar a Bioética com os alunos do 2º ano na rede pública, apresentei um projeto para a escola Francisco Borges Vieira em fevereiro de 2018. Na reunião de planejamento do colégio apresentei-me para a coordenação como mestranda da Universidade Federal do ABC, e expliquei as expectativas da minha dissertação, dentre elas, a possibilidade e o anseio de que o meu trabalho alcançasse as salas de aulas. Sendo assim, sabendo do currículo programático do 2º ano do ensino médio, que na sua maior parte comtempla o estudo da ética e da bioética, apresentei a proposta das Oficinas de Bioética com alunos do 2º ano. Esse projeto consiste em oferecer mais um espaço para o filosofar, que não substituiria a sala de aula, mas poderia ser um momento de aprofundar as questões debatidas em sala. Em acordo com a coordenação, aconteceriam duas oficinas de Bioética durante o ano: no 2º bimestre: A medicalização e a mercantilização da vida; e no 4º bimestre: O sofrimento animal.

Após apresentação e aprovação das oficinas na reunião de planejamento da escola, o projeto passou a ser discutido nas reuniões de ATPC, aula de trabalho pedagógico coletivo, a fim de organizar o calendário das oficinas, e também selecionar os textos sobre a medicalização.

Apresento a seguir o projeto - Oficinas de Bioética - enviado à Secretaria de Estado da Educação da Diretoria Centro-Sul.

[3] Ao termo "aula" reservei o direito de mantê-la entre aspas porque a julgo pretensiosa e insuficiente para designar, o que na verdade penso, a partir da experiência de sala de aula, o que seria uma possível aula: muitas vezes uma preparação para um outro momento mais reflexivo; um movimento do pensamento que se estende por várias aulas, que transborda para além do tempo delimitado, de 45'; uma experiência reveladora de sentido, capaz de atravessar e tocar o aluno para questões que nunca tiveram a chance de serem desalojadas e ressignificadas.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA CENTRO-SUL
ESCOLA ESTADUAL DR. FRANCISCO BORGES VIEIRA

Professora Cristiane de Lima Quadros
Disciplina Filosofia

Projeto - Oficinas de Bioética [4]

Justificativa: Com base na experiência em sala de aula, a Bioética é um dos assuntos que mais envolve os alunos. A possibilidade de discutir sobre os dilemas éticos vividos pelos adolescentes ou a análise de situações conflituosas estimula a interação e a participação de todos. Abrir esse espaço para o pensar de forma interativa nas oficinas, (com outros colegas de classe e também com professores de outras áreas do conhecimento) permite ao aluno expressar as suas ideias, aprender a ouvir o outro, a reavaliar e verificar a pertinência do argumento posto em discussão, sendo possível de reconstruí-lo na medida em que reconhece os equívocos do pensamento. Desse modo, as oficinas de Bioética podem contribuir para o aprendizado e o exercício da argumentação, além de promover o diálogo interdisciplinar.

Objetivo: Promover o debate e a reflexão acerca dos temas: Medicalização e Mercantilização da Vida; Aborto e Ética e direito dos animais. Pretende-se também estimular o diálogo e a reflexão ética a partir da relação com outras áreas do saber.

Metodologia
Os temas serão trabalhados por meio de aulas expositivas, debates, análise e interpretação de vídeos, filmes e trechos de textos filosóficos.

Recursos didáticos
Serão utilizados nas aulas diversos recursos pedagógicos como: filme, música, trechos de textos filosóficos, poesia, e outros recursos considerados/avaliados pertinentes para esses encontros.

Público
Alunos do 2ºano do Ensino Médio.

Início e término do Projeto
Maio a Dezembro de 2018

Responsável pelo Projeto
Cristiane de Lima Quadros

Embora essa dissertação apresente materiais de apoio ao professor para a abordagem de dois temas polêmicos que cercam a Bioética, o alcance dessa pesquisa transcende a esse

[4] O projeto Oficinas de Bioética está registrado no site da diretoria de ensino da região centro sul. Acessar Plano de Melhoria - 2018-diretoria centro-sul.
disponível em: https://sed.educacao.sp.gov.br/PlanoAcao/Relatorio/Index. Código da ação 19061.1

fim. A preocupação também se concentra em elaborar estratégias de ensino que tenham na centralidade das aulas de Filosofia, um espaço para a experiência filosófica. O autor Jorge Larrosa ilumina essa perspectiva de experiência ao resgatar na origem da palavra, em várias línguas, o seu sentido primordial

> Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência "é o que nos passa", o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é "ce que nos arrive", o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como "aquilo que nos acontece, nos sucede", ou "happens to us", o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde tem lugar os acontecimentos. (LARROSA, 2002, p.24).

A experiência a que Larrosa se refere diz respeito a um modo de se deixar transpassar pelos acontecimentos. Relaciona-se muito mais com uma atitude de disposição de espírito para ser afetado de algum modo do que uma prontidão para agir. Nessa perspectiva, passar por uma experiência filosófica significa estar atento ao que pode tocar, afetar, provocar e mobilizar o pensamento. Esse lugar do filosofar precisa ser defendido, e buscado pelo professor para que os alunos se sintam convidados a participar dessa experiência.

Envolver os estudantes nesse propósito não é tarefa simples. Há muitas forças que podem agir na contramão desse fim, a própria vontade do aluno, pois cabe a ele também decidir-se pelo filosofar. Outro aspecto a vencer é a expectativa dos alunos em atribuir à filosofia alguma aplicabilidade imediata. O professor é desafiado a desconstruir o sentido reducionista e equivocado pela qual a sociedade compreende o termo útil, assentado principalmente na expectativa da Filosofia proporcionar prestígio social ou retorno financeiro. Por fim, o professor também se vê diante de um outro combate: ajudar os alunos a saírem de um sonambulismo intelectual. Um estado de indiferença, comodismo e em alguns casos de prepotência, que se revela, muitas vezes, em uma aula apática, em que os alunos estão acostumados a serem tratados como receptores de conhecimento. Reverter esse cenário é um desafio, mas não é impossível. Basta acender nos alunos essa "força interrogante", característica marcante da Filosofia. Nas palavras do professor Franklin Leopoldo e Silva

> O constante “recomeço” da Filosofia e o fato de nela nada existir a título de saber adquirido faz com que na caracterização da atividade filosófica prevaleça algo a que se poderia denominar de força interrogante. (LEOPOLDO E SILVA, 1993, p. 63).

Imbuída desse espírito de reascender nos alunos essa disposição para interrogar a vida, os valores e crenças arraigados em nós, e reconhecendo nas aulas de Bioética um espaço para vivificar essa força interrogante, ingressei com confiança nesse trabalho de pesquisa.

3 MEDICALIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA: O QUE SIGNIFICA TER SAÚDE?

Este capítulo corresponde a um material didático sobre a Medicalização e Mercantilização da Vida, aplicado na escola pública Francisco Borges Vieira, para os alunos do 2º ano do Ensino Médio no 2º bimestre de 2018.

Assumi as aulas nesse mesmo ano e, sob a orientação da coordenação do colégio, a disciplina de Filosofia deveria auxiliar nas defasagens identificadas no exame do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo). As dificuldades levantadas perpassavam a leitura e interpretação de textos de diversos gêneros literários e a expressão, escrita e oral, de forma sistemática.

Conforme relato dos próprios estudantes, em 2017, quase não tinham aula de Filosofia e quando aconteciam, as aulas se restringiam a debates e rodas de conversa. Nenhum referencial teórico fora mencionado pelos alunos como suporte a essas discussões e nenhuma outra estratégia fora utilizada visando a apropriação do tema proposto pelo professor, cujo assunto os alunos não souberam especificar.

Nesse contexto, o material foi desenvolvido e pensado observando a carência dos alunos diante de algumas habilidades identificadas, e que, em nossa perspectiva, consideramos essenciais para que aconteça o filosofar em sala de aula: como a abertura para o diálogo mediante o exercício da argumentação e da problematização, mas, para isso, os alunos precisavam aprender a confrontar um texto, ler com atenção, saber extrair ideias centrais, enfim, saber escutar a voz do texto. O desafio seria preparar o terreno para o filosofar!

As atividades diagnósticas realizadas nas aulas de Filosofia aplicadas no início do ano confirmaram essas defasagens que comprometiam a autonomia intelectual de nossos estudantes. Contudo, jamais depositei na disciplina de Filosofia uma solução salvífica para todos os problemas identificados, mas vislumbrei a possibilidade de construir um espaço profícuo para o exercício do filosofar.

A experiência de aplicar esse material em sala de aula foi instigante e bastante trabalhosa. Enfrentei, inicialmente, muita resistência, por parte dos alunos em ler os textos propostos; em realizar as atividades que envolviam a escrita. Foi preciso muita paciência e compreensão para vencer essa etapa que pressentia pudesse ser superada mostrando aos alunos o meu compromisso com a correção das atividades realizadas e estabelecendo um vínculo de confiança com eles, mostrando-lhes o planejamento das aulas e como elas se desenvolveriam.

No percurso das aulas, percebi maior participação dos alunos nas discussões amparadas nos textos selecionados; já tentavam arriscar o próprio pensamento de uma forma mais segura; apresentavam menos resistência para se expressarem na escrita; e consegui estabelecer na sala um ambiente para que ouvíssemos a opinião do outro sem o medo de ser julgado pelo colega (relato de uma aluna).

Vale ressaltar que a resposta obtida pelos alunos só foi possível mediante à orientação do professor, já que o material não é auto instrucional, embora apresente um texto base, na tentativa de articular as informações, muitas vezes não é suficiente para o entendimento do aluno, por isso, a intervenção do professor é primordial, seja para orientar os debates quanto para conduzir as leituras e auxiliá-los nas interpretações de texto e, sobretudo, nesse caso, estimulá-los ao fascinante mundo da Filosofia.

Organização do material:

a) **Seção 1** - Nessa etapa inicial propõe-se uma abordagem aberta a problematizações e questionamentos acerca da relação entre o sofrimento e a medicalização. Questões como: as diferentes formas de medicalização e a origem do termo "medicalização" também são discutidos nessa parte inicial. Considera-se, ainda, fundamental conduzir uma reflexão sobre o lugar do sofrimento em uma sociedade individualista, competitiva, hedonista, onde tudo se reduz ao lucro. Nesta acepção, as aulas de Bioética podem ser uma maneira de abordar reflexões filosóficas que se voltam para uma sociedade que apresenta dificuldades em lidar com o sofrimento.

O material também oferece uma possibilidade de diálogo com a literatura: sugere-se a leitura do livro *O Alienista,* de Machado de Assis, ou de outras obras que o professor julgar pertinente ao tema, como, por exemplo, *Os Sofrimentos do Jovem Werthe*, de Johann Wolfgang von Goethe. A obra de Machado de Assis traz uma reflexão sobre uma sociedade que atribui uma doença para cada atitude considerada fora dos padrões "normais". Enquanto em *Os Sofrimentos do jovem Werther*, Goethe narra a história de um rapaz que vive um amor não correspondido. Caso o professor decida iniciar a discussão sobre a medicalização por meio da literatura, é possível propor aos alunos a leitura desses livros ou ler trechos em sala de aula, isso poderá instigar os estudantes à leitura.

b) **Seção 2 -** Intitulada: Mas o que é ter saúde? Esse questionamento surgiu a partir do programa *Café Filosófico, A Medicalização da vida*, e julguei pertinente a sua inclusão aqui

nesse material. Iniciamos uma investigação em torno do conceito de saúde. Buscamos na OMS (Organização Mundial de Saúde), a definição do que seja ter saúde: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Sugere-se discutir com os alunos os sentidos dessa frase e quais as mudanças nas práticas médicas a partir desse novo conceito de saúde estabelecido após as tragédias ocorridas contra o ser humano na grandes Guerras Mundiais.

Em seguida, propomos a leitura do juramento de Hipócrates. A entrada desse texto no material é importante para provocar uma reflexão e uma discussão sobre a conduta ética dos profissionais da saúde. O objetivo é confrontar o juramento de Hipócrates, até hoje presente nas formaturas do curso de medicina, com os procedimentos médicos atuais – se estes correspondem a uma conduta ética ou não.

O material também traz uma reflexão sobre o desafio de uma vida saudável e os cuidados com a alimentação. E para finalizar, propomos uma atividade de leitura e interpretação do texto *A medicalização e Mercantilização da vida,* texto extraído do caderno do aluno do Estado de São Paulo, v. 2. Vale ressaltar que, antes de iniciar essa atividade, apresentamos uma orientação de leitura para os alunos, como: grifar as palavras desconhecidas, incentivar o uso de dicionários em sala de aula e acompanhar os alunos no exercício de paráfrase. Seguir esses passos são muito importantes para compreender o texto, haja vista que muitos alunos apresentam dificuldades de leitura e interpretação.

c) **Seção 3 -** Esta parte do material é dedicada a uma reflexão filosófica sobre o desejo e a vontade como fonte de sofrimento e o sofrimento como superação. Propõe-se a leitura de um trecho da *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu),* do filósofo Epicuro, para discutir sobre o discernimento entre desejo e necessidade. Valoriza-se a leitura do próprio texto do filósofo em aula, mesmo que sejam fragmentos e não o texto completo, é muito importante que o aluno se aproxime da linguagem filosófica e entre em contato com o vocabulário específico de cada filósofo. Seguem-se também os fragmentos dos textos de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, com atividades de reflexão ao final de cada texto.

3.1 Material didático

Volnei Garrafa ∗

"A bioética surgiu, concretamente, no início dos anos 1970, nos Estados Unidos, tendo, imediatamente, irradiando-se para a Europa e, em seguida, para o restante do mundo. Sua conotação original relacionava-se com uma questão de ética global, ou seja, com a preocupação ética de preservação futura do planeta, a partir da constatação de que algumas novas descobertas e suas aplicações, ao invés de trazer benefícios para a espécie humana e para o futuro da humanidade, passaram a originar preocupações e, até mesmo, destruição do meio ambiente, da biodiversidade e do próprio ecossistema terrestre, podendo ocasionar danos irreparáveis ao planeta e às formas de vida nele existentes.

Breve histórico

O desenvolvimento histórico da bioética pode ser estabelecido com base em quatro "etapas" ou "momentos" bem determinados:
1. A etapa de fundação, relacionada com os anos 1970, quando os primeiros autores que sobre ela se debruçaram, estabeleceram suas bases conceituais.

2. A etapa de expansão e consolidação, relacionada com a década de 80, quando se expandiu por todos os continentes por meio de eventos, livros e revistas científicas especializadas.

3. A etapa de revisão crítica e que compreende o período posterior aos anos 1990 até 2005, e que se caracteriza por dois movimentos: a) o surgimento de críticas ao "principialismo" (ou seja, a corrente estadunidense baseada em "princípios" pretensamente universais), com consequente ampliação do seu campo de atuação a partir da constatação da existência de "diferenças" entre os diversos atores sociais e culturas, espaço onde movimentos emergentes como o do feminismo e o de defesa dos negros e homossexuais, entre outros, adquiriram grande importância; b) a necessidade de se enfrentar, de modo ético e concreto, as questões sanitárias mais básicas, como a equidade no atendimento sanitário e a universalidade do acesso das pessoas aos benefícios do desenvolvimento científico e tecnológico. Esta última questão, extremamente atual, diz respeito à ética da responsabilidade pública do Estado frente aos cidadãos, no que se refere à priorização, a locação, distribuição e controle de recursos financeiros direcionados às ações de saúde.

4. A etapa de ampliação conceitual, que se caracteriza após a homologação, em 19 de outubro de 2005, em Paris, da Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos da UNESCO, a qual, além de confirmar o caráter pluralista e multiintertrans-disciplinar da bioética, amplia sua agenda para além da temática biomédicabio-tecnológica, para os campos social e ambiental".

* Professor titular e coordenador da Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília; editor da Revista Brasileira de Bioética; presidente do Conselho Diretor da Rede LatinoAmericana e do Caribe de Bioética da UNESC0– REDBIOÉTICA; vice-presidente da Sociedad Internacional de Bioética – SIBI, secção da América Latina. Email: volnei@unb.br

Seção 1 - A MEDICALIZAÇÃO E A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA

É muito comum durante o intervalo de um programa para outro de televisão, assistirmos a muitas propagandas de medicamentos, incentivando o consumo de remédio para emagrecer, aliviar o cansaço, nascer cabelo, aumentar a concentração de ômega 3 no organismo, entre tantos outros.
São inúmeras as promessas de solução para cada "mal" identificado.
Recentemente, uma propaganda televisiva de um remédio para aliviar as dores de cabeça anunciava os benefícios do medicamento e finalizava com a seguinte frase:

"...porque não temos tempo para dor".

Para refletir:

- O que essa frase revela sobre a atual sociedade em que vivemos?
- Dor, sofrimento, tristeza, angústia...como distingui-los?
- O sofrimento não estaria relacionado também a questões sociais, políticas e culturais?
- A dor pode ser útil?

Atualmente, somos arrastados por uma avalanche de compromissos, tarefas e exigências de toda parte. Parece que atender a todas essas solicitações passou a ser o nosso desafio, e mesmo tentando cumprir a agenda cheia, terminamos ao fim do dia com a sensação de que ainda estamos devendo alguma coisa. Nesse ritmo veloz vamos prosseguindo com a vida sem ter tempo para refletir sobre ela, e muito menos para lidar com o sofrimento. Não bastasse a angústia de não dar conta de tudo, ainda convivemos com a ideia de que mostrar o sofrimento é sinal de fragilidade. Quem é esperto, não sofre! E na tentativa de esconder as dores da vida, sofremos sozinhos, cada um a seu modo. Podemos compartilhar muitas coisas, mas dividir o sofrimento parece não fazer sentido algum. Afinal, que sentido teria o sofrimento numa sociedade individualista, competitiva, hedonista, e onde tudo se reduz ao lucro? Mesmo sem lugar para o sofrer, ainda assim, não podemos fugir ao que se mostra inexorável à vida, e desse modo a sociedade buscará com urgência estratégias para lidar com a dor. A saída encontrada será a medicalização da vida.

https://pixabay.com

De acordo com o pesquisador epidemiologista Naomar Almeida Filho, pode-se perceber a medicalização de quatro formas diferentes em nossa sociedade, através da

1. Mercantilização: tornar do diagnóstico ao tratamento em preço-valor mercadoria;
2. Consolidação do poder médio e a submissão do paciente;
3. Vulgarização do saber, a automedicação.

Você sabia?

"A expressão 'medicalização', cunhada nos anos 1970, foi usada por Ivan Illich em seu livro 'A expropriação da saúde: nêmesis da medicina', ao alertar que a ampliação e extensão do poder médico minavam as possibilidades das pessoas de lidarem com os sofrimentos e perdas decorrentes da própria vida, transformando as dores da vida em doenças".

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf

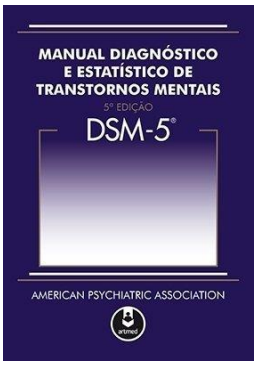
Diante de uma sociedade que não tem tempo para sentir dor, como vimos na propaganda mencionada e frente a uma indústria farmacêutica que coloca o lucro acima da vida, temos como resultado uma sociedade diagnóstica, com indivíduos apresentando centenas de distúrbios psicológicos comportamentais.

Para cada nova doença, um novo remédio.

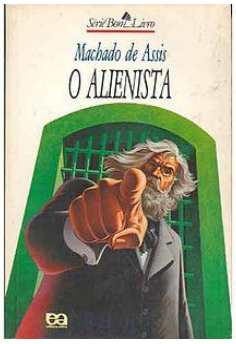
Espera-se que a psiquiatria ofereça a cura para o mal-estar e a infelicidade da contemporaneidade.

- Mas será que esse mal-estar contemporâneo é uma doença que precisa de remédio?
- Existem remédios para essa dor? Se existem, valem a pena?
- Quais são as consequências sociais, físicas e psíquicas?

O manual representado abaixo reascende a discussão sobre os diagnósticos psiquiátricos, ao fazer menção aos seguintes transtornos mentais.



- Transtornos do Neurodesenvolvimento Espectro da Esquizofrenia e Outros Transtornos Psicóticos
- Transtorno Bipolar e Transtornos Relacionados Transtornos Depressivos
- Transtornos de Ansiedade;
- Transtorno Obsessivo-compulsivo e Transtornos
- Transtornos Relacionados a Trauma e a Estressores
- Transtornos Dissociativos
- Transtorno de Sintomas Somáticos e Transtornos Relacionados Transtornos Alimentares



https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Alienista

O Dr. Simão Bacamarte é um médico psiquiatra que constrói um manicômio na cidade de Itaguaí com o objetivo de recolher todos os loucos da cidade. O lugar foi aos poucos ficando lotado e a situação complica ainda mais quando o psiquiatra começa a abrigar todos aqueles que para ele apresentam sinal de loucura e espanto. O primeiro caso foi Costa, um homem que perdeu toda sua herança emprestando dinheiro para os outros, mas não conseguia cobrar seus devedores. Depois dele, outros também foram internados por motivos espantosos!

"O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos safavam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia emigrava".

ASSIS, Machado. O alienista. Rio de Janeiro: Três livros e Fascículos, 1984.

Na passagem do século XX para o século XXI acompanhamos o surgimento de uma epidemia em nossa sociedade a:

DEPRESSÃO.

A tristeza diante de um mundo aparentemente sem sentido e de uma vida esvaziada de sentimentos, tem levado muitas pessoas à depressão.

"A Organização Mundial da Saúde, OMS, alertou que mais de 300 milhões de pessoas sofrem de depressão no mundo, os dados são de 2015. O resultado é maior do que as populações do Brasil e dos outros sete países de língua portuguesa somados.

Brasil

O relatório sobre depressão e outras doenças mentais comuns diz ainda que outros 300 milhões sofrem de algum tipo de transtorno de ansiedade.

No Brasil, a OMS disse que foram registrados 11,5 milhões de casos de depressão, quase 6% da população. Os casos de nasiedade foram maiores, chegaram a 18,6 milhões, pouco mais de 9% dos habitantes do país".

https://news.un.org/pt/story/2017/02/1578281-oms-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-sofrem-de-depressao-no-mundo

Segundo o professor Alfredo Simonetti, psiquiatra e psicanalista, existe um fato que é inegável:
"As pessoas quando sofrem, procuram remédio". Afinal, ninguém gosta de sentir dor!
Mas será que toda dor precisa ser curada com remédios?
Atualmente sabemos que não existem apenas remédios em pílulas para amenizar a dor, mas também remédios que atuam pela palavra: as terapias, e a filosofia. Mas optar pelo caminho da palavra como forma de tratamento requer muita paciência e esforço do indivíduo, já que a cura não será instantânea, e o alívio não será imediato. Mas num mundo que demanda soluções imediatas, aliado a uma indústria farmacêutica com interesses mercadológicos que se sobrepõem aos valores éticos relacionados à vida, o caminho esperado é o da medicalização.
Vamos pensar um pouco nesses aspectos relacionados à nossa sociedade:

1- Altamente tecnológica;
2- Competitiva;
3- Hedonista;
4- Individualista;
5- Angustiada pelo excesso de possibilidades, ou talvez a falta delas. Por vezes, muitos se veem sem qualquer possiblidade no horizonte;
6- Narcisista - não somente aparecer para o outro, mas também para você mesmo. A gente se exibe para esse outro interno.

Leia com atenção o fragmento abaixo:

"Uso aqui a expressão 'modernidade líquida' para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como "pós-modernidade", "modernidade tardia", "segunda modernidade" ou "hipermodernidade". O que torna "líquida" a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua "modernização" compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. "Dissolver tudo que é sólido" tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio; mas hoje, ao contrário de ontem, as formas dissolvidas não devem ser substituídas (e não o são)

por outras formas sólidas – consideradas "aperfeiçoadas", no sentido de serem até mais sólidas e "permanentes" que as anteriores, e portanto até mais resistentes à liquefação. No lugar de formas derretidas, e, portanto, inconstantes, urgem outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e, portanto, também inconstantes.”

BAUMAN, Zygmunt. A Cultura no Mundo Líquido Moderno. 1ª edição. Ed. ZAHAR em associação com o National Audiovisual Institute, NInA, Polônia. 2013. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. p.16

1- Como o sociólogo explica a expressão “modernidade líquida”?
2- Elabore uma propaganda de TV incentivando o espectador a buscar outras alternativas para lidar com o sofrimento, que não o uso de pílulas. lembre-se: seja convincente! Depois, apresente para a classe!

Seção 2 - MAS O QUE É TER SAÚDE?

Por milênios, saúde significava ter harmonia e equilíbrio, o contrário disso seria o desequilíbrio, a doença. Contudo, depois das tragédias contra o ser humano ocorridas na Segunda Guerra Mundial, a OMS - Organização Mundial de Saúde ampliou o conceito definindo a saúde como ‘um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades’.
Essa mudança implicou em outras práticas médicas e impulsionou equipes de profissionais a produzirem conhecimento para definir o que é saúde, o que é enfermidade, o que é o sofrimento, morte e a vida.

O médico e filósofo Hipócrates, que viveu na Grécia no século V a.C., afirmava que ter saúde era sinônimo de equilíbrio.
Você conhece o juramento de Hipócrates?
Até hoje, nas formaturas do curso de medicina, os futuros médicos declaram o juramento de Hipócrates: juram sobretudo defender a integridade da vida humana. Será que esse juramento está de fato sendo levado a sério por todos esses profissionais?

Juramento de Hipócrates

Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue:
Estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.
Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém.
Para ninguém darei por comprazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.
Conservarei imaculada minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha, mesmo sobre um calculoso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam.
Em toda casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.
Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.
Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.

https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3

a) Você consegue se lembrar, ou já teve notícias de pessoas que viveram situações relacionadas às práticas médicas duvidosas? Relate-as para a classe.

b) Se Hipócrates vivesse nos dias atuais, como ele escreveria esse juramento? Quais condutas éticas constariam nesse novo documento?

O desafio de uma vida saudável e os cuidados com a alimentação

É inerente ao ser humano a busca pela felicidade e, para isso, é imprescindível ter saúde, levar uma vida saudável. Essa é a recomendação dos profissionais da saúde para todos aqueles que desejam ter uma vida longeva e desejam envelhecer com mais qualidade. Embora a expectativa de vida tenha aumentado no Brasil, muitas pessoas acabam envelhecendo em péssimas condições, sofrendo entre outras enfermidades, com a limitação dos movimentos. Quem não deseja ter uma vida longa, mas sobretudo conservando as atividades que tanto gosta de fazer? Essa deveria ser também uma preocupação não só do indivíduo, que precisa cuidar da alimentação e se dedicar a práticas de exercício físico, mas também do Estado.
A falta de fiscalização do governo aliado a interesses de lucro de grandes empresas, torna possível muitas irregularidades quando falamos sobre a quantidade de agrotóxicos a que os alimentos estão sendo expostos, antes de chegarem em nossa mesa. A ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), também responsável por fiscalizar as irregularidades em torno da aplicação de agrotóxicos nos alimentos, parece muitas vezes ceder aos interesses desses grandes grupos econômicos.

Vamos ler juntos esse artigo de *Gernote Kirinus?*

Teólogo e filósofo, é pós-graduado em antropologia filosófica e sociologia política. Atualmente trabalha como pesquisador do Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA) na área da ética e epistemologia.

Filosofia e agricultura: reflexões sobre o tempo de Cronos e o tempo de Kairós

Ao adentrarmos o mundo da produção agrícola orgânica e o mundo da agroecologia, deparamo-nos com o binômio 'produtor e agricultor'. E, nesse sentido, defrontamo-nos com um conflito a ser superado: é o conflito que se estabelece entre a demanda por uma *produção quantitativa* em prazos mais curtos do que os prazos oferecidos pela natureza; e a *produção qualitativa* adequada aos ciclos naturais. A produção quantitativa transforma o homem do campo em um simples produtor – ou reprodutor – sob a batuta da tecnologia moderna. A produção qualitativa adequada aos ciclos naturais, por outro lado, remete ao respeito ao comportamento cultural do homem do campo. E faz dele um agricultor dotado de uma cultura agropastoril, um agricultor que desenvolve uma verdadeira cultura criativa no ato de produzir.

Uma curiosidade: esse dilema entre os conceitos de *agricultor criativo* e *produtor reprodutivo* é, por sinal, o mesmo dilema que enfrentamos também na educação entre *professor* e *mestre*. Explico: quando lecionava filosofia em Paranaguá (PR), numa faculdade privada, deparei-me com um conflito de interesses. A instituição estava interessada em se manter com as mensalidades pagas pelos alunos – que pareciam apenas interessados em um diploma para disputar o mercado de trabalho. Era exatamente no cruzamento desse jogo de interesses que se encontrava a figura do professor. Mas o professor, curiosamente, quando realizava um trabalho sério, acabava por atrapalhar tanto o interesse da instituição quanto o interesse dos alunos. É nesse contexto que emerge uma nova dicotomia: a do *professor profissional* em oposição ao *mestre vocacional*.

Naquela faculdade, o *professor profissional* se contentava com um salário que não inspirava muito contentamento. A função servia como um quebra-galho, um mero 'bico'. Já o *mestre vocacional*, muito além do salário, alegrava-se com o progresso dos seus discípulos na aprendizagem e, especialmente, com a criatividade de cada um. Esse quadro era tão comum e natural que, certa feita, um aluno me perguntou se eu só lecionava ou se eu também trabalhava! Queria saber o que eu fazia durante o dia, pois lecionava à noite. Talvez, para o aluno, o ato de estudar tanto era um 'bico' para melhorar seu currículo quanto para o professor lecionar era um 'bico' para aumentar seus proventos. E a sociedade se dava por satisfeita. Criava-se a falsa ilusão de que o nível cultural aumentava com o número de pessoas com nível universitário.

Mas por que, afinal, conto essa história? Porque a mesma ilusão, na verdade, ocorre também no contexto da produção de alimentos. Costuma-se dizer (embora existam controvérsias) que a produção em grande escala torna o alimento mais barato e mais acessível. Já a o alimento orgânico ou agroecológico, por ser normalmente mais caro, acaba por ser menos consumido pelos que ganham pouco. A ilusão, nesse caso, é acreditar que o primeiro método é realmente mais barato – uma vez que o consumo de alimentos oriundos da agricultura convencional pode estar, em muitos casos, associado à ingestão direta ou indireta de insumos químicos altamente tóxicos para a saúde humana. O consumo de alimentos orgânicos, por outro lado, é não apenas saudável como também pode preve-

nir doenças. Portanto, podemos cair em uma armadilha: pagamos barato pelo alimento convencional, mas pagaremos caro pelos medicamentos e custos de saúde associados aos males possivelmente associados ao consumo de agrotóxicos. Já no caso da agricultura agroecológica ou orgânica, tal raciocínio é simplesmente invertido.

Os elementos geradores dessas ilusões, porém, não são as dicotomias entre *professor* e *mestre* ou *produtor* e *agricultor*. Na verdade, a origem dessa percepção errônea está na consciência dos que se servem desses dois serviços. Andamos muito apressados; queremos tudo para agora. É o imediatismo que rege grande parte de nossas vidas. Ao mesmo tempo, somos ansiosos por tirar vantagem de tudo e de todos. Em outras palavras, vivemos sob pressão do deus Cronos – que, na mitologia grega, é o deus do tempo. Cronos costumava comer os seus filhos assim que nasciam: é o cronômetro engolindo os segundos, minutos, horas, dias, meses e anos durante séculos e milênios.

Quem nos salva desse deus devorador de seus próprios filhos é o deus Kairós – que, na mesma tradição mitológica, é o deus da graça que vem de tempos em tempos trazendo a alegria da primavera, o calor do verão, o frio intenso do inverno antecedido

pelos frutos do outono. Eis a lição: não é a pressa que nos salva de Cronos. Mas a paciência. O tempo de Kairós não se mede em minutos ou horas. O tempo da graça pode se tornar longo quando estamos sob a desgraça de uma dor de dente; mas pode ser veloz como a luz quando estamos em estado de graça, lendo um bom romance, assistindo a um bom filme ou desenvolvendo cultura – nem percebemos que o tempo avançou!

O *agricultor* se orienta pelo tempo Kairós. Já o *produtor*, sob a pressão de produzir mais e mais rápido, orienta-se pelo tempo de Cronos, que é o implacável cronômetro devorador do tempo, da esperança, da alegria e até mesmo da vida. Eis a diferença fundamental entre o *produtor* e o *agricultor*, entre o *professor* e o *mestre*. Uns obedecem ao deus Cronos, e outros se orientam pelo deus Kairós.

Disponível em http://reporterbrasil.org.br/2017/11/agrotoxicos-alimentos-brasil-estudo/Acesso em 10/02/2019

Atividade

1- Após a leitura do artigo, procure estabelecer relações entre alimentação, saúde e medicalização.

2- Como o autor relaciona as diferentes formas de concepção de tempo — *Cronos e Kairós* — com o dilema do produtor e agricultor?

ATIVIDADE DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Orientações de Leitura:

1. Faça uma leitura do texto e grife as palavras que você desconhece;
2. Procure no dicionário o significado delas;
3. Leia atentamente cada parágrafo e tente explicá-lo para um amigo o que entendeu;
4. Anote no caderno as ideias chaves de cada parágrafo: tenha calma para fazer esse exercício de paráfrase. Escrever com as suas próprias palavras, demanda tempo e paciência. Procure deixar anotado as tentativas de escrita. Não as apague.

A medicalização e a mercantilização da vida

Remédios, consultas e tratamentos médicos, planos de saúde e até pesquisas sobre doenças e genética humana transformaram a vida em uma espécie de mercadoria ou fonte de consumo. No entanto, quando o desejo de lucro se sobrepõe ao atendimento das necessidades essenciais das pessoas, a questão se transforma em um problema ético por excelência, pois a comercialização dos recursos da saúde não deveria colocar em jogo o valor da vida humana.

No Brasil, programas e iniciativas do poder público em diferentes níveis têm possibilitado baratear a produção de remédios e ampliar os tipos de tratamento disponíveis para a população. A educação, por sua vez, também amplia as oportunidades de acesso à saúde, facilitando a adoção de cuidados preventivos e as respostas mais rápidas aso primeiros sintomas de doenças. Não esquecer ainda das campanhas de vacinação, de alimentação equilibrada e da constante vigilância sanitária. Tudo isso, obviamente, é positivo e necessário e ainda há muito o que fazer para atender às necessidades de saúde da população.

Por outro lado, é importante notar a medicalização crescente da sociedade, causada pela ideia de que a medicina pode resolver tudo, evidentemente, com a ajuda dos produtos farmacêuticos. Segundo essa tendência, para quase tudo se acena com um tipo de remédio que "cura" todo o tipo de mal-estar, além daqueles que curam as sequelas do uso de outros, e assim por diante, numa espécie de reação em cadeia. Há remédios e suplementos para ficar forte, aliviar o cansaço, iluminar a pele, emagrecer, engordar, ficar bonito, tirar a dor, ficar bem-disposto e muitos outros, que cada vez mais enchem as prateleiras das farmácias espalhadas em muitas ruas, praças e shoppings das cidades.

Podemos considerar que o aumento de consumo de produtos farmacológicos, destinados a atender necessidades secundárias como a adoção de um padrão estético ditado pelos diferentes meios de comunicação social, poderia ser substituído pelo cuidado com a alimentação e com a prática de atividade física. Contudo, a urgência em estar de acordo com os padrões leva as pessoas a consumir, muitas vezes de forma equivocada e sem prescrição médica, remédios, suplementos e fórmulas que prometem resultados em curto prazo. Se a propaganda promete efeitos mais rápidos para o emagrecimento ou para a conquista da forma considerada socialmente como ideal, isso não significa que a responsabilidade pessoal social possa ser substituída pelo mercado da saúde. Aqui está outra área de atuação da bioética, que se preocupa não apenas com o acesso econômico das pessoas aos produtos farmacêuticos, mas também com a imposição mercadológica de produtos em áreas que podem dispensar qualquer forma de medicalização.

Caderno do aluno.p.38-39. v2. Elaborado especialmente para o São Paulo faz escola.

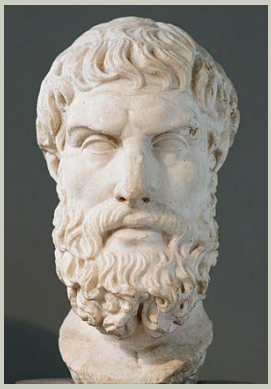
Seção 3 - O SOFRIMENTO PARA OS FILÓSOFOS

- **O desejo e a vontade como fonte de sofrimento**
- **O sofrimento como superação**

Frustração, angústia e desequilíbrio... esses sentimentos não são estranhos a ninguém, todos nós já passamos por momentos em que nos percebemos tomados por tais fragilidades.

Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico nos convida a refletir sobre as armadilhas do desejo quando este é encarado de forma desenfreada e pouco refletida, levando-nos ao sofrimento.

Para o filósofo, saber discernir entre o desejo e a necessidade pode ser a chave para nos livrar do sofrimento e alcançar uma vida feliz.



Epicuro

(341-270 a.C)

"O filósofo nasceu na ilha grega de Samos, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada herdada do pai emigrante. Em Asmos, ele passou a infância, e a juventude, iniciando os estudos de filosofia com o acadêmico Pânfilo, filósofo platônico, cujas lições seguiu dos 14 aos 18 anos.

Ao atingir essa idade, em 323, Epicuro transfere-se para Atenas a fim de cumprir os dois obrigatórios de treinamento militar destinado aos efebos.

É em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, que Epicuro irá também encontrar os grandes filósofos ainda em atividade após o desaparecimento de Sócrates e Platão (com exceção de Aristóteles). "

EPICURO. Carta sobre a Felicidade (a Meneceu).São Paulo, editora: Unesp; 2002.

“Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

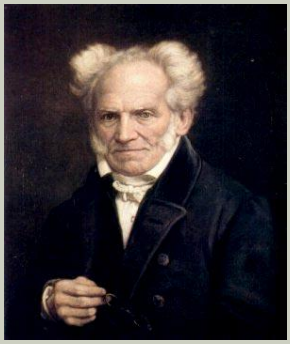
Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir. É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor. ”

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu).* Tradução: Álvaro Lorencini, Enzo Del Carratore. São Paulo, editora: Unesp; 2002.

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer descreveu o sofrimento de uma outra forma: afirma que o sofrimento aumenta conforme o grau de inteligência, e quanto mais consciência, mais dor.

Segundo filósofo:

“TODA VIDA É SOFRIMENTO”, é uma máxima explícita em toda obra de Schopenhauer, e esta verdade se fundamenta sobre sua concepção de que o mundo é essencialmente Vontade.



Schopenhauer

(1788-1860)

“Filho de Heinrich Floris Schopenhauer, comerciante da cidade de Dantzig, na Prússia, o filósofo Arthur Schopenhauer estava destinado a seguir a profissão de seu pai. Por isso, a família nunca se preocupou muito com sua educação intelectual. E, quando contava apenas doze anos de idade, em 1800, induziu-o a empreender uma série de viagens importantes para um futuro comerciante. Passou por vários lugares, mas seu interesse não foi despertado por aquilo que seu pai mais desejava: o que fez de mais importante, durante essas viagens, foi redigir uma série de considerações melancólicas e pessimistas sobre a miséria da condição humana...”

SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e Representação. São Paulo: Abril, 1985. (Os pensadores)

"A vida do indivíduo está muito longe de se manter num destes casos extremos; raramente os toca, e, a maior parte das vezes, apenas avança com um andar débil, hesitante, em direção a um a outro lado, reduzida a mesquinhos desejos que tendem para objetos desprezíveis, com recuos perpétuos que a fazem escapar ao aborrecimento. – Na verdade, custa a crer a que ponto é insignificante, vazia de sentido, aos olhos do espectador estranho, a que ponto é estúpida e irrefletida, para o próprio ator, a existência que a maior parte dos homens leva: uma espera tola, sofrimentos estúpidos, uma marcha titubeante através das quatro idades da vida, até esse termo, a morte, na companhia de uma procissão de ideias triviais. Eis os homens: relógios; uma vez montado, funciona sem saber por quê. A cada concepção, a cada geração, é o relógio da vida humana que reanima para retomar o seu estribilho, já repetido uma infinidade de vezes, frase por frase, medida por medida, com variações insignificantes."

SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro, Contraponto,2001.

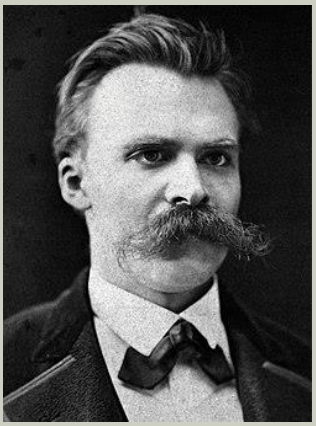
Para refletir:

- **O que você pensa sobre essa frase do filósofo:**

"Eis os homens: relógios; uma vez montado, funciona sem saber por quê"

Para o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) sofrer não é algo ruim.
O sofrimento na filosofia nietzschiana é algo necessário para superar as dificuldades da vida. Pode ser ressignificado.

"O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não nega em si sofrer, ele o deseja, ele procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!



Nietzsche

(1884-1900)

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu a 15 de outubro de 1844 em Röchen, localidade próxima a Leipzig. Karl Ludwig, seu pai, pessoa culta e delicada, e seus avós eram pastores protestantes; o próprio Nietzsche pensou em seguir a mesma carreira.
Em 1849, seu pai e seu irmão faleceram; por causa disso, a mãe mudou-se com a família para Naumburg, pequena cidade às margens do Saale, onde Nietzche cresceu, em companhia da mãe, duas tias e da avó. Criança feliz, aluno modelo, dócil e leal, seus colegas de escola o chamavam de "pequeno pastor"; com eles criou uma pequena sociedade artística e literária, para qual compôs melodias e escreveu seus primeiros versos..."

NIETZSCHE, Friedrich. Obras incompletas; seleção de textos de Gérard Lebrun. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. 4ª reimpressão. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 149.

[...] existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida - e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mesmos mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Tradução Antônio Carlos Braga. 3. Ed. – São Paulo: Editora Escala, 2006.

"Aquilo que não causa minha morte, torna-me mais forte".

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Se perguntarmos a uma bailarina se o sofrimento vale a pena, o que você acha que ela responderia?

Para refletir

- E você o que pensa: a realização de um objetivo ou de um desejo justificaria suportar determinados sofrimentos?
- É possível viver uma vida sem sofrimento?
- Podemos colocar todos os sofrimentos em uma mesma categoria de aceitação?

FILME!

Vimos acima que para os filósofos o sofrimento é algo inevitável e muitas vezes é preciso passar por ele.

No filme que vamos assistir, "um famoso ator, procura solução num laboratório particular conhecido como Armazém das Almas, que oferece aos nova-iorquinos alívio para suas almas cansadas. Ele decide extrair sua alma e, depois de uma tentativa fracassada de viver e atuar sem uma alma, aluga a suposta alma de um poeta russo. As coisas tomam um rumo inesperado quando ele encontra Nina (Dina Korzun), uma russa contrabandista de almas."

(http://www.adorocinema.com/filmes/filme-142442/)

Data de lançamento 9 de julho de 2010 (1h 41min)
Direção: Sophie Barthes
Elenco: Paul Giamatti, Dina Korzun, Emily Watson mais
Gêneros Comédia dramática, Fantasia
Nacionalidades França, EUA

http://cinegnose.blogspot.com/2017/05/em-almas-venda-chave-do-sucesso-e-perda.html

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Imagine-se participando de uma seleção para ser um resenhista de um jornal renomado. A tarefa será fazer uma resenha crítica do filme que você acabou de assistir: Almas à Venda.

Orientações para fazer uma resenha

- Informe os dados a respeito da obra que está sendo resenhada.
- Lembre-se da sinopse do livro resenhado.
- Resuma em 3 a 5 parágrafos.
- Faça uma análise crítica, expressando suas opiniões, podendo até fazer comparações.
- Faça a recomendação ou não da obra resenhada, podendo especificar se é um filme indicado para crianças, jovens, adultos, estudantes etc.
- Identifique o autor do conteúdo resenhado.
- Assine sua resenha e lembre-se de informar as referências feitas na sua resenha, caso as tenha feito.

http://www.normasabnt.net/resenha-abnt/http://www.normasabnt.net/resenha-abnt/

Resenha crítica	Resumo
• Cabeçalho (referência da obra resenhada). • Informações sobre o autor (de forma breve, informações como nacionalidade, formação, livros publicados etc.). • Resumo (ideias e partes principais da obra, inclusive, caso houver, especificar quantos e quais são os capítulos). • Comentários e julgamentos do resenhista. • Recomendações do resenhista (público-alvo ao qual a obra é endereçada)	• Referência à obra que será resumida: precede o texto. • Ressaltar objetivo, método, resultados e conclusões do documento. • Retirar elementos redundantes e aspectos irrelevantes. • Seleção das ideias principais. • O texto deve ser em prosa; não deve ser produzido em tópicos. • Usar, predominantemente, o verbo na voz ativa e na 3ª pessoa. • Palavras-chave: são colocadas após o resumo, indicadas pela expressão "Palavras-chave:" e devem estar separadas por vírgulas e finalizadas com ponto final.

https://brasilescola.uol.com.br/redacao/diferencas-entre-resenha-critica-resumo.htm

Vimos no filme que o ator Paul Giamatti, após ficar sem a sua alma, e se sentir completamente vazio, decide recuperá-la. No momento em que está diante do Dr. Flintstein, o ator expressa as suas angústias:

"Quero minha alma de volta: não sinto mais nada".

Podemos relacionar esse pedido de socorro do personagem Paul com a música "SOCORRO" de Arnaldo Antunes.

Vamos ouvir?

Música: Socorro não estou sentindo nada

Socorro
Não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir
Socorro
Alguma alma, mesmo que penada
Me empreste suas penas
Já não sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Socorro
Alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento
Acostamento, encruzilhada
Socorro! Eu já não sinto nada

https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/44207/

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Vamos fazer uma experiência semelhante ao que o personagem do filme Paul Giamatti passou? Observamos que a alma no filme representa a essência da pessoa, o que podemos chamar de "eu". Consideremos que esse "eu" é construído no tempo através do binômio ação e reflexão, entendendo a ação como a interação com os seus pares e com o ambiente natural; e a reflexão como um movimento de ressignificação desta interação entre o eu e o mundo.
Escreva uma narração em 1ª pessoa relatando esse duplo movimento.

TEXTO DE APOIO PARA AVALIAÇÃO FINAL

Leia com atenção o texto seguindo as instruções dadas anteriormente.

Parte III - A ÉTICA NA ENGENHARIA GENÉTICA

Todos deveriam receber de braços abertos uma terapia genética capaz de aliviar a distrofia muscular e conter a perda muscular debilitante que surgem com a idade. Mas e se essa mesma terapia fosse utilizada para produzir atletas geneticamente alterados? Pesquisadores desenvolveram um gene sintético que, quando injetado nas fibras musculares de ratos, provoca o crescimento muscular e evita que os músculos se deteriorem com a idade. O êxito traz bons prognósticos para o uso do gene em seres humanos. O dr. H. Lee Sweeney, responsável pela pesquisa, espera que sua descoberta seja capaz de sanar a imobilidade que aflige os idosos. Os ratos curados do dr. Sweeney, entretanto, já atraíram a atenção de atletas que estão em busca de vantagem competitiva. Isso porque o gene não apenas promove a reparação dos músculos lesionados, mas também fortalece os músculos saudáveis. Embora a terapia não esteja ainda aprovada para uso em seres humanos, a perspectiva de halterofilistas, batedores de beisebol, jogadores de futebol americano e corredores geneticamente melhorados é fácil de imaginar. O uso generalizado de esteroides e outras drogas de melhoramento de desempenho no esporte profissional sugere que muitos atletas ficariam ansiosos para se lançar à terapia de melhoramento genético. O Comitê Olímpico Internacional (COI) já está preocupado com o fato de que, ao contrário de drogas e medicamentos, não é possível detectar a presença de genes alterados em testes de urina ou de sangue.

A perspectiva de atletas geneticamente alterados ilustra bastante bem os dilemas que existem em torno do melhoramento genético. O COI e outras ligas profissionais do esporte deveriam banir os atletas geneticamente melhorados? Em caso afirmativo, em que termos? Os dois motivos mais óbvios para banir o uso de drogas nos esportes são a segurança e a igualdade: os esteroides apresentam efeitos colaterais danosos, e permitir que alguns atletas melhorem seu desempenho arriscando-se a prejudicar seriamente a saúde colocaria seus adversários em um pé de injusta desi-

gualdade. Mas suponhamos, a título de argumentação, que a terapia genética de melhoramento muscular fosse segura, ou pelo menos não mais arriscada do que um programa de musculação rigoroso. Será que ainda assim haveria razão para banir o seu uso nos esportes? Sim, existe algo de inquietante em relação ao espectro de atletas geneticamente modificados levantando SUVs, marcando home runs de 200 metros ou correndo 2 quilômetros em três minutos, mas o que exatamente nos inquieta ao imaginarmos tais situações? Será apenas porque consideramos tais espetáculos super humanos bizarros demais para serem contemplados, ou será que nosso mal estar aponta para algo de relevância ética?

A distinção entre curar e melhorar parece ser de cunho moral, mas não é óbvio em que consiste essa diferença. Pense nisto: se não há problema que um atleta machucado repare uma lesão muscular com a ajuda da terapia genética, por que é errado que esse mesmo atleta estenda a terapia de modo a não apenas curar o músculo, mas também voltar para o páreo melhor ainda do que nates? Podemos argumentar que um atleta geneticamente modificado teria uma vantagem injusta em relação a seus adversários não melhorados, porém o argumento contra o melhoramento apoiado na questão da justiça tem em si uma falha fatal. Sempre houve atletas geneticamente superiores e, contudo, não julgamos que a desigualdade natural da herança genética de uns em relação a outros prejudique a justiça nas competições esportivas. Do ponto de vista da justiça e da igualdade competitiva, as diferenças genéticas provocadas pelo melhoramento não são piores do que as naturais. Além do mais, supondo que seu uso seja seguro, as terapias de melhoramento genético poderiam estar disponíveis para todos. Se o melhoramento genético nos esportes é moralmente censurável, então deve sê-lo por motivos que vão além da justiça e da igualdade.

SANDEL, Michael J. Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética. Tradução Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 23-24

Avaliação

Orientações:

1- Selecione na internet (jornais, revistas, artigos) casos de pessoas famosas (ou não) que optaram por uma intervenção cirúrgica para um melhoramento estético;

2- Descreva e explique o caso: quem é a pessoa? Como aconteceu a cirurgia? Quais as razões pelas quais a pessoa decidiu por tal procedimento?

3- Faça a seguinte análise:

a) Você concorda com a atitude tomada? Posicione-se favoravelmente, contrariamente ou disserte sobre um outro posicionamento.

b) Escreva uma carta aconselhando a pessoa a fazer a cirurgia, concordando com ela sobre as perspectivas e influências positivas da engenharia genética em nossa vida ou para que ela reflita melhor e repense sobre a decisão de fazer o procedimento cirúrgico. (Lembre-se de se apoiar nos textos discutidos em aula).

Proposta de Trabalho com os alunos

Oficina de Bioética

Como vimos nessa sequência didática, a problemática da medicalização da vida relaciona-se com outras áreas do conhecimento, sendo quase impossível abordá-la isoladamente. Nesse sentido, que tal convidarmos professores de outras disciplinas para discutirem com a gente?

Para dialogar conosco sobre esse tema, sugere-se a participação das áreas de Biologia, Química e Sociologia. (as outras disciplinas também poderão se juntar a nós, caso julguem pertinente).

Veja (aluno ou professor) com a direção um lugar amplo na escola, como um auditório, ou uma sala de vídeo, desde que seja um ambiente com espaço para acomodar todos os alunos e professores convidados.

IMPORTANTE

É recomendável que alunos e professores recebam o texto que orientará a oficina, antes desta acontecer. Uma leitura prévia em sala de aula favorece uma discussão mais amadurecida.

OFICINA

Esse termo é empregado, no sentido pedagógico, para designar um espaço de encontro entre alunos e professores de outras áreas para discutir um assunto escolhido para a oficina.

O objetivo é criar mais um espaço para o filosofar, de modo a alargar o olhar por meio do diálogo com outras disciplinas; exercitar a escuta filosófica de um texto, ou de um outro recurso selecionado pelo professor; e também dos argumentos colocados pelos alunos e pelos professores.

A organização de uma oficina requer cuidado com a escolha dos textos para a discussão. O professor deve atentar para a linguagem; a linha de argumentação; e os espaços de possíveis embates.

Outros temas também poderão ser trabalhados no formato de oficinas: Aborto; Ética e Direito dos animais; Eutanásia; Clonagem.

Sugestões de textos para trabalhar na oficina

1-Medicalização da Vida: a quem interessa?
Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf

2-Os três trechos selecionados dos filósofos Epicuro, Friedrich Wilhelm Nietzsche e Arthur Schopenhauer (ver Seção II desse material).

3-Texto: Ética na era da engenharia genética (ver texto na Seção III).

Sugestões de vídeos:

Invenção do remédio | Alfredo Simonetti
Disponível em :https://www.youtube.com/watch?v=S5mzsLpP-no

Medicalização da saúde | Naomar Almeida Filho
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kF58rMxir2I

Texto complementar

Medicalização da Vida: a quem interessa?

A indústria das vitaminas, dos medicamentos fitoterápicos, dos medicamentos alopáticos e dos homeopáticos cresceu vertiginosamente no mundo inteiro. Hoje, por exemplo, a indústria farmacêutica é a segunda em faturamento no mundo, perdendo apenas para a indústria bélica. Passamos então a ter um novo elemento no cardápio da vida: os medicamentos. É comum, no café da manhã, levarmos um pequeno estojo cheio de pílulas coloridas para cada parte do corpo e que, pretensamente, nos ajudarão em alguma coisa, ou então, na sala dos professores, no intervalo de aulas, uma colega solicitar a outra uma pílula que retire um pouco o seu "stress" da sala de aula.

Essas drogas lícitas, pois são vendidas em farmácias e, na maioria dos casos, compradas com receitas médicas têm ajudado em determinados casos a nos dar um conforto necessário à vida, mas por outro, quando utilizadas para fins comportamentais ou para emagrecimento, principalmente, têm gerado uma série de efeitos colaterais como insônia, desânimo e até a crença de que os problemas da vida, das relações que estabelecemos com as pessoas, e que nos incomodam, são inerentes a nós, transtornos nossos, e estariam sendo resolvidos pelas pílulas que tomamos.

A preocupação que estamos destacando, nesse momento, é pelo fato de percebermos, diariamente, que sentimentos como: tristeza, alegria e medo, passaram a ter uma medida tal, que se ultrapassarem certa métrica, considerada como a mesma para uma população, serão transformados de sentimentos legítimos em diagnósticos patológicos e, não raras vezes, as pessoas

são medicadas com anfetaminas, estimulantes, dentre outras drogas denominadas de "tarja preta" pelos sérios efeitos colaterais que causam, assim como a dependência. Por exemplo, nessa métrica, chega-se ao cúmulo de estabelecer que é possível chorar a morte de uma pessoa querida por 15 dias, mais do que isso, seria indicativo de um quadro depressivo, passível de medicação.

Portanto, enquanto na sociedade brasileira são feitos enormes alardes em relação às drogas ilícitas e campanhas envolvendo grandes somas de dinheiro público são realizadas para o controle e tratamento de algumas delas, como o crack, há outra questão de enorme importância que é o avanço na utilização das drogas lícitas. No Brasil, por exemplo, o metilfenidato, substância dada para crianças e adolescentes com a pretensão de diminuir o chamado "déficit de atenção" na escola, subiu de 70.000 caixas vendidas em 2000 para dois milhões de caixas em 2010, inserindo o Brasil no segundo maior consumidor dessa droga no mundo, perdendo somente para os Estados Unidos.

A venda crescente de medicamentos tem gerado, inclusive, distorções no meio médico, pois muitos desses profissionais vêm recebendo "brindes" dos laboratórios pela quantidade de remédios de determinada marca que receitam a seus pacientes. A pressão dos laboratórios é tão evidente que, em 2010, o Conselho Federal de Medicina proibiu os médicos de receberem "vantagens materiais" por receitarem determinados medicamentos e voltou atrás em 2012, permitindo que fosse possível oferecer, em troca, uma viagem para Congresso por ano, financiada por determinado laboratório, justificando que é uma "tendência mundial".

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf

Materiais Sugeridos

Vídeos

Invenção do remédio | Alfredo Simonetti
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S5mzsLpP-no

Medicalização da saúde | Naomar Almeida Filho
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kF58rMxir2I

Medicalização da vida (Nau dos insensatos)
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JZliK_BW2ks

Conheça a bula da ritalina! Ela não mente!
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s3HZ2KK_9uk

Romper práticas medicalizantes: um desafio para educação
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0IrriwfD4xI

Artigos

Brasileiros importam sêmen dos EUA com busca minuciosa de doadores
Bancos tem filtros como gosto musical, religião, signo, doenças e semelhanças com celebridades.
Folha de São Paulo. Caderno-Saúde. Maio/2018.
Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/05/casais-importam-semen-dos-eua-com-busca-que-inclui-semelhanca-com-famosos.shtml

Medicalização da beleza: reflexão bioética sobre a responsabilidade médica
Disponível em:
http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/628

O Biofilho
Disponível em:
http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/382/482

Por que Bioética?
Disponível em:
http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/474/291

Bioética e gênero
Disponível em:
http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/68

UNESCO. Declaração Universal em Bioética e Direitos Humanos
Disponível em:
http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf

Médicos defendem humanização na relação com os pacientes
Disponível em**:**
http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2014/10/17/medicos-defendem-humanizacao-na-relacao-com-os-pacientes

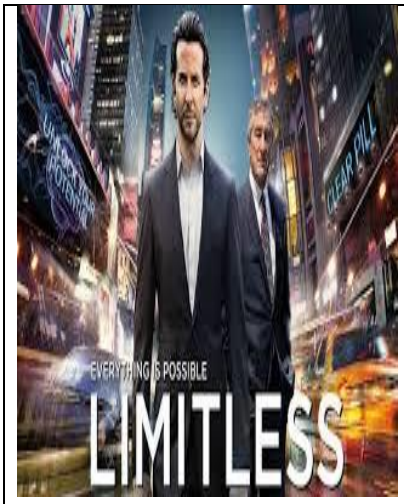
Filmes/séries

	Take your pills "Estimulantes vendidos com receita médica, como o Adderall, prometem melhorar o desempenho cognitivo. Uma grande tentação em uma cultura obcecada pelo sucesso". Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/80117831. Acesso em 10/09/2018
	Terapia de risco "A trama gira em torno da jovem Emily Hawkins (Rooney Mara), que acaba de ver o marido (Channing Tatum) ser libertado da prisão por um crime de colarinho branco. Mesmo aliviada, Emily tem crises de depressão e busca a ajuda de medicamentos prescritos para conter a ansiedade. Ela também busca amparo num tratamento psicológico, lidando com profissionais (Jude Law e Catherine Zeta-Jones). O tratamento, por mais que comece de forma positiva, vai gerar consequências inesperadas na vida da jovem". Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-200313/ Acesso em 10/09/2018
	Gattaca "Num futuro no qual os seres humanos são criados geneticamente em laboratórios, as pessoas concebidas biologicamente são consideradas "inválidas". Vincent Freeman (Ethan Hawke), um "inválido", consegue um lugar de destaque em corporação, escondendo sua verdadeira origem. Mas um misterioso caso de assassinato pode expor seu passado." Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-17079/ Acesso em 10/09/2018

O jardineiro fiel

"O filme começa com o assassinato de uma ativista política (Weisz) no Quênia. Seu marido, o diplomata inglês Justin Quayle, interpretado por Ralph Fiennes, inconformado com essa perda brutal, parte em busca da verdade, com a mesma obstinação que lhe move quando, nas horas vagas, se dedica ao seu jardim. Esse drama social, ao expor as delicadas relações de poder entre a indústria farmacêutica e os bastidores do governo inglês, revela as entranhas desta união perversa – que se concretiza com o intuito de gerar lucros e fortunas incalculáveis, além do tão almejado poder socioeconômico, sem medo de tocar nas feridas, ainda abertas, da neocolonização britânica na África".

Disponível em: https://www.infoescola.com/cinema/o-jardineiro-fiel/ Acesso em 10/09/2018



Sem Limites

"Eddie Morra (Bradley Cooper) sofre de bloqueio de escritor. Um dia, ele reencontra na rua seu ex-cunhado, Vernon (Johnny Whitworth), que lhe apresenta um remédio revolucionário que permite o uso de 100% da capacidade cerebral. O efeito é imediato em Eddie, pois ele passa a se lembrar de tudo que já leu, ouviu ou viu em sua vida. A partir de então ele consegue aprender outras línguas, fazer cálculos complicados e escrever muito rapidamente, mas para manter este ritmo precisa tomar o remédio todo dia. Seu desempenho chama a atenção do empresário Carl Van Loon (Robert De Niro), que resolve contar com sua ajuda para fechar um dos maiores negócios da história."

Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-135564/ Acesso em 10/09/2018

Limitless

"Nesta série baseada no longa-metragem de 2011, um músico fracassado libera todo o potencial de seu cérebro e é contratado pelo FBI para resolver os casos mais difíceis."

Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/80065182 Acesso em 10/09/2018

Carta às professoras e professores

Antes de aplicar esse material, é recomendável ao professor tomar contato a respeito de algumas especificidades que determinaram a elaboração do mesmo. Essa proposta didática sobre a Medicalização e a Mercantilização da Vida foi aplicada no 2º bimestre de 2018 na escola estadual Francisco Borges Vieira, num contexto de duas aulas de Filosofia por semana, totalizando aproximadamente dezesseis aulas no bimestre. Além desse aspecto, também foi levado em consideração as dificuldades dos alunos em se expressarem na linguagem escrita e oral, e por isso há várias sugestões de atividades para desenvolver essas competências. Embora o material sugira um caminho pedagógico, o professor poderá usá-lo da forma como lhe for mais conveniente, adequando ao seu contexto, pois cada docente encontrará conjuntos únicos de classe, inseridos numa realidade escolar distinta.

Vale ressaltar que o compromisso de um professor de Filosofia não é guiar os alunos para o caminho que ele julga ser o correto, qual um Cicerone que aponta a direção a ser seguida, mas sim criar um espaço na sala de aula para o exercício do pensamento, da discussão de conceitos e da problematização de forma a permitir aos alunos uma experiência filosófica do pensar por conta própria.

Nessa perspectiva, problematizar na sala de aula a questão da dificuldade do ser humano em lidar com o sofrimento a partir do uso excessivo de medicamentos, abriu um espaço para que os alunos questionassem o uso de remédios para depressão, embora em alguns casos, a medicação seja essencial, como muitos alunos colocaram nas discussões das Oficinas de Bioética. Outros ainda partilharam e reconheceram o desejo de responderem a uma estética ditada nas revistas e nas propagandas televisivas, levantando uma reflexão sobre autoestima; e a necessidade de pertencer a um grupo. Ainda nessa discussão, os meninos em especial trouxeram várias notícias de colegas que faleceram porque fizeram uso de “bombas” nas academias e esses exemplos dispararam uma investigação sobre as raízes desses problemas, e o que estaria na causa da não aceitação do próprio corpo. Muitos dos alunos alegaram que a responsabilidade por tal atitude de interferência no próprio corpo, recaia única e exclusivamente sobre o próprio sujeito, e por isso, as consequências eram justas. Esse posicionamento gerou uma discussão sobre qual seria o papel do Estado na garantia do bem-estar social, e provocou um debate sobre o lugar do sujeito no mundo, e quais seriam as influências do meio social em seu comportamento e nos desdobramentos de suas decisões.

A partir dessas experiências de sala de aula, construídas a partir da interlocução dos alunos e de um amplo trabalho de pesquisa sobre o assunto, espero que essa dissertação

encoraje e inspire outros professores a continuarem esse diálogo, propondo outros materiais e partilhando outras experiências.

3.2 Estratégias de Ensino

Diante do desafio de elaborar uma sequência didática sobre a Medicalização e a Mercantilização da Vida, para alunos do 2º ano do Ensino Médio, da rede pública, uma primeira pergunta se interpôs: Como iniciar essa abordagem? Por um texto de filosofia? Um filme? Um debate? Por um texto não filosófico? Começar com uma imagem? Seja qual for o recurso adotado pelo professor, é importante ter em mente que essa decisão não deve prescindir, antes de tudo, de uma concepção de aula de filosofia que o professor possui, intrinsecamente ligado à sua formação acadêmica, à sua prática de sala de aula, e a seu próprio olhar filosófico diante do mundo aspecto esse pouco valorizado nos cursos de licenciatura, que em sua maioria, priorizam em suas aulas a leitura e o comentário de textos filosóficos. Vale ressaltar que a leitura estrutural de um texto é um eixo importante de aproximação da Filosofia, embora comumente apareça na centralidade da maioria dos cursos de graduação em Filosofia. Nas aulas do ensino médio a reprodução desse formato de aula parece não dar conta de uma atividade mais totalizante da filosofia. E quando se ousa fazer algo diferente, que transcende a leitura estrutural de textos, a pergunta se antecipa: será que isso é filosofia? Aonde está a filosofia nessa aula?

Todas essas questões foram levadas em consideração antes de abraçar o desafio de elaborar a sequência didática sobre a Medicalização e a Mercantilização da Vida para os alunos no ensino médio. Ao invés de iniciar a abordagem por meio das inúmeras possibilidades citadas anteriormente, o ponto de partida foi a discussão de uma propaganda de remédio anunciada no intervalo comercial de televisão. Essa escolha revela a minha concepção de aula de filosofia, que pretendo esclarecer durante a escrita dessa dissertação. E a expectativa desse trabalho é que ele possa iluminar e fortalecer os professores que estão em busca de um aprimoramento de suas aulas a buscarem em si mesmos as ferramentas para confeccionarem seus próprios materiais de aula.

Ao decidir iniciar a abordagem chamando a atenção para a propaganda de um remédio, isto é, tentando levar o aluno a refletir sobre as questões do mundo, o intuito não é diminuir a importância da filosofia, ou forçar uma aproximação do aluno com a filosofia. Trata-se de instigar os alunos para o filosofar, tentar despertá-los para o exercício da suspeita,

do questionamento e da crítica frente às interpretações do mundo. Tomando emprestadas as palavras de Cerletti:

> o espaço comum entre filósofos e aprendizes é uma atitude de suspeita, questionadora ou crítica, do filosofar. Ensinar então esse olhar agudo que não quer deixar nada sem revisar, essa atitude radical que permite problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal. E essa disposição, nós a encontramos em qualquer filósofo: em Sócrates, em Descartes, em Kant, em Wittgenstein ou em Deleuze. E, ainda que cada um desses filósofos defina as próprias perguntas, construa seus problemas e ofereça suas respostas, ou seja, elabore a sua filosofia, a tenaz inquietude da busca é um traço comum a todos os filósofos. E isso também pode ser encontrado no professor ou na professora na aula de filosofia, quando filosofa com seus alunos. Quando exibe sua atitude perseverante de perguntar e perguntar-se e tentar encontrar respostas. (CERLETTI, 2009, p. 29)

Sabendo que os alunos do ensino médio não pretendem ser filósofos, e que muitas vezes em algumas escolas a carga horária se reduz a apenas uma aula por semana, o que se pode esperar das aulas de Filosofia? Penso que ensinar filosofia para os alunos do ensino médio significa ajudá-los a tomar decisões e posicionamentos, a desenvolverem um olhar mais aguçado, rigoroso, que não permite ou aceita nada sem alguma revisão mais aprofundada.

Nessa perspectiva, retomando a propaganda que dizia ao final do anúncio que deveríamos tomar remédio porque não tínhamos tempo para dor, o professor poderá propor algumas reflexões indicadas no material.

O material segue a abordagem problematizando nesse momento o que é ter saúde. Essa seção foi inspirada no programa Café Filosófico, Medicalização da saúde/Naomar Almeida Filho. O objetivo dessa parte do material didático é continuar o exercício de problematização, instigando o aluno a pesquisar e refletir sobre o que significa ter saúde nos dias atuais e como esse termo adquiriu diferentes acepções durante o desenvolvimento da sociedade e das mudanças das práticas médicas.

Em seguida, sugere-se a leitura do juramento de Hipócrates, ainda hoje proferido pelos alunos de medicina no momento da formatura, jurando praticarem a medicina honestamente. Cabe nesse momento, ao professor, conduzir uma reflexão sobre o respeito a esse juramento nas práticas médicas atuais. Essa abertura para o diálogo é um espaço profícuo para os alunos expressarem o conhecimento de mundo que possuem, suas experiências e questionamentos. E, para formalizar e sistematizar essa discussão, sugere-se uma atividade de escrita desafiando o aluno a:

Escrever um novo juramento (imaginando que Hipócrates vivesse nos dias atuais) de forma a constar as condutas éticas fundamentais nesse novo documento.

A última parte do material é dedicada, sobretudo, à leitura de trechos de obra de filósofos, como Epicuro, Schopenhauer e Nietzsche. A escolha desses filósofos corresponde ao interesse em discutir como o desejo e a vontade podem ser fontes de sofrimento e também em analisar como o sofrimento pode ser visto como uma forma de superação.

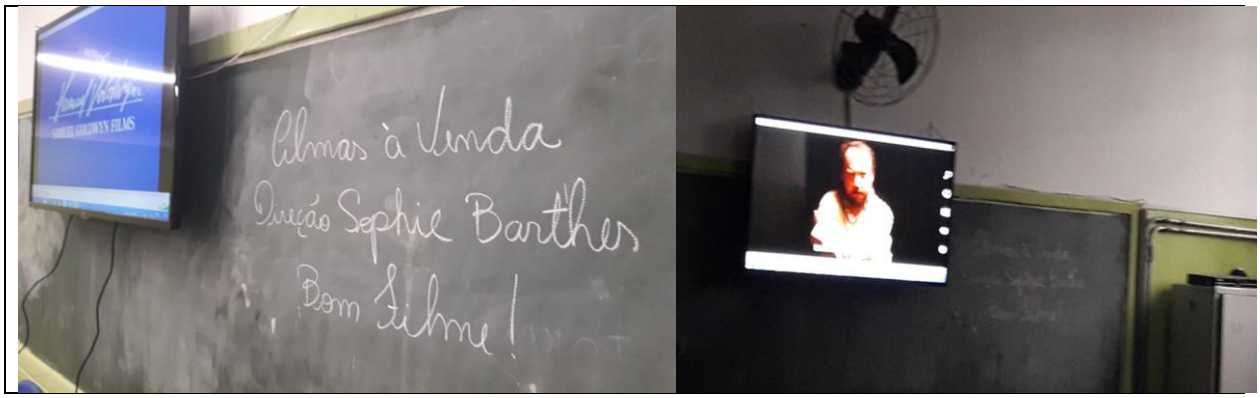
A leitura pode ser iniciada primeiramente pedindo aos alunos para identificarem as palavras desconhecidas e incentivando-os a buscar no dicionário o significado delas. Embora esse procedimento seja mais familiar em uma aula de Português, tenho percebido nas aulas de Filosofia que os alunos possuem uma deficiência de vocabulário, pela ausência do hábito da leitura. Sendo assim, o professor poderá auxiliar nessa tarefa, para que os alunos consigam acompanhar a compreensão dos textos e assimilar os conceitos filosóficos.

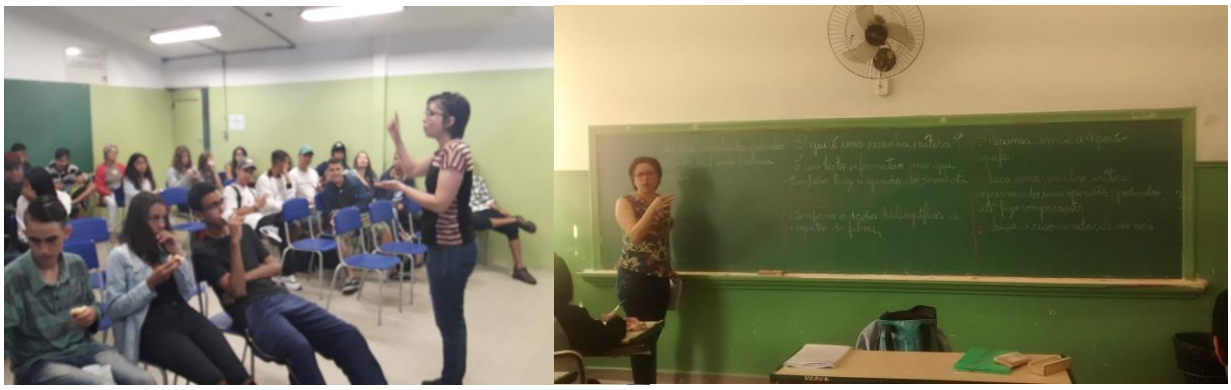
Feita essa primeira sondagem do texto, é muito importante orientar os alunos para uma leitura demorada, na qual cada palavra é saboreada, cada ideia é devidamente sopesada, refletida, guiando-os a buscarem as questões chaves de cada parágrafo. O exercício de paráfrase tem o objetivo de ensinar aos alunos a atitude de ouvir o que o texto está dizendo, e colocar nas próprias palavras o que entendeu. Esse momento de escuta é importante para que os alunos aprendam a suspender qualquer juízo a priori sobre a leitura, evitando a famosa frase: “na minha opinião”. Trata-se de uma atividade exigente para o aluno que precisará ter paciência, concentração e se sentir desafiado a compreender o que o autor pretende expressar.

Após essa primeira aproximação, já é possível abordar com os alunos o reconhecimento de estruturas argumentativas de um texto. Num primeiro momento, talvez seja necessário orientá-los a buscar os conectivos de conclusão, essa identificação os ajudará a recuperar as premissas, a conclusão e, por fim, o argumento. Vale ressaltar que a leitura estrutural do texto, embora seja necessária e defendida nesse trabalho de pesquisa, deve-se enfatizar, que essa leitura implicará, impreterivelmente, em algumas perdas.

Ciente dessas perdas numa leitura que direciona o olhar para as estruturas argumentativas, é importante o professor auxiliar os alunos na busca das informações contextuais.

Fotos de algumas aulas sobre a Medicalização e Mercantilização da Vida.





Oficina de Bioética - Medicalização e Mercantilização da Vida

Relato dos alunos do 2º ano do Ensino Médio sobre as aulas de Filosofia e a Oficina de Bioética

(Obs: A transcrição dos relatos é uma cópia fiel da escrita dos próprios alunos).

1- O que caracteriza uma aula de Filosofia?

"Tirei bons proveitos das aulas de Filosofia; todas foram proveitosas e instigantes, fizeram o que todas as aulas de Filosofia deveriam fazer: suscitar reflexões acerca do assunto, aprimorar nossa visão de mundo, nos preparar para os desafios a respeito da ética e cidadania. Explorar os pensamentos e convicções dos filósofos foi um ótimo meio de construir minhas próprias opiniões e argumentos. Participar das oficinas de bioética foi prazeroso e gratificantes não apenas por me fornecer conhecimento sólido, mas também por me fazer indagar sobre problemas corriqueiros da nossa sociedade. Espero aprender muito mais esse ano."

[Yuri]

"Eu caracterizo a aula como uma aula dinâmica, que não é só falada e abstrata, mas faz pensar do porque ter acontecido aquilo referente ao assunto, com argumentos, debates, faz você pensar mais sobre o assunto. A que mais marcou foi o filme "Almas a venda" porque questiona muito o valor que cada um dá para si mesmo e demonstra como o ser humano pode se questionar, foi um filme que foi bem marcante para mim."

[Rayssa]

"As aulas de filosofia se caracterizou muito em diversos aspectos, debates, discussões, a argumentação o porque de diversas coisas e o que não pode faltar numa aula de filosofia, leitura de textos, relatórios, resenhas argumentativas. E o que mais marcou foi as aulas em sala de vídeo descobrindo novas formas de argumentar e ter uma opinião sobre a filosofia".

[Igor]

"A diferença das aulas de filosofia de outras matérias é que existem debates e opiniões diferentes, assim como os filosofos, cada um tinha uma maneira de pensar a aula que mais marcou foi a que debatemos referente ao aborto".

[Raissa]

"Desenvolver habilidades de leitura escrita e compreender os conceitos citados nas aulas. E a aula que mais me marcou foi o debate sobre o aborto, e sobre a medicalização debatida sobre os famosos que não aceitavam algo no rosto no corpo e acabavam, fazendo plástica".

[Rayane]

"Para mim o que caracteriza a aula de Filosofia são as aulas diferenciadas, com filmes, música, debates, aliás poderia ter mais debates, para podermos crescer intelectualmente. A aula que mais me marcou, foi quando a professora pediu para a gente relacionar o filme "Almas à venda", com a nossa vida pessoal, "o que determinadas coisas que aconteceram faz você ser quem sou hoje?"

[Ana Carolina]

" A aula de Filosofia se caracteriza em mostrar-nos caminhos bons ou ruins de uma forma imparcial para que cheguemos sozinhos a uma conclusão sozinhos, fazendo isso com debates, dinâmicas, conversas dentre outros.
Eu gostei mais da aula sobre o aborto, nos vimos coisas importantes e vimos que todo assunto pode ser olhado de ângulo diferente".

[Alisson]

"Uma aula de filosofia é caracterizada por debates, conversas, liberdade de expressão e falar sobre filósofos. A aula que mais marcou foi a aula que teve a resenha do filme "Almas à Venda"".

[Fernanda]

"A aula de filosofia para um estudante de escola publica como eu é simplesmente a abertura de assuntos, questões, metas, obstaculos, explicações, diálogos, argumentos e tudo aquilo que em nenhuma matéria ou nenhum professor possa se aprofundar como na aula de filosofia. A aula que mais me marcou foi as oficinas da bioetica que no fim acabou em assuntos da vida".

[João Vitor]

"Na minha opinião, o que caracteriza uma aula de filosofia, além do conteúdo é claro, são os aprofundamento nos fatos e você pode dar o seu argumento sobre o que está sendo discutido

e debater com os alunos e com o professor. O único problema é que nem sempre todos participam da aula, sendo assim a aula perde sua essência".

[Allysson]

"O que caracteriza uma aula de Filosofia é pelo discurso de algum tema abordado, debates, argumentações e conclusões, e que também o tema possa nos fazer refletir sobre o tempo de agora e no passado. A aula que que me marcou quando houve uma aula para relembrar da nossa infância e tivemos que relatar tudo isso, e dizermos o que nos ajuda para ser a pessoa que somos hoje. E quando houve um debate sobre a legalização do aborto, com divisorias a favores e contras, e que a igreja católica era totalmente contra o aborto, relatos de mulheres que fizeram aborto por conta de uma gravidez indesejada".

[Vitória]

"O que caracteriza uma aula de Filosofia é o questionamento, a curiosidade, buscar mais afundo o que está sendo debatido. Uma das coisas que mais marcaram, foi a aula com violão, que conteve versos reflexivos, e o filme Almas à venda, que nos fez refletir sobre nossas atitudes".

[Gabriel]

2- No 2º bimestre de 2018 trabalhamos nas aulas de Filosofia a temática da Medicalização e Mercantilização da Vida, o que você aprendeu? Como você avalia as dinâmicas das aulas?

"Aprendi a questão do aborto que estudamos dois discursos de pessoas diferentes e marcamos as partes mais importantes, tivemos debates também. Tivemos um texto sobre a bioética que falava sobre a medicalização da vida e fomos lendo coletivamente e falando sobre a saude, remedios, os procedimentos cirurgicos que as pessoas se propõem a fazer para entrar no padrão, fizemos até um trabalho que pegamos famosos e falavamos sobre as cirurgias deles, teve um texto na apostila que lembra da eutanasia do século XIX e XX e como alguns atos da medicina podem ser questionados, engatamos também na questão dos animais serem usados para experimento de forma cruel.

[Rayssa]

"A oficina de bioética foi um debate para repensarmos referente a coisas que não presisamos e a mídia nos faz querer como por exemplo; remédios para emagrecer, plásticas, silicones, entre outros, que com o procedimento incorreto pode levar a óbito".

[Raissa]

"Oficina foi um debate entre alunos para pensarmos sobre algo que a midia diz, querendo como se nós usasse, comesse, tomasse o que eles transmitem para o povo com o marketing. Como a farmácia que fatura muito em cima das pessoas com remédios para emagrecer, produtos para estética, entre outros."

[Rayane]

"Minha avaliação sobre as atividades de filosofia é de certa forma positiva. Pensar sobre a medicalização trouxe uma grande dúvida, por que sempre quando estamos tendo um mal estar algo pequeno recorremos logo algum medicamento. Assistir o filme "Alma à venda" foi bem interessante, como podemos chegar ao ponto de querer no modificar, inteiramente e psicológicamente. Certos pontos nas aulas de filosofia nos trouxe grande conhecimento".

[Vitória]

"A leitura com interpretação de texto foi muito boa, porque aprendi a interpretar os textos de forma mais complexa, parando em cada parágrafo e pensando no que o texto tenta passar ao leitor.
Sair da sala de aula para assistir ao filme foi legal por estarmos fazendo alguma coisa diferente, saindo da rotina, sem contar que o filme foi bem interessante. A idéia de fazer uma resenha sobre o filme também é interessante pois pensamos mais sobre o que o filme realmente quis dizer.
A aula com violão foi legal no sentido de interpretar a lírica da música cantada, mas parte de cantar não foi interessante pois a sala não participou.
A sala também não participou do relato sobre a infância, alguns provavelmente por preguiça, mas não acho que lembrar da infância seja muito legal para todos.
A participação de química e biologia na oficina poderia ter sido mais interessantes se as professoras tivessem se comunicado mais, porque para mim ficou a impressão de que elas estavam com receio de opinar ou até mesmo perdidas no assunto".

[Vitória N.]

"Me recordo dos debates referente ao aborto, foram muitas opiniões distintas e pensamentos completamente diferentes.
Também assistimos o filme "Almas a Venda", foi bom para refletir sobre o nosso valor; porque queremos ser tão igual aos outros, se todos temos um jeito único de ser. As vezes quando conseguimos mudar, assim como o moço do filme fez, no final das contas voltamos atrás do que eramos, por isso devemos seguir a nossa vida, traçando o nosso caminho sem querer copiar os outros.
Tivemos aulas debatendo a questão da industria, referente a remédios, plásticas e alterações no nosso corpo pelo verdadeiro padrão da sociedade.
Eu sinceramente gosto muito das aulas, pois são debatidos assuntos que muitas vezes não conversamos em grupo ou nem paramos para refletir sobre. Gosto também porque podemos dar a nossa opinião sem ser julgados".

[sem nome]

"Aprendi a me aprofundar nas questões em relação ao aborto, vi diferentes pontos sobre a legalização dele.
Aprendi que produtos para nossa higiene são testados em animais e comecei a evitar. E que muitos animais morrem todos os dias.
Com o filme "Almas a venda" aprendi que temos que valorizar nossas vidas e quem somos, sem querer viver a vida do outro.
Hannah Arendt mostrou como ver o outro lado da história, mostrou que todos nós podemos ser mal mesmo sem perceber, isso pode ser causado pela sociedade, nosso trabalho ou família, pois influenciam".

[Giovanna N.]

"Eu aprendi que o mercado se importava muito com a beleza padrão, e que influenciava muitas pessoas com propagandas enganosas, dizendo que um produto x iria solucionar todos os problemas em pouco tempo, nisso com remédios de estéticas, cirurgias plásticas. A mídia influenciava muito na estética com remédios que atenderia tudo. Mas as pessoas estão consumindo remédios sem se preocupar com a saúde e com futuras consequências."

[Vitória]

"Nas aulas referentes a mercantilização da vida, vimos que a mercantilização da vida é a

tendência que prioriza os lucros acima da vida; vendo desta forma, o dinheiro é tão importante para ser maior que uma vida? No meu ponto de vista não, pois você pode ter todo o dinheiro do mundo e não ser uma pessoa completa ou até mesmo feliz."

[Kauane]

"As aulas de bioética veio para agregar conhecimentos, através de leituras e interpretações de textos, pesquisas relacionadas a grandes filósofos, debates sobre produtos comercializados que podem prejudicar ao próximo, isso inclui os animais. O filme Almas à venda veio para mostrar que devemos dar valor a nossas vidas, pois todos somos importantes e temos seu valor. A aula com violão foi boa, inovou e não ficamos apenas fazendo cópias."

[Gabriel]

"Aprendi que nós humano ligamos muito para aparencias e acabamos correndo atras de remedios que as industrias vende falando que é a "cura" para o que você deseja e acaba fazendo discaso com a saúde, pois pra eles o que importa é o lucro.
Muitas vezes acabamos acreditando na "perfeição" sendo que isso não existe, por conta da mídia fazer a gente acreditar nisso. As pessoas acabam se auto medicando trazendo risco para a saúde quando passa um certo tempo.
Uma aula bem legal, interessante, uma aula que nos faz refletir e a sequência que a professora passou foi muito excelente".

[Isabella]

"Aprendi que o uso em ecesso faz mal, como um caso citado na aula, a mulher fez diversas plásticas, consumia vários remedios para ajudar na aparencia e resolveu mudar a cor dos olhos o profissional sabia dos riscos mas fez mesmo assim acabou a deixando cega.
Isso pra mim mostrou que o dinheiro valia bem mais do que a saude perfeita dos olhos da cliente. Aprendi que se eu estivesse infeliz com o meu corpo, que não devo procurar remedios proibidos e sim procurar uma forma saudavel para me deixar satisfeita.
E interessante as dinamicas te faz criar um senso critico referente aos assuntos apresentados em aula."

[Kerolen]

"Aprendi muitas coisas, vi um filme que eu nunca tinha assistido e gostei muito, as almas a venda, trata-se de um homem que era ator e que ele queria um papel mais ele não conseguia e ele então resolveu vender a sua alma e comprar outra, porque ele ficava triste por causa do papel, deixara a alma pesada então ele resolve trocar de alma mas depois ele decide pegar ela de volta no final do filme também aprendi argumentos como argumentar e como achar argumentos, aprendi sobre a bioética, e também fizemos muitos debates na sala."

[Douglas]

3- Praticamos muito a escrita o ano passado. Você acha que a sua relação com a escrita mudou?

"A escrita é muito importante e essencial para argumentar ter uma opinião, passar aquilo pro papel, fazer resumos do que eu entendi, dialogar, minha relação com a escrita nunca foi das melhores porem com a filosofia aprendi o quanto mais você lê melhor para escrita, e sim mudou por eu esta mais atento, lendo mais livros, conseguindo passar minha opinião, então a escrita na filosofia e muito importante para esses aspectos sobre a vida".

[Igor]

> “A escrita é muito importante, não só nas aulas de filosofia, mas é importante no geral pois você escrevendo as chances de você absorver o conteúdo é muito maior sobre minha escrita acredito que ela pode ter mudado, pois agora procuro sempre melhorar com argumento para responder questões.”
>
> [Allisson]

> “É muito importante, nos faz pensar mais, escolher palavras melhores e principalmente questionar do “porque” das coisas e não se contentar só com aquilo que nos passam. Sinto que melhorou minha escrita sim e também o meu modo de ver certos pontos, como a questão do aborto. Sei que houve melhorias pois me sinto melhor em todos os aspectos principalmente como questões morais.”
>
> [Rayssa]

> “A escrita é muito importante para que possamos evoluir mais e mais, para sabermos o que escrever a um certo tema. Tendo uma boa escrita, podemos entender o que queremos expressar, e darmos uma boa resposta para um debate, com a escrita evoluida teremos boas interpretações. Minha relação com a escrita, percebi que houve uma evolução boa, estou sabendo aprimorá-la, e tendo um bom dialogo com a melhora da escrita, creio que tendo mais pratica com a escrita posso evoluir mais.”
>
> [Vitória]

> “A escrita é importante para não esquecermos algo, ajudar a entender melhor um tema e melhorar nos estudos. Com a escrita, melhoramos nossos argumentos, e consequentemente nos tornamos mais inteligentes e observadores.”
>
> [Gabriel]

> “ A escrita nas aulas nos ajudou bastante para poder aprender, antes era apenas debates, com isso não dava vontade de aprender, de querer entender sobre a matéria, quase não tinhamos interesse. Com a escrita, nos mostrou a importância da materia, chamou bem mais a atenção para as aulas, mudou muito.”
>
> [Giovanna]

A fala dos alunos requer uma reflexão sobre três pontos que considero importante para o filosofar: a argumentação em sala de aula; a interdisciplinaridade; e a possibilidade da filosofia aproximar-se da realidade dos alunos.

Em grande parte dos relatos dos estudantes está registrada a importância de aprender a argumentar, expor o pensamento de forma consistente apresentando as razões pelas quais se pensa de determinada forma. Contudo, é importante destacar que não foi discutido em sala de aula, devido a falta de tempo, a possibilidade de se construir premissas falsas que conduzem a um pensamento que do ponto de vista lógico faz sentido, mas sob a dimensão ética pode ser polêmico e até mesmo cruel. Embora não tenha sido abordada por essa perspectiva, considera-se importante apresentar aos alunos as limitações da argumentação.

Outro aspecto importante percebido por uma aluna na oficina de Bioética é a importância de um planejamento e a comunicação entres as professoras para a realização da

oficina. Na ocasião, as responsáveis pelas disciplinas de química e biologia foram convidadas a participarem do projeto. As professoras receberam o mesmo texto dado aos alunos para que pudessem discuti-lo, de forma a destacar os pontos de possível intersecção com o tema proposto. O objetivo era enriquecer o debate e conseguir ver o mesmo assunto sob outras perspectivas. Porém, o relato da aluna Vitória revelou a falta de um preparo melhor das partes envolvidas para esse momento interdisciplinar, como podemos notar nas próprias palavras dela: *"A participação de química e biologia na oficina poderia ter sido mais interessantes se as professoras tivessem se comunicado mais, porque para mim ficou a impressão de que elas estavam com receio de opinar ou até mesmo perdidas no assunto".*

A interdisciplinaridade é uma bandeira defendida por muitas instituições escolares, e muitas vezes apresentada como algo simples e fácil de ser realizada. A tarefa de reunir as disciplinas em torno de um tema e a partir disso desenvolver uma atividade escolar, seja esta, uma avaliação, ou um debate, exige um trabalho meticuloso e paciente de preparação por parte das frentes envolvidas. Contudo, sabe-se que o dia-a-dia do professor nas escolas implica em atender a uma série de demandas impostas pela instituição, dificultando o encontro de professores para a discussão de projetos interdisciplinares. Essa realidade explica o que fora percebido pela aluna no relato transcrito acima. Se as professoras tivessem destinado um tempo à preparação do material e da exposição na oficina, a impressão de "perdidas" teria sido evitada.

Por fim, o último ponto importante a refletir é a possibilidade das aulas de filosofia atravessarem as questões da vida. Essa proximidade, aspecto defendido nesse trabalho, apareceu na fala do aluno João Vitor : *A aula que mais me marcou foi as oficinas da bioética que no fim acabou em assuntos da vida"*. Se lançarmos um julgamento apressado sobre o final da frase "acabou em assuntos da vida", poderemos incorrer no erro de interpretar que a aula acabou em frivolidades. O que seria injusto e equivocado. O relato de João refere-se a vários momentos da oficina em que os alunos puderam expressar seus dilemas éticos, e sofrimentos em relação ao uso de remédios para combater a depressão, assunto muito presente nas oficinas. Esses momentos foram marcados por muita participação dos alunos que expuseram seus questionamentos, dúvidas, e sentimentos de compaixão, raiva, tristeza e indignação. Todos esses afetos vieram à tona nesses encontros e foram acolhidos de forma respeitosa por todos da classe . Precipitadamente, poderíamos dizer que essa aula se pareceria muito com uma sessão de terapia, mas entende-se que o filosofar parte de um indivíduo que primeiramente necessita se auto-conhecer, se descobrir, para poder interpretar o mundo em que vive, e a disposição para o filosofar pode auxiliar nesse processo.

4 SOFRIMENTO ANIMAL - UM CONVITE À REFLEXÃO E AO DEBATE EM TORNO DE UMA NOVA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS

A necessidade de escrever esse material surgiu a partir de um curso ministrado para o I ano do Ensino Médio, na escola da rede particular de ensino, Colégio Santo Américo. Essa proposta desenvolveu-se no terceiro trimestre de 2016, na ocasião de duas aulas semanais, como já fora descrito de forma mais detalhada na introdução desse trabalho. Recuperemos brevemente o contexto em que se dera a decisão por trabalhar esse tema.

Em resposta à exigência da coordenação de abordar de forma interdisciplinar o a questão da sustentabilidade, e após o levantamento de alguns subtemas, coube a cada disciplina decidir o aspecto sobre o qual orientaria o estudo para aquele trimestre. Dada a minha sensibilidade quanto ao consumo de carne e os impactos ambientais, e ainda vislumbrando um potencial de discussão desafiador, já que se trata de propor um novo olhar sobre as nossas crenças, imaginei uma aula em que pudesse, assim como na filosofia socrática, provocar o pensamento, criar no espaço da sala de aula um momento de suspensão de julgamentos previamente estabelecidos e já cristalizados em nossa sociedade, em geral não submetidos a exame, ou que dada as circunstâncias em que se encontra a nossa sociedade consumista, propor uma reflexão sobre a urgência de nos preocuparmos em estabelecer um nova relação com os animais e com a natureza, sobre esse aspecto, o material foi construído na tentativa também discutir essa inquietação. Para isso é fundamental uma disposição para desacomodar as nossas crenças e colocarmos à prova nossas convicções. Pensar é ter coragem de mudar! Tomemos emprestadas as palavras de Hannah Arendt:

> Pensar "simplesmente pelo direito de examinar as opiniões alheias, refletir sobre elas e pedir aos seus interlocutores que fizessem o mesmo". A consciência socrática é dessa forma descrita como *áskesis*, um exercício constante de ciência de si, de modo que o exercício de pensar reflete a realização permanente de um *modus vivendi*. Primeiramente, tem-se a capacidade de provocar espanto, perplexidade, mais bem ilustrado em *Menon*, no qual Sócrates é chamado de *eletric ray*, um peixe que, se tocado, paralisa e entorpece. O pensamento socrático provoca perplexidade, desaloja padrões estabelecidos, como se, em primeira instância, um dos seus resultados imediatos fosse interromper nossos julgamentos e ações cotidianas baseadas em valores e princípios, em geral, não submetidos a exame. Contrapõe-se a dogmas cristalizados, regras de comportamento baseadas em hábitos silenciosamente incorporados e, na sua maioria, de antemão tomados como certos. (ARENDT, 2004. p.39)

Problematizar um assunto, aparentemente, bem acomodado em nossa sociedade, como o sofrimento animal, não é tarefa simples, exige paciência do professor e um amplo trabalho de pesquisa para amparar essa reflexão, o que espero ter contribuído para esse objetivo. Além desses aspectos, o professor deverá preparar-se para lidar com um campo vasto de argumentos que serão defendidos pelos alunos em sala de aula. Recentemente, ouvi o seguinte argumento: "O gado é um dos grandes responsáveis pela emissão de CO_2 na atmosfera. Isso acontece por culpa dos vegetarianos: se eles consumissem carne, como nós, não teríamos esse problema." Não é difícil perceber a fragilidade dessa estrutura argumentativa, mas é preciso saber como mostrar a inconsistência desse tipo de construção lógica. Pensando nesses momentos de confronto de ideias na sala de aula, também espero ter oferecido ao professor um material de apoio para o exercício da argumentação.

Como estratégia didática, decidi partir de um problema filosófico colocado em uma Olimpíada de Filosofia, em 2016: "O cuidado com o outro: que diferença isso faz para nossas existências?". Para atender a essa proposta cada oficina abordou o tema sob determinada perspectiva, e analisando a pertinência para esse trabalho, decidi por iniciar a problematização a partir do título da oficina: *Fala sério! Só porque nasci animal racional, preciso carregar superioridade irracional?* Esse questionamento possibilita iniciarmos uma investigação sobre os termos: racionalidade e irracionalidade, que aparecerá em vários trechos filosóficos selecionados para leitura e debate em sala de aula.

Vale ressaltar que o propósito desse trabalho não é convencer os alunos a adotarem o vegetarianismo como estilo de vida, mas sobretudo, de propiciar um espaço de diálogo em que o aluno se sinta confortável para expor o seu pensamento sem ser julgado, e com isso experimente a possibilidade de ressignificar ou reafirmar suas posições a partir da fala dos colegas. Abordar essa temática, sem direcionar o olhar do aluno, esse é o grande desafio! A esperança é de que os alunos aprendam a reconhecer em seus discursos as contradições do pensamento e as falácias em que acreditamos para apoiar os nossos comportamentos. Isso pode levar a uma mudança subjetiva do aluno ou não, pois ele pode não estar disposto a, e mais ainda, que essa aula se transforme em uma competição de quem possui maior habilidade de persuasão. Esse é um risco! Mas que estamos sujeitos ao abordar qualquer outro assunto em Filosofia, e nesse sentido, não temos alcance sobre o quanto isso tocará o aluno, e se isso acontecerá no tempo/espaço de uma aula ou muito depois. O importante é criar um espaço para a aventura do filosofar!

4.1 Material didático

Seção 1 - PROBLEMATIZANDO O TEMA - ÉTICA ANIMAL

Problema Filosófico: "O cuidado com o outro: que diferença isso faz para nossas existências?".

Esse foi o tema da Olimpíada de Filosofia de 2016.

Dentre algumas oficinas que trabalharam esse tema, destacamos uma intitulada:

Fala sério! Só porque nasci animal racional, preciso carregar superioridade irracional?

Elaborada e coordenada por: Éverton Luis da Silva Lião e Viviana Furla

Diante dessa proposta de oficina, podemos fazer as seguintes perguntas:

- O que é um animal racional? O que você entende por razão?
- O que podemos entender por "carregar superioridade irracional?"

Vamos investigar?

Razão: sf. 'Faculdade que tem o ser humano de avaliar, julgar, ponderar ideias universais' 'raciocínio, juízo'. *Do latim ratio*

CUNHA, Antônio Geraldo da, 1924-1999. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed.revista pela nova ortografia. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

Razão: sf. 1 raciocínio. 2 bom senso. 3 causa, motivo. 4. quociente de dois números.

HOUAISS, Antônio. (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Razão: "No sentido mais clássico do termo e também mais metafísico é chamada assim a uma faculdade de conhecer superior, por oposição à faculdade dos sentidos, que apenas forneceria do mundo impressões e sensações sem qualquer tipo de reflexão mais profunda. Nesse caso, pode-se dizer que a razão é a faculdade humana por excelência, e que é ela, e apenas ela, que nos revela a verdade do ser e dos acontecimentos do mundo. Na visão clássica, portanto, a razão é o que diferencia verdadeiramente os homens dos animais"

SCHÖPKE, Regina. Dicionário filosófico: conceitos fundamentais/Regina Schöpke. - São Paulo: Martins Fontes - selo martins, 2010.

A oficina colocou as seguintes questões para problematização:

Vamos pensar e discutir sobre elas?

- “O que é ser o dono de um animal?" Para cuidar de um animal, este precisa ser meu?
- O que o animal é para nós, um objeto de posse, outro ser igual a nós ou os dois? O que faz querer tê-los ou transformá-los em um integrante da família? Será que não posso prejudicá-lo ao tratá-lo como uma pessoa?
- É correto tratar qualquer animal com dignidade ou apenas os domésticos?
- Animais domésticos devem ter mais direitos que os selvagens? Ou devemos respeitá-los em sua identidade de animal como qualquer outro? Queremos humanizar os animais ou garantir direitos próprios a eles? Fazemos isso por interesse, para protegê-los de nós mesmos ou para termos o status de ‘salvadores’?
- Até que ponto eles dependem de nós e por quê? Qual a importância deste outro animal para nós e para o futuro? Como cuidar dessa outra espécie sem discriminá-la ou dominá-la?
- Devemos buscar conceder uma dignidade humana a eles ou criar uma dignidade animal em respeito ao que são?”

Disponível em: http://filescola.blogspot.com/p/olimpiadasde-filosofia-2015-ocuidado.html. Acesso em 19/03/2019.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Formem seis grupos de 5 alunos. Cada grupo discutirá uma dessas questões colocadas. Em seguida, vamos compartilhar as respostas e analisá-las.

Seção 2. O QUE PENSAM OS FILÓSOFOS SOBRE A RELAÇÃO DO HOMEM COM OS ANIMAIS?

ATIVIDADE DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Orientações de Leitura:

5. Faça uma leitura do texto e grife as palavras que você desconhece;
6. Procure no dicionário o significado delas;
7. Leia atentamente cada parágrafo e tente explicá-lo para um amigo o que entendeu;
8. Anote no caderno as ideias chaves de cada parágrafo: tenha calma para fazer esse exercício de paráfrase. Escrever com as suas próprias palavras, demanda tempo e paciência. Procure deixar anotadas as tentativas de escrita. Não as apague.

PITÁGORAS (séc. VI a.C)

"Disearco afirma que Pitágoras ensinou, primeiro, que a alma é imortal e se transforma em outras espécies de coisas viventes; que tudo o que ganha vida volta a nascer nas revoluções de um determinado ciclo de modo que nada é absolutamente novo; e, por fim, que tudo o que nasce com vida em si deve ser tratado como afim. Dizem, que a exemplo de São Francisco, Pitágoras pregava os animais".

RUSSELL, Bertrand, 1872-1970. História da Filosofia Ocidental — Livro 1: A Filosofia Antiga/Bertrand Russel; Tradução Hugo Langoni — 1. ed.—Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.p.58.

PORFÍRIO (233 a 305 d.C)

"Quanto a mim (…) pergunto-me por que acidente e em que estado da alma ou da mente o primeiro homem que o fez tocou o sangue com sua boca e levou os seus lábios à carne de uma criatura morta, aquele que pôs à mesa corpos mortos e fétidos e aventurou-se a chamar de nutrição os pedaços que um pouco antes bramiam e gritavam, moviam-se e viviam. Como puderam seus olhos suportar o massacre de se cortarem gargantas, de se esfolar o couro, de se arrancar um membro de outro membro? Como pôde o seu nariz aguentar o fedor? Como é que a imundície não causou repulsa ao paladar daquele que fez contato com as feridas de outros e sugou fluidos e soros de ferimentos mortais?"

PORPHYRIUS. De Abstinentia ab esu cranium animalium, in Porphyre, De l'Abstinence, I-IV, 2 vols, Bouffartigue J., Patillon M ed. e trad., (1977) Les Belles Lettres.

ARISTÓTELES (séc.IV a.C)

"414a29. Dentre as potências da alma, como dissemos, todas as mencionadas subsistem em alguns seres; em outros, só algumas delas e, em alguns, apenas uma. E mencionamos como potências a nutritiva, a perceptiva, a desiderativa, a locomotiva e a raciocinativa. Ora, nas plantas subsiste somente a nutritiva, mas, em outros seres, tanto esta como a perceptiva. E, se subsiste a perceptiva, também subsiste a desiderativa, pois desejo é apetite, impulso e aspiração; e todos os animais têm ao menos um dos sentidos – o tato – e, naquele em que

Noite de Reis
William Shakespeare

Cena II

Feste: Qual a opinião de Pitágoras com relação a ave de caça?

Malvólio: Que a alma de nosso avô pode eventualmente habitar o corpo de um pássaro selvagem.

Feste: E o que pensas tu dessa opinião?

Malvólio: Tenho as almas em grande apreço, e de modo algum coadu-no com a opinião de Pitágoras.

Feste: Passar bem. permanece para sempre na escuridão. Vais corroborar a opinião de Pitágoras antes que eu passe certificado de teu juizo mental, e vais ter medo de matar uma galinhola que é para não desalojar a alma de tua avó. Passar bem.

Shakespeare, William - Noite de Reis / Tradução de Beatriz Viégas-Faria - L&PM POCKET, 2004.

subsiste percepção sensível, também subsiste prazer e dor, percebendo o prazeroso e o doloroso; e, nos que eles subsistem, também subsiste o apetite, pois este é o desejo do prazeroso.
414b6. Além disso, eles têm a percepção do alimento, pois o tato é percepção do alimento, e todos os seres vivos se alimentam de coisas secas e úmidas, quentes e frias, das quais a percepção é tato, e apenas acidentalmente a de outras qualidades sensíveis; pois o ruído, a cor e o cheiro nada acrescentam ao alimento, e o sabor não deixa de ser um objeto do tato. Apetite é fome e sede – a fome, o apetite do que é seco e quente; a sede, do que é úmido e frio –, enquanto o sabor é como um tempero destas qualidades. Mas devemos esclarecer posteriormente esse assunto. Por ora, é suficiente dizer isto: que entre os seres vivos que possuem tato também subsiste desejo. No que se refere à imaginação, não está claro e devemos examiná-la posteriormente. Em alguns seres vivos, além disso, subsiste também a capacidade de se locomover, e em outros, ainda a de raciocinar e o intelecto – por exemplo, nos homens e em algum outro, se houver, de tal qualidade ou mais valioso".

ARISTÓTELES, De Anima. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 77.

DESCARTES (séc. XVII d.C)

"O que não parecerá de maneira alguma estranho a quem, sabendo quão diversos autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem aplicar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem organizada e capaz de movimentos mais admiráveis do que qualquer uma das que possam ser criadas pelos homens. E me demorara especificamente neste ponto, para mostrar que, se existissem máquinas assim, que fossem providas de órgãos e do aspecto de um macaco, ou de qualquer outro animal irracional, não teríamos meio algum para reconhecer que elas não seriam em tudo da mesma natureza que esses animais; contudo, se existissem outras que se assemelhassem com os nossos corpos e imitassem tanto nossas ações quanto moralmente fosse possível, teríamos sempre dois meios bastante seguros para constatar que nem por isso seriam verdadeiros homens. Desses meios, o primeiro é que jamais poderiam utilizar palavras, nem outros sinais, arranjando-os, como fazemos para manifestar aos outros os nossos pensamentos. Pois pode-se muito bem imaginar que uma máquina seja feita de tal modo que articule palavras, e até que articule algumas a respeito das ações corporais que causem alguma mudança em seus órgãos: por exemplo, se a tocam num ponto, que indague o que se pretende dizer-lhe; se em outro, que grite que lhe causam mal, e coisas análogas; mas não que ela as arrume diferentemente, para responder ao sentido de tudo quanto se disser na sua presença, assim como podem fazer os homens mais embrutecidos. E o segundo meio é que, ainda que fizessem muitas coisas tão bem, ou talvez melhor do que qualquer um de nós, falhariam inevitavelmente em algumas outras, pelas quais se descobriria que não agem pelo conhecimento, mas apenas pela distribuição ordenada de seus órgãos. Pois, enquanto a razão é um instrumento universal, que serve em todas as ocasiões, tais órgãos precisam de alguma disposição específica para cada ação específica; daí decorre que é moralmente impossível que numa máquina haja muitas e diferentes para fazê-la agir em todas as ocasiões da vida, da mesma maneira que a nossa razão nos faz agir. Note-se que, por esses dois meios, pode-se também conhecer a diferença que há entre os homens e os animais. Já que é algo

extraordinário que não existam homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem nem mesmo a exceção dos loucos, que não tenham a capacidade de ordenar diversas palavras, arranjando-as num discurso mediante o qual consigam fazer entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não haja outro animal, por mais perfeito que possa ser, capaz de fazer o mesmo. E isso não ocorre porque lhes faltem órgãos, pois sabemos que as pegas e os papagaios podem articular palavras assim como nós, no entanto não conseguem falar como nós, ou seja, demonstrando que pensam o que dizem; enquanto os homens que, havendo nascido surdos e mudos, são desprovidos dos órgãos que servem aos outros para falar, tanto ou mais que os animais, costumam criar eles mesmos alguns sinais, mediante os quais se fazem entender por quem, convivendo com eles, disponha de tempo para aprender a sua língua. E isso não prova somente que os animais possuem menos razão do que os homens, mas que não possuem nenhuma razão."

DESCARTES, R. Discurso do método. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Voltaire: (1694-1778) em resposta a Descartes, escreveu:

"Que ingenuidade, que pobreza de espírito, dizer que os irracionais são máquinas privadas de conhecimento e sentimento, que procedem sempre da mesma maneira, que nada aprendem, nada aperfeiçoam! (45)
Então aquela ave que faz seu ninho em semicírculo quando o encaixa numa parede, em quarto de círculo quando o engasta num ângulo e em círculo quando o pendura numa árvore, procede aquela ave sempre da mesma maneira? Esse cão de caça que disciplinaste não sabe mais agora do que antes de tuas lições? O canário a que ensinas uma ária, repete-a ele no mesmo instante? Não levas um tempo considerável em ensiná-lo? Não vês como ele erra e se corrige? Será porque falo que julgas que tenho sentimento, memória, idéias? Pois bem, calo-me. Vês-me entrar em casa aflito, procurar um papel com inquietude, abrir a escrivaninha, onde me lembra tê-lo guardado, encontrá-lo, lê-lo com alegria. Percebes que experimentei os sentimentos de aflição e prazer, que tenho memória e conhecimento. Vê com os mesmos olhos esse cão que perdeu o amo e procura-o por toda parte com ganidos dolorosos, entra em casa agitado, inquieto, desce e sobe e vai de aposento em aposento e enfim encontra no gabinete o ente amado, a quem manifesta sua alegria pela ternura dos ladridos, com saltos e carícias.
Bárbaros agarram esse cão, que tão prodigiosamente vence o homem em amizade, pregam-no em cima de uma mesa e dissecam-no vivo para mostrar-te suas veias mesaraicas. Descobres nele todos os mesmos órgãos de sentimento de que te gabas. Responde-me, maquinista, teria a natureza entrosado nesse animal todos os elatérios do sentimento sem objetivo algum? Terá nervos para ser insensível? Não inquines à natureza tão impertinente contradição."

Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html. Acesso 24/03/2019

Kant (séc. XVIII d. C.)

"Os seres cuja existência depende, não em verdade da nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam

coisas, ao passo que os seres racionais se chamam pessoas, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (1) (e é um objecto do respeito).”

Disponível em: https://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/ET_434/kant_metafisica_costumes.pdf.Acesso em 24/03/2019

Para refletir

- O que significa tratar as pessoas como fins e não como meios?
- O que define uma pessoa para o filósofo?
- Todo ser humano pode ser considerado uma pessoa?
- Se admitirmos que há exceções, esses seres humanos podem ter os mesmos direitos? Mesmo que não estejam em sua plena capacidade para julgar, merecem ter direitos?

Peter Singer (1946):

“Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para recusar ter em conta esse sofrimento. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta consideração como ao sofrimento semelhante - na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada - de um outro ser qualquer. Se um ser não é capaz de sentir sofrimento, ou de experimentar alegria, não há nada a ter em conta. Assim, o limite da senciência (utilizando este termo como uma forma conveniente, se não estritamente correta, de designar a capacidade de sofrer e/ou, experimentar alegria) é a única fronteira defensável de preocupação relativamente aos interesses dos outros. O estabelecimento deste limite através do recurso a qualquer outra característica, como a inteligência ou a racionalidade, constituiria uma marcação arbitrária. Por que não escolher qualquer outra característica, como a cor da pele?”

Disponível em: https://olhequenao.files.wordpress.com/2011/12/peter-singer-libertac3a7c3a3o-animal.pdf. Acesso em 24/03/2019.

ESPECISMO

“Especismo é uma forma de discriminação contra aqueles e aquelas que não pertencem a certa espécie. Na maioria das sociedades humanas é considerado completamente normal discriminar animais de outras espécies. As maneiras pelas quais essa discriminação ocorre e sua severidade variam de lugar para lugar, e certos animais são tratados de maneira pior em alguns lugares do que em outros. Por exemplo, cães, vacas e golfinhos são considerados de forma muito diferente dependendo da sociedade. Uma coisa que a maioria das sociedades têm em comum é que elas discriminam de maneira muito danosa pelo menos algumas espécies de animais.”

Disponível em: https://www.animalethics.org/etica-animais-secao/especismo-pt/

Para refletir:

- Muitos de nós temos animais de estimação em casa e os reconhecemos quase como parte da família, e, no entanto, não nos passa pela cabeça comê-los. Diferentes espécies merecem diferentes tratamentos?
- O fato de sermos humanos nos faz ser uma raça superior às outras?
- Por que temos uma consideração moral para com os nossos bichos de estimação e para com outros não?
- O especismo é um problema?

Seção 3 - ANÁLISE DE ARGUMENTOS

- **Porco é agro**
- **Galinha é agro**

Quem já não viu essas frases nas propagandas da TV, revistas ou jornais?
Tem se tornado cada vez mais comuns mensagens semelhantes a essas, relacionando a cadeia agrícola e pecuária a um mercado de compra e venda de produtos, com grande potencial lucrativo.
Mas se prestarmos atenção na frase: porco é agro. A impressão que temos é que a parte animal do porco é suprimida, e ao porco é acrescentada uma nova categoria, ou uma nova definição: o porco é agro, e não um porco é um animal. Uma diferença que não se restringe à linguagem, ou a um recurso de marketing, mas revela o modo como os animais estão sendo tratados hoje: como parte de um processo industrial, mais especificamente do ramo do agronegócio, com sérias implicações...

Alguns de nós poderia incorrer na seguinte colocação: qual seria o problema dos animais serem considerados como produtos? Afinal, eles não têm consciência disso mesmo!

Vamos iniciar uma investigação sobre isso?

Os animais têm consciência?

No dia 07 de julho de 2012, um grupo de cientistas renomados, de várias áreas da neurociência, reunido na Universidade de Cambridge, publicou a seguinte declaração:

“Nós declaramos o seguinte: "A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente como a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos

os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos".

Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos. Acesso em 08/10/2018

De acordo com o professor Pedro Galvão, em seu livro *Ética com razões*, a Declaração atesta que os animais também possuem consciência, contudo, há de se ponderar que essa vida mental que os animais possuem manifesta-se de forma diferente em cada espécie animal. Em algumas espécies é mais complexa e em outras mais rudimentar. À luz da teoria de Charles

Darwin (1809-1882)[5] sobre a evolução, não teremos dificuldade em aceitar que a consciência humana não se irrompeu do nada, mas que se desenvolveu a partir de mentes mais simples de animais de outras espécies. A consciência humana, formada por bases neurológicas mais complexas confere ao indivíduo a capacidade de planejar, e tomar decisões de forma racional. Capacidade que definitivamente não podemos encontrar nas plantas, enquanto que em outros animais encontraremos apenas uma sucessão de sensações.

Mas muitos outros animais não são assim. Apresentam uma vida mental mais ativa, que inclui sentimentos, memória, percepções, desejos e intenções. Estão nessa categoria, os mamíferos e as aves. Entre os mamíferos temos os cetáceos e os grandes símios que provavelmente situam-se num patamar mais elevado.

De acordo com essa linha de raciocínio, o que nos difere de outros animais, não se trata apenas de ter uma consciência, mas algo além, uma capacidade mental mais sofisticada, certo tipo de racionalidade.

A capacidade de sofrer do animal e as implicações éticas.

Vimos que dentro dessa vida consciente há muitas coisas, dentre elas a capacidade de sofrer. Aliás, a capacidade de sofrer dos animais não é muito inferior a nossa.

Alguns de nós tem animais de estimação em casa e sabemos exatamente quando eles estão bem ou quando estão sofrendo, aliás, somos capazes de submetê-los a tratamentos para aliviar a dor que possivel-mente viriam a ter.

Se há uma coisa que nos aproxima de boa parte dos animais, é o interesse em não sofrer. Também possuem a capacidade de sentir dor passageira e também agonia, um estado de sofrimento mais prolongado.

Quem não se lembra dessa notícia: Urso polar mais triste do mundo? A imagem esteve estampada nas páginas dos jornais e circulou também nas redes sociais. Mobilizou ativistas do mundo inteiro para convencer o mundo do sofrimento do Urso, trancado em uma jaula dentro de um shopping center.

[5] Charles Darwin (1809-1882), autor do livro *A origem das espécies,* é um dos cientistas mais biografados da história. A ele são atribuídas as ideias de seleção natural e a evolução das espécies.
Para saber mais, acesse o link
http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/03/01/entendendo-darwin/

Urso polar mais triste do mundo

Disponível em: https://www.animalsasia.org/us/media/news/news-archive/worlds-saddest-zoo-bosses-invite-animals-asia-to-discuss-concerns.htm. Acesso em 05/08/2018.

Embora a limitação de capacidades mentais coloque os animais a salvos de sofrimentos mais dramáticos, não se pode negar a tristeza no olhar desse animal.
Voltamos à questão inicial: Por não terem uma consciência tão sofisticada como a do ser humano, é correto submetê-los a tais sofrimentos, como no caso desse urso, de mantê-lo aprisionado, somente para atender a um interesse do mercado do entretenimento?
Há quem considere que o sofrimento desse urso não seja tão significativo. De acordo com o professor Pedro Galvão, porque

1- A esperança de vida de um animal é inferior a do ser humano;
2- Se o animal morrer não será privado de nada, de conquistar os seus objetivos, de poder se aprimorar moralmente, entre outros aspectos relevantes para a vida de um ser humano;
3- As memórias retidas na mente de um animal são muito mais esparsas e inferiores do que a dos seres humanos.
Essas são algumas razões apresentadas para julgar que o sofrimento ou a morte de um animal não é tão grave como a morte que costuma ocorrer com os humanos.
Como a argumentação pode nos ajudar a elucidar certos argumentos que estamos acostumados a ouvir? O que há de verdade nesses argumentos?

Análise dos Argumentos

1. Os animais existem para nosso benefício.
Seguindo ainda o raciocínio do pesquisador e professor Pedro Galvão, analisemos o seguinte argumento:

Argumentação: A ferramenta do filosofar

"Sempre que desejamos expor nosso pensamento, nossa visão de mundo ou assunto que conhecemos bem, procuramos convencer nossos interlocutores. Afinal, se não quiséssemos convencer, não teríamos motivo para expor nossas ideias; seríamos indiferentes. Ao contrário, se nos exprimimos, é porque pensamos ter razão, ou, ao menos, consideramos razoáveis nossas ideias.

Assim, ao tomar posição sobre qualquer tema, e ao desejar que nossos interlocutores nos deem ouvidos, tentamos mostrar como nossas conclusões são verdadeiras. Em outras palavras, buscamos explicar os motivos pelos quais temos certos pensamentos, visões de mundo etc."

Para saber mais...

SAVIAN FILHO, Juvenal. Argumentação: a ferramenta do filosofar. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Filosofias: o prazer do pensar/dirigido por Marilena Chauí e Juvenal Savian Filho)

(P1) Os animais existem para nosso benefício.

Peter Singer, em 2007

"O filósofo Peter Albert David Singer nasceu em 6 de julho de 1946. É professor na Universidade de Princeton, Estados Unidos. Atua na área de ética prática, tratando questões de Ética.

Ocupou duas vezes a cadeira de Filosofia da Universidade de Monash, onde inaugurou um centro de Bioética humana. Em 1999, foi nomeado Professor Ira W. De Camp de Bioética do Centro de Valores Humanos de Princeton e se mudou para os Estados Unidos.

Em 2004, ele foi reconhecido como o Humanista Australiano do Ano pelo Conselho das Sociedades Humanistas Australianas. Fora da academia, Singer é mais conhecido por seu livro Libertação animal, obra considerada fundadora dos Direitos dos Animais".

https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Singer

(P2) Se os animais existem para nosso benefício, não temos deveres para com eles;
(C1) Logo, não temos deveres para com os animais.

Podemos contestar sem dificuldades a premissa (1). De acordo com a ciência, os animais estão aqui bem antes da nossa existência e nada indica que eles existam para satisfazer nossas necessidades e nem para cumprir qualquer outra finalidade.
Se acaso quiséssemos por uma questão de exercício do pensamento, considerar a premissa 1 correta, adotando uma visão antropocêntrica, poderíamos pensar na seguinte situação:

"Imaginemos que uma criança tenha sido concebida porque seu irmão precisava com urgência de um transplante de medula óssea. Podemos dizer que ela foi concebida para benefício de seu irmão. Por conta disso, ele não tem quaisquer deveres para com ela?"

2. Alguns animais têm *status* moral igual aos dos seres humanos "marginais"

Estamos interessados em descobrir se os animais têm algum *status* moral.
De acordo com o livro *"Os 100 argumentos mais importantes da Filosofia Ocidental"*, encontramos a seguinte análise de argumento:

"P1. Se não há diferenças moralmente relevantes entre os seres humanos marginais e alguns animais não humanos, então, se os seres humanos marginais têm status moral, alguns animais não humanos também o têm.
P2. Não há nenhuma diferença moralmente relevante entre seres humanos marginais e alguns animais não humanos.
C1. Se os seres humanos marginais têm status moral, então alguns animais não humanos também o têm.
P3. Os seres humanos marginais têm status moral.
C2. Alguns animais não humanos têm status moral."

DESAFIO!

Acompanhe a leitura desse trecho escrito pelo filósofo Peter Singer, publicado em 1974 em Philosophical Exchange.

“Se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para a recusa a levar em consideração esse sofrimento. Seja qual for a natureza do ser, o princípio da igualdade exige que seu sofrimento seja considerado de maneira igual a um sofrimento semelhante — uma vez que possam ser feitas comparações — de qualquer outro ser. Se um ser não é capaz de sofre, de sentir prazer ou felicidade, não há nada a ser levado em conta. É por isso que o limite da senciência (usado o termo como uma abreviação conveniente, se não muito precisa, para a capacidade de sofrer ou sentir prazer ou felicidade) é a única fronteira defensável de preocupação com os interesses dos outros. Marcar essa fronteira por alguma característica como a inteligência ou a racionalidade seria marcá-la de forma arbitrária. Por que não escolher alguma outra característica, como a cor da pele?

O racista viola os princípios da igualdade dando peso maior aos interesses de membros de sua própria raça, quando há conflito entre seus interesses e os interesses dos de outra raça. Da mesma forma, os especista permite que os interesses de sua própria espécie se sobreponham aos interesses maiores de membros de outras espécies. O padrão é o mesmo em cada caso. A maioria dos seres humanos é especista. Vou agora descrever brevemente algumas das práticas que mostram isso.

Para a grande maioria dos seres humanos, especialmente em sociedades urbanas industrializadas, a forma mais direta de contato com membros de outras espécies é na hora das refeições: nós os comemos. Ao fazer isso, nós os tratamos apenas como meios para nossos fins. Consideramos sua vida e bem-estar como subordinados ao nosso gosto por um tipo especial de prato. Eu digo “gosto” deliberadamente — trata-se puramente de agradar nosso paladar. Não se pode defender a ingestão de carne em termos de satisfazer necessidades nutricionais, uma vez que já está comprovado além de qualquer dúvida que podemos satisfazer nossa necessidade de proteína e outros nutrientes essenciais de modo mais eficiente com uma dieta que substitua a carne animal por soja, ou produtos derivados de soja e outros produtos vegetais altamente proteicos.

Não é apenas o ato de matar que indica o que estamos prontos a fazer com outras espécies para satisfazer os nossos gostos. O sofrimento que infligimos aos animais enquanto estão vivos é talvez uma indicação ainda mais clara do nosso especismo do que o fato de estarmos preparados para matá-los”.

P1. Se um ser pode sofrer, então os interesses desse ser merecem consideração moral.
P2. Se um ser não pode sofrer, então os interesses desse ser não merecem consideração moral.
P3. Os mesmos interesses merecem a mesma consideração moral, independente do tipo de ser que é o portador do interesse (princípio da igual consideração dos interesses).
P4. Se alguém causa sofrimento a um ser sem justificativa adequada, viola então os interesses desse ser.
P5. Se alguém viola os interesses de um ser, então faz o que é moralmente errado.
C3. Se alguém causa sofrimento a um ser sem justificativa adequada, faz então o que é moralmente errado.
P6. Se P3, então, quem mata, confina ou causa dor a animais não humanos a fim de usá-los como alimento, os faz sofrer sem justificativa adequada.
P7. Se alguém come carne, participa então do ato de matar, confinar e causar dor aos animais não humanos, a fim de usá-los como alimento.
C4. Se alguém come carne, contribui para o sofrimento a animais não humanos sem justificativa adequada. (silogismos hipotético, P6,P7.)
C5. Se alguém come carne, o que faz é moralmente errado (silogismo hipotético, C3, C4).

ATIVIDADE - Analisando os argumentos de um debate

O site do jornal G1. Globo disponibilizou uma entrevista sobre o uso de animais em testes científicos. Para discutir essa questão polêmica, foram convidadas: Mayana Zats (cientista) e Luisa Mell (ativista).

Leia com atenção os argumentos apresentados pelas duas personalidades citadas:

1. É possível abandonar o uso de animais para testes científicos? Quais seriam as alternativas para manter nosso desenvolvimento científico?

Mayana Zats
Atuação: coordena o centro do Genoma Humano na Universidade de São Paulo (USP)
Atuação: Área de Genética Humana e Médica, com enfoque em doenças neuromusculares e células tronco. É a favor do uso de animais em pesquisas científicas.

Em primeiro lugar, gostaria de deixar registrado que adoro animais, principalmente cães, e que não como carne de nenhum mamífero, desde a minha adolescência, exatamente porque sou contra a matança de animais. Existem inúmeras pesquisas científicas que requerem o uso de animais antes de serem testadas em seres humanos. Por exemplo, terapias com células-tronco. Antes de testá-las em humanos precisamos saber: será que elas se dirigem e permanecem no órgão alvo depois de injetadas? Como garantir que elas se diferenciam no tecido que queremos e não em outro? E se queremos, por exemplo, reconstruir músculos e elas se diferenciarem em células ósseas? Qual é a melhor via de injeção? Local ou sistêmica? Qual é o efeito clínico dessas injeções em camundongos que têm distrofias musculares ou patologias semelhantes aos humanos? Como saber se as células injetadas não irão formar tumores? Essas são algumas questões que só podem ser respondidas com o uso de animais, a não ser que façamos o ser humano de cobaia.

Luisa Mell
É bacharel em direito
Atuação: Ativista em recolhimento e recuperação de animais de rua ou em situação de maus tratos.
É contra o uso de animais em quaisquer tipos de experimentos científicos.

É possível e é necessário. A sociedade precisa saber que testes científicos em animais não são um sistema de teste robusto. Há vasta literatura a respeito. De acordo com Mike Leavitt, ex-secretário de Serviços Humanos e de Saúde dos EUA, nove em dez drogas experimentais falham em estudos clínicos pelo simples fato de que não podemos prever com acurácia como elas se comportam nas pessoas com base em estudos laboratoriais e animais. A indústria farmacêutica tem mais fracassos em suas prospecções e descobertas do que sucessos. Esses índices não são revelados por motivo óbvio: mercado. Cientistas partem do pressuposto errôneo de que resultados de testes com animais (mamíferos, por exemplo) com um fármaco podem ser extrapolados para seres humanos. Mas ratos, coelhos, gatos, cães, coelhos e primatas têm fisiologias, bioquímicas e genéticas, entre outros fatores, diferentes de nós. Possuem características relacionadas evolutivamente sim, mas diferentes em seus ajustes finos. E é no detalhe que o fármaco trabalha. É por isso que, o paracetamol, por exemplo, é nocivo para cães e não para humanos; e a penicilina é letal para porquinhos-da-índia, mas benéfica para humanos etc, etc. etc. Vários médicos e cientistas americanos já são contrários a experimentos com animais, não pela ética, mas sim por isso atrapalhar a ciência!

2. É ético usar animais em testes que, em muitos casos, acabam causando sofrimento, se os resultados beneficiarão principalmente o ser humano?

Mayana Zats
Todas as pesquisas com animais precisam ser aprovadas antes por comitês de ética que são extremamente rigorosos no sentido de prevenir o sofrimento de animais.

Marina Zats: Luisa Mell

Não, não é ético. Não é ético instrumentalizar o outro (seja humano ou não-humano) e convertê-lo em mero meio para nossos fins. Precisamos perceber o outro (neste caso, os animais não-humanos sencientes) como um ser dotado de percepções, complexidades cognitivas, inteligência, consciência, vida social, interesses, projetos e preferências. Ao convertermos seres vivos complexos em mero instrumento para nossos desejos e necessidades, estamos ferindo os direitos mais básicos a que todos os seres vivos devem ter acesso: a liberdade e a integridade física. E isso, além de injusto, é imoral

3. Adiantaria suspender o uso de bichos em testes científicos se existem milhões de animais sendo criados para servir de alimento? As cobaias não são um problema pequeno diante da questão do consumo de carne? São problemas comparáveis?

Mayana Zats

Não são problemas comparáveis. As cobaias em experimentos científicos não representam "nada" em comparação com a matança para alimentos. Pior ainda é matar animais para usar sua pele. Ou usar animais para divertimento como as touradas ou brigas de galo.

Luisa Mell

O uso de animais na experimentação é apenas uma das inúmeras e terríveis formas de exploração animal. Seu uso como modelos experimentais é tão errado quanto criá-los para abate por questões tão frívolas como hábito, tradição ou conveniência. Precisamos parar de pensar como humanos da era paleolítica e enxergar que animais não-humanos sencientes não são coisa, objetos ou mera propriedade. Eles são fins em si mesmo, criaturas biográficas que percebem o mundo à sua volta e interagem com ele

Disponível em: http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/pesquisa-em-animais-luisa-mell-mayana-zatz/platb/Acesso em 15/09/2018.

Após a leitura da entrevista acima, reúnam-se em grupos de 4 alunos. Discutam com os seus colegas os argumentos apresentados por cada uma das personalidades. Em seguida, avalie as razões defendidas por ambas as partes. Procure complementar a defesa de cada uma das partes envolvidas.

ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

Leia com atenção os textos e responda:

TEXTO 1

O relatório da FAO (2006) indica que os atuais níveis de produção de carne contribuem com um percentual entre 14% e 22% dos 36 bilhões de toneladas de "CO_2-equivalente" de gases do efeito estufa produzidos anualmente no mundo. Isso significa que produzir cerca de 200 gramas de hambúrguer para um lanche, uma porção de carne com a espessura de 1 cm, libera tanto gás de efeito estufa na atmosfera quanto dirigir um carro de 1.360 kg por aproximadamente 16 km.

Na verdade, a produção de cada alimento que se consome, incluindo vegetais e frutas, incorre em custos ambientais dissimulados: transporte, refrigeração e combustível para o cultivo, além de emissões de metano de plantas e animais. Tudo contribui para o acúmulo de gases atmosféricos de efeito estufa. Considere o aspargo: em um relatório preparado para a cidade de Seattle, Daniel J. Morgan, da University of Washington, e seus colaboradores apontaram que cultivar cerca de 0,5 kg desse vegetal no Peru libera o equivalente a 75 gramas de CO_2, resultante da aplicação de inseticida e fertilizante, bombeamento de água e utilização de equipamento agrícola pesado com alto consumo de combustível. Para refrigerar e transportar os vegetais até a mesa dos americanos, são gerados outros 125 gramas de gases estufa, totalizando 200 gramas de CO_2-equivalente.

Mas isso não é nada comparado à carne. Em 1999, Susan Subak, economista ecológica da University of East Anglia, na Inglaterra, constatou que, dependendo do método de produção, o gado emite entre 156 e 293 gramas de metano por quilograma de carne produzida. Devido ao fato de o metano ter 23 vezes mais capacidade de aprisionar calor que o CO_2, essas emissões são equivalentes à liberação na atmosfera de algo entre 3,6 kg e 6,7 kg de CO_2 para 1 kg de carne produzida.

Fonte: http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/efeito_estufa_dos_hamburgueres.html

TEXTO 2

Jeremias Benthan ("The Principles of Morals and Legislation"), afirma que a razão humana e suas formas sofisticadas de expressão não podem servir de fundamento para negar direito aos animais. Mesmo porque, a título ilustrativo, um cão adulto é mais racional do que uma criança de um dia, um mês ou um ano de idade, ou do que um deficiente mental em patamar irreversível, e nem por isso tais pessoas têm seus direitos negados pela lei. A questão, portanto, não se restringe à capacidade de pensar ou de falar, mas à capacidade de sofrer: se os animais podem sentir dor, se também experimentam sensações de pânico, estresse ou angústia, por que aceitar – indiferentemente – seu sofrimento?

fonte: http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/os__animais__sob__a__visao__da__etica.pdf

Após a leitura dos trechos acima, marque verdadeiro (V) ou falso (F).

Agora, com base na leitura acima, assinale a sequência correta.

( ) De acordo com o Texto 1, os custos ambientais envolvidos na produção de cada alimento incorrem somente em transporte, e em emissões de metano de plantas e animais.

( ) O texto 1 permite afirmar que a produção de 5 hambúrgueres nas condições especificadas, libera tanto gás de efeito estufa na atmosfera quanto dirigir um carro de 1.360 kg, percorrendo uma distância de 80 km.

( ) Pode se inferir pelo texto 2 que os animais não devem ter os seus direitos respeitados porque não possuem capacidade racional.

( ) O texto 2 afirma que os animais também podem sentir pânico, estresse ou angústia, e por isso, o homem deveria sentir mais compaixão em relação ao sofrimento animal.

( ) Os textos apresentados provocam uma reflexão a respeito do consumo de carne animal e seu impacto no meio ambiente, além de poderem complementar uma importante discussão ética que diz respeito ao sofrimento dos animais no processo de abate.

a) V, F, F, V, V
b) F, V, F, V, V
c) F, F, F, V, F
d) V, V, F, V, F
e) F, V, V, V, V

Atividade de análise e interpretação de texto
Leia com atenção o conto a seguir e responda:

UM RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA, Franz Kafka

Eminentes Senhores da Academia,

Conferem-me a honra de me convidar a oferecer à Academia um relatório sobre a minha pregressa vida de macaco. Não posso infelizmente corresponder ao convite nesse sentido. Quase cinco anos me separam da condição de símio; espaço de tempo que medido pelo calendário talvez seja breve, mas que é infindavelmente longo para atravessar a galope como eu o fiz, acompanhado em alguns trechos por pessoas excelentes, conselhos, aplauso e música orquestral, mas no fundo sozinho, pois, para insistir na imagem, todo acompanhamento se mantinha bem recuado diante da barreira. Essa realização teria sido impossível se eu tivesse querido me apegar com teimosia à minha origem e às lembranças de juventude. Justamente a renúncia a qualquer obstinação era o supremo mandamento que eu me havia imposto; eu, macaco livre, me submeti a esse jugo. Com isso porém as recordações, por seu turno, se fecharam cada vez mais para mim. O retorno, caso os homens o tivessem desejado, estava de início liberado através do portal inteiro que o céu forma sobre aterra, mas ele foi se tornando simultaneamente mais baixo e mais estreito com a minha evolução, empurrada para frente a chicote; senti-me melhor e mais incluído no mundo dos homens; a tormenta cujo sopro me carregava do passado amainou; hoje é apenas uma corrente de ar que me esfria os calcanhares; e o buraco na distância, através do qual ela vem e através do qual eu outrora vim, ficou tão pequeno que eu me esfolaria no ato de atravessá-lo, mesmo que as forças e a vontade bastas-

sem para que retrocedesse até lá. Falando francamente, sua origem de macaco, meus senhores, até onde tenham atrás de si algo dessa natureza, não pode estar tão distante dos senhores como a minha está distante de mim. Mas ela faz cócegas no calcanhar de qualquer um que caminhe sobre a terra – do pequeno chimpanzé ao grande Aquiles. No sentido mais restrito, entretanto, posso responder à indagação dos senhores e o faço até com grande alegria. A primeira coisa que aprendi foi dar um aperto de mão; o aperto de mão é testemunho de franqueza; possa eu hoje, quando estou no auge da minha carreira, acrescentar àquele primeiro aperto de mão a palavra franca. Não ensinará nada essencialmente novo à Academia e ficará muito aquém do que se exigiu de mim e daquilo que, mesmo com a maior boa vontade, eu não posso dizer — ainda assim deve mostrar a linha de orientação pela qual um ex-macaco entrou no mundo dos homens e aí se estabeleceu. Mas sem dúvida não poderia dizer nem a insignificância que se segue, se não estivesse plenamente seguro de mim e se o meu lugar em todos os grandes teatros de variedades do mundo civilizado não tivesse se firmado a ponto de se tornar inabalável. Sou natural da Costa do Ouro. Sobre como fui capturado, tenho de me valer de relatos de terceiros. Uma expedição de caça da firma Hagenbeck — aliás, com o chefe dela esvaziei desde então algumas boas garrafas de vinho tinto — estava de tocaia nos arbustos da margem, quando, ao anoitecer, eu, no meio de um bando, fui beber água. Atiraram; fui o único atingido; levei dois tiros. Um na maçã do rosto: esse foi leve, mas deixou uma cicatriz vermelha de pêlos raspados, que me valeu o apelido repelente de Pedro Vermelho, absolutamente descabido e que só podia ter sido inventado por um macaco, como se eu me diferenciasse do macaco amestrado Pedro — morto não faz muito tempo e conhecido em um ou outro lugar — somente pela mancha vermelha na maçã da cara. Mas digo isso apenas de passagem. O segundo tiro me acertou embaixo da anca. Foi grave e a ele se deve o fato de ainda hoje eu mancar um pouco. Li recentemente, num artigo de algum dos 10 mil cabeças de vento que se manifestam sobre mim nos jornais, que minha natureza de símio ainda não está totalmente reprimida; a prova disso é que, quando chegam visitas, eu tenho predileção em despir as calças para mostrar o lugar onde aquele tiro entrou. Deviam arrancar um a um os dedinhos da mão do sujeito que escreveu isso. Eu — eu posso despir as calças a quem me apraz; não se encontrará lá nada senão uma pelúcia bem tratada e a cicatriz de um tiro delinquente. Está tudo exposto à luz do dia, não há nada a esconder; quando se trata da verdade, qualquer um de espírito largo joga fora as mais finas maneiras. Se, ao contrário, aquele escrevinhador despisse as calças diante da visita que chega, isso sem dúvida teria um outro aspecto e quero considerar como sinal de juízo se ele não o fizer. Mas então que me deixe em paz com os meus sentimentos delicados! Depois daqueles tiros eu acordei — e aqui, aos poucos, começa a minha própria lembrança — numa jaula na coberta do navio a vapor da firma Hagenbeck. Não era uma jaula gradeada de quatro lados; eram apenas três paredes pregadas num caixote, que formava, portanto, a quarta parede. O conjunto era baixo demais para que eu me levantasse e estreito demais para que eu me sentasse. Por isso fiquei agachado, com os joelhos dobrados que tremiam sem parar, na verdade voltado para o caixote, uma vez que a princípio eu provavelmente não queria ver ninguém e desejava estar sempre no escuro, enquanto por trás as grades da jaula me penetravam na carne. Consideram vantajoso esse tipo de confinamento de animais selvagens nos primeiros tempos e hoje, pela minha experiência, não posso negar que seja assim do ponto de vista humano. Mas então eu não pensava isso. Pela primeira vez na vida estava sem saída; ao menos em linha reta ela não existia; em linha reta diante de mim estava o caixote, cada tábua firmemente ajustada à outra. É verdade que

por entre as tábuas havia uma fresta que ia de lado a lado, e, quando a descobri, saudei-a com o uivo bem-aventurado do animal irracional, mas nem de longe essa fresta bastava para deixar passar o rabo e mesmo com toda a força de um macaco ela não podia ser alargada. Conforme me disseram mais tarde, devo ter feito muito pouco barulho, donde se concluiu que ou iria perecer logo ou que, caso conseguisse sobreviver aos primeiros tempos críticos, ficaria bastante apto a me amestrar. Sobrevivi a esses tempos. Surdos soluços, dolorosa caça às pulgas, fatigado lamber de um coco, batidas de crânio na parede do caixote e mostrar a língua quando alguém se aproximava — foram essas as primeiras ocupações da minha nova vida. Em tudo, porém, apenas um sentimento: nenhuma saída. Naturalmente só posso retraçar com palavras humanas o que então era sentido à maneira de macaco e em consequência disso cometo distorções; mas embora não possa mais alcançar a velha verdade do símio, pelo menos no sentido da minha descrição ela existe — quanto a isso não há dúvida. Até então eu tivera tantas vias de saída e agora nenhuma! Tivessem me pregado, minha liberdade não teria ficado menor. Por que isso? Escalavre a carne entre os dedos do pé que não vai achar o motivo. Comprima as costas contra a barra da jaula até que ela o parta em dois que não vai achar o motivo. Eu não tinha saída, mas precisava arranjar uma, pois sem ela não podia viver. Se permanecesse sempre colado à parede daquele caixote teria esticado as canelas sem remissão. Mas na firma Hagenbeck o lugar dos macacos é de encontro à parede do caixote - pois bem, por isso deixei de ser macaco. Um raciocínio claro e belo que de algum modo eu devo ter chocado com a barriga, pois os macacos pensam com a barriga. Tenho medo de que não compreendam direito o que entendo por saída. Emprego a palavra no seu sentido mais comum e pleno. É intencionalmente que não digo liberdade. Não me refiro a esse grande sentimento de liberdade por todos os lados. Como macaco talvez eu o conhecesse e travei conhecimento com pessoas que têm essa aspiração. Mas no que me diz respeito, eu não exigia liberdade nem naquela época nem hoje. Dito de passagem: é muito frequente que os homens se ludibriem entre si com a liberdade. E assim como a liberdade figura entre os sentimentos mais sublimes, também o ludíbrio correspondente figura entre os mais elevados. Muitas vezes vi nos teatros de variedades, antes da minha entrada em cena, um ou outro par de artistas às voltas com os trapézios lá do alto. Eles se arrojavam, balançavam, saltavam, voavam um para os braços do outro, um carregava o outro pelos cabelos presos nos dentes. "Isso também é liberdade humana", eu pensava, "movimento soberano". Ó derrisão da sagrada natureza! Nenhuma construção ficaria em pé diante da gargalhada dos macacos à vista disso. Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde quer que fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria maior. Ir em frente, ir em frente! Só não ficar parado com os braços levantados, comprimido contra a parede de um caixote. Hoje vejo claro: sem a máxima tranquilidade interior eu nunca teria escapado. E de fato talvez deva tudo o que me tornei à tranquilidade que me sobreveio depois dos primeiros dias lá no navio. Mas a tranquilidade, por sua vez, eu a devo sem dúvida às pessoas do navio. São homens bons, apesar de tudo. Ainda hoje gosto de me lembrar do som dos seus passos pesados que então ressoavam na minha sonolência...

Disponível em: https://rl.art.br/arquivos/3537141.pdf?1333905218.Acesso em 15/09/2018.
KAFKA, F. Um relatório para uma Academia. In: Um Médico Rural. São Paulo: Cia. das Letras, 199

Avaliação

a) Ao tratar a vida animal, Kafka expõe duas crises: a da soberania e da nossa autoimagem. Explique como aparecem essas duas crises no conto.

b) Faça o seguinte exercício: escolha um animal de sua estima e imagine que nesse momento você se torna esse animal. Assim como lemos no conto acima, escreva um relatório para uma comunidade científica sobre como se sente nas condições do animal que você escolheu:

c) Leia com atenção os trechos abaixo:

Trecho 1

"O fato de que graças à razão se possa chegar a compreender as leis que regem o universo demonstra que a razão e o universo têm a mesma essência. E o fato de que os animais, não tendo razão, não possam compreender o universo, mas devam limitar-se a obedecer cegamente suas leis, demonstra que, diferentemente do homem, eles fazem parte dele, mas não parte do seu ser: demonstra que o homem é como deus e os animais, como coisas." (COETZEE, 2002, p. 28-29)

Trecho 2

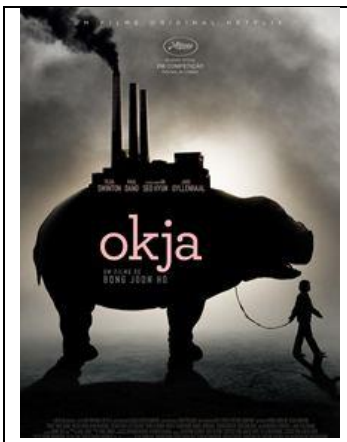
"Vou falar abertamente: estamos cercados por uma empresa de degradação, crueldade e morte que rivaliza com qualquer coisa que o Terceiro Reich tenha sido capaz de fazer, que na verdade supera o que ele fez, porque em nosso caso trata-se de uma empresa interminável, que se auto reproduz, trazendo incessantemente ao mundo dos coelhos, ratos, aves e gado com propósito de matá-los." (COETZEE, 2002, p.26-27).

Após a leitura,

a) Reconstrua a argumentação do autor no trecho 1.

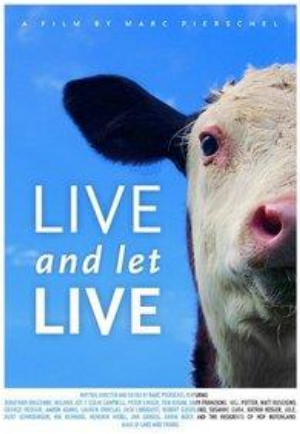
b) Responda: qual é a comparação que se verifica no trecho 2? O que você pensa sobre essa relação?

Sugestão de filmes



"Nova York, 2007. Lucy Mirando (Tilda Swinton), a CEO de uma poderosa empresa, apresenta ao mundo que uma nova espécie animal foi descoberta no Chile. Apelidada de 'super porco', ela é cuidada em laboratório e tem 26 animais enviados para países distintos, de forma que cada fazenda que o receba possa apresentá-lo à sua própria cultura local. A ideia é que os animais permaneçam espalhados ao redor do planeta por 10 anos, sendo que após este período participarão de um concurso que escolherá o melhor super porco".

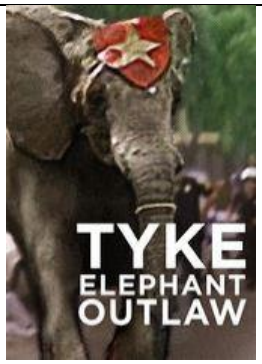
Disponível em:http://www.adorocinema.com/filmes/filme-241477/Acesso em 15/09/2018



Live and Let Live

"O documentário alemão de 2013 examina a nossa relação com os animais, a história do veganismo e as razões que fazem com que as pessoas se tornem veganas. O documentário apresenta diversos vegans, ativistas, além dos ex-fazendeiros que fundaram o santuário Hof Butenland e depoimentos de nomes importantes para o veganismo e os direitos animais, como Tom Regan, Gary Francione, Peter Singer, Melanie Joy, entre outros."

Disponível em: http://www.veggietal.com.br/filmes-veganismo-animais-netlix/ Acesso em 15/09/2018



Tike Elephant Outlaw

"Este documentário conta a emocionante e trágica história de Tyke, um elefante explorado por um circo, que em 1994 se rebelou em Honolulu e, em um rompante de fúria, matou seu treinador na frente de milhares de espectadores, para depois morrer com uma rajada de tiros."

Disponível em: http://www.veggietal.com.br/filmes-veganismo-animais-netlix/ Acesso em 15/09/2018

The True Cost (2015)

"O documentário coloca uma lente nos problemas da produção de moda em países como China, Vietnã, Índia e Bangladesh, e revelar como subcontratados são pressionados para manter preços baixos e produção em alta por grandes marcas e empresas. Dirigido por Andrew Morgan, conta com falas de Stella McCartney, Vandana Shiva, Safia Minney, Lucy Siegel e muitas outras personalidades da moda e do ambientalismo".

Disponível em: https://vivagreen.com.br/blog/os-10-melhores-documentarios-sobre-sustentabilidade-na-netflix/ Acesso em 15/09/2018

Carta às professoras e professores

O interesse pela construção desse material didático surgiu em 2016 ao abordar a temática do sofrimento animal e o impacto ambiental com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, no colégio Santo Américo. Na ocasião, a grade de Filosofia ainda dispunha de duas aulas por semana, possibilitando um contato maior com a disciplina.

Nesse contexto, elaborei uma sequência de aula, já explicitada na introdução desse trabalho, buscando primeiramente apresentar aos alunos um breve histórico sobre a atuação e função da Bioética, e em seguida, como estratégia de ensino, exibir um vídeo do Peter Singer (1946-) para disparar a discussão sobre o sofrimento animal nos mais diversos segmentos comerciais. A intenção era mostrar para os alunos outro discurso e trazer outras vozes dissonantes quanto à relação do homem com o animal. Contudo, a minha sequência de aula pareceu direcionada para a defesa do animal. Acredito que mesmo de posse de suas convicções, não cabe ao professor conduzir uma linha de pensamento favorável ao que ele acredita, tampouco deixar de abordar um tema que possui grande potencial de reflexão por receio de não conseguir realizá-lo de forma mais problemática. Do professor espera-se uma coragem e uma honestidade para reavaliar a sua prática.

Na tentativa de abordar essa temática de uma maneira menos dirigida, empenhei-me em trazer para sala de aula discursos opostos e modos de argumentação diversos para fomentar a discussão e dar a oportunidade dos próprios alunos problematizarem a questão do sofrimento animal e o consumo de carne. Além disso, inseri no material muitas questões que podem ajudar a pensar conceitos de racionalidade e irracionalidade; dignidade humana e animal; consciência; autonomia e liberdade; direitos e deveres. Eixos conceituais importantes para a formação moral de um cidadão.

Em relação aos instrumentos avaliativos, trata-se de um desafio para qualquer professor. Selecionar, planejar e elaborar bons meios de avaliação não é tarefa fácil. No caso específico da filosofia, em geral, esse termo sofre dois preconceitos. O primeiro refere-se à redução da aula de Filosofia a um espaço de debate e troca de opiniões de forma esvaziada. E o segundo baseia-se num discurso do senso comum: de que se todo pensamento é correto, não haveria sentido algum falar em avaliação em Filosofia. Com o objetivo de pensar em uma proposta mais significativa, elaborei uma sequência didática, tanto para a Medicalização da Vida quanto para o Sofrimento animal, atividades avaliativas que acompanhassem todo o processo de desdobramento do conteúdo e não representassem apenas um mero instrumento de mensuração de conhecimento. Espero ter contribuído!

4.2 Estratégias de Ensino

A primeira parte do material representa um contato inicial com o problema filosófico. Procura-se incentivar a investigação e a problematização dos termos “racional” e “irracional”. O ponto de partida é iniciar uma busca pelo significado dessas noções em pelo menos três

tipos de dicionários, pois a acredita-se que a neutralidade dessas informações ajude a clarificar melhor esses termos. Além desse aspecto, acredita-se que esse exercício encoraje e estimule os alunos a lerem de forma mais atenta, procurando de forma honesta dizer para si mesmo o que entendeu da leitura que fez, e não tenha medo de enfrentar as dificuldades que encontrou para compreendê-lo. Geralmente quando os alunos leem em voz alta em sala de aula é possível identificar o modo como eles encaram o texto: apenas correm o olhar pelas palavras sem qualquer incômodo por não as entender. Nesse momento, espera-se uma intervenção direta do professor para desacelerar esse tipo de leitura por meio de perguntas, ou pedindo para o aluno explicar com as próprias palavras o que entendeu.

Em seguida, o material apresenta uma seleção de vários trechos filosóficos. Compreende-se que nos próprios textos da tradição filosófica já estão os problemas e conceitos para a discussão sobre o tema. Procurou-se nessa seção selecionar trechos de filósofos que abordam a relação entre o homem e o animal. Priorizou-se também apresentar textos que possibilitassem o confronto de ideias. A orientação ao professor quanto à estratégia de ensino nessa seção é que busque aproximar os alunos do discurso filosófico. Para isso, recomenda-se primeiramente conduzir a leitura junto aos alunos: auxiliando-os a compreender as ideias; a estabelecer relação entre elas; a identificar quando no texto se trata de um exemplo, uma justificativa ou uma explicação. Contudo, não é aconselhável passar por todas essas etapas de uma só vez. Além de ser um trabalho bastante minucioso, importante para o trabalho filosófico, sem dúvida, mas em contrapartida resulta em muito cansaço e por vezes pode acabar causando desinteresse por parte dos alunos. O mais producente talvez, seria consolidar cada etapa, devagar. O importante é mostrar para o aluno que é possível realizar essa tarefa de leitura, mas que exige persistência e o resultado não é imediato. Costumo trazer para a sala aula, como um recurso estratégico para explicar o exercício da leitura, o ofício de um paleontólogo. O trabalho desse profissional se concentra em investigar fósseis encontrados em estratos sedimentares e consiste numa tarefa meticulosa e rigorosa de preparação do material para estudo. A imagem do pincel utilizado pelo paleontólogo para tirar as impurezas do objeto, pode servir para representar, na atividade filosófica, o próprio processo de leitura. Enquanto o paleontólogo utiliza o pincel para deixar o material mais nítido para estudo, no exercício de leitura de um texto também temos ferramentas que nos ajudam a decifrá-lo: a leitura atenta; o uso de dicionários que podem auxiliar numa primeira tentativa de compreensão; saber identificar modos argumentativos; localizar as ideias principais e saber como acontece a articulação entre elas.

Para chegar ao ponto desse entendimento do texto, percebi na prática de sala de aula a importância de primeiramente mostrar que a professora não daria as respostas e que eles deveriam tomar a atitude de enfrentar o texto. Sendo assim, começava a disparar as perguntas: “O que você entendeu do texto?” “Por que o autor faz essa afirmação?”, “Por que você está dizendo isso?”, “ Em que você pensou para dar essa resposta?”, “ Isso que você acabou de dizer, é a sua opinião ou você identificou no texto essa ideia?”, “Você concorda com fulano?”, “Por que você discorda?”. O objetivo desses questionamentos é mobilizar o pensamento do aluno, para que ele próprio enfrente o texto e encontre por si o fundamento de duas dúvidas. Por vezes sinto a inquietação dos alunos com tantas perguntas, já que esperam do professor uma explicação imediata para acalmar a angústia pelo não entendimento. Mas é preciso que o professor se mantenha calmo e consciente da necessidade de despertar os alunos desse comodismo intelectual. Converso bastante com eles sobre a mente preguiçosa que tenta a todo instante nos distanciar do trabalho de concentração. Se não conseguirmos, pelo menos por alguns 30 minutos, direcionar a nossa mente para a aula, nos dispusermos a exercitar o pensamento, haverá outros que decidirão pensar por nós, e aí, não nos restará mais nada a fazer, a não ser obedecer e lamuriar.

Depois desse momento de tensão da aula e de causar certa “eletrificação”, um choque nos alunos, qual Sócrates fazia com os cidadãos atenienses, percebo-os mais atentos e envolvidos nas discussões. Acabam entendendo o propósito da aula, mas é necessário repetir essa didática em quase todas as aulas, para que não se esqueçam de que o trabalho de pensar é sobretudo exigido deles e não do professor.

O material sobre o sofrimento animal oferece ao professor muitos momentos para incitar e provocar os alunos ao pensamento. Em seguida, os trechos filosóficos também podem funcionar como um disparador para o desdobramento de outras questões éticas e morais. O professor ainda pode propor oficinas de bioética e convidar as outras disciplinas para ampliar o debate em torno da relação do homem com o animal. Enfim, cada professor utilizará as estratégias que julgar pertinente à sua realidade e contexto escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as reflexões e materiais elaborados para a abordagem da Bioética nesse trabalho foram construídos a partir da experiência de sala de aula no Ensino Médio. Embora a Bioética esteja na programação curricular do Estado de São Paulo, nem todos os livros didáticos contemplam essa área, e quando o fazem acabam sendo insuficientes quanto a temas que a compõem ou quanto ao modo de abordá-las com os jovens. Nesse sentido, o esforço desse trabalho constituiu-se em confeccionar materiais para tratar de modo mais detalhado, dentre tantos outros temas, a Medicalização e Mercantilização da vida e outro sobre: Sofrimento Animal, cuja escolha por essas vertentes já fora justificada ao longo da dissertação. Contudo, o trabalho não se esgotou a esse fim.

No percurso de sua aplicação em sala de aula, após identificar as defasagens dos alunos, tanto na escola pública quanto particular, foi possível observar a dificuldade em estabelecer com o jovem uma relação com uma disciplina essencialmente discursiva, atravessada pelo texto. Certamente esse não é o objetivo exclusivo da Filosofia, mas constitui um dos pilares para o filosofar em sala de aula, pois é nos textos filosóficos que se encontram as questões, os problemas e conceitos que proporcionam o debate. De um modo geral, a leitura era pouco estimulada, reduzindo a aula a uma conversa, ou a um bate papo. Atenta a essas dificuldades, procurei aproximar os alunos da leitura e da escrita por meio de textos curtos e trechos de textos filosóficos. Nessa perspectiva, os materiais elaborados para discutir a Bioética e a questão do sofrimento humano e animal apresentam uma compilação de textos filosóficos e de outros gêneros literários acompanhados de orientações de leitura: como identificar as palavras desconhecidas; saber extrair as ideias principais dos parágrafos e estabelecer conexões entre eles. Era preciso preparar o terreno para o filosofar.

É nesse contexto escolar que os materiais foram produzidos, por isso, é importante o professor adequar esse material à sua realidade e ao grupo de alunos. Embora tenha-se priorizado a leitura de textos e atividades de escrita nos materiais, considera-se importante a utilização de outros recursos como o cinema, a literatura, a música, as artes plásticas ou qualquer outra manifestação cultural que proporcione a entrada do aluno para o filosofar, desde que o professor saiba como fazer uso desses recursos de forma apropriada atentando-se a linguagem adequada ao público jovem e a pertinência quanto ao assunto em questão.

Outro aspecto que mobilizou esse trabalho de pesquisa diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de problematização e argumentação. Empenhei-me em

inserir nos materiais muitas atividades que valorizassem esses aspectos do filosofar de modo também a atender as exigências das orientações curriculares da disciplina de Filosofia:

> • ler textos filosóficos de modo significativo;
> • ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros;
> • elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo;
> • debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes.
> • articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais.
> • contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica.
>
> Parâmetros curriculares do Ensino Médio. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf.Aceso 15/02/2019.

Para que essas habilidades sejam desenvolvidas é essencial construir em sala um espaço de abertura para o diálogo e ao acontecimento. Isso pressupõe planejar um encontro de modo que os alunos se sintam à vontade para arriscarem o pensamento, para que tenham a possibilidade de rever suas crenças e preconceitos sem o receio de serem julgados. Nesse sentido, busca-se respeitar a diversidade de posicionamentos morais diante de questões relacionadas à vida, saúde, e ao meio ambiente de forma mais ampla. É aqui nesse espaço que as discussões sobre a Bioética podem contribuir de forma favorável à formação moral dos estudantes. A discussão dos temas da Medicalização e Mercantilização da vida, e do Sofrimento animal permite ao professor abordar conceitos éticos fundamentais, como: autonomia e liberdade; dignidade humana e direitos; responsabilidade individual; igualdade, justiça e equidade; proteção das gerações futuras e proteção do meio ambiente.

Embora a Bioética não esteja regulamentada como disciplina curricular no ensino médio, ela aparece em alguns livros didáticos e também no caderno do estado de São Paulo como uma situação de aprendizagem geralmente situada no último capítulo, com poucas indicações de leitura e abordada de forma insuficiente. Se por um lado, por ter uma natureza interdisciplinar isso dificulta a elaboração de um conteúdo específico para tratar a Bioética, de outro, oferece aos professores de outras disciplinas do currículo a oportunidade de trabalharem de forma colaborativa, criando estratégias de ensino como oficinas; blogs, exposição de situações problema, utilização de filmes, dramatização, produção de textos, simulação de júri, dentre outros que possam favorecer a abordagem de temas polêmicos que cercam essa área, ou subárea da Ética. No que aparenta ser uma fragilidade da Bioética no ambiente escolar, encontra-se justamente a sua força e potencialidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de argumentar**: Gerenciando Razão e Emoção. 8. ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2009.

ALMAS à venda. Cold Souls. Direção Sophie Barthes. São Paulo: Mares Filmes, 2010. 1 DVD (101 min.): Dolby SR, digital dts, color. Legendado. Port.

ALMOSSAWI, Ali. **O livro ilustrado dos maus argumentos.** Tradução de Leila Couceiro. Ilustrações Alejandro Giraldo. Rio de janeiro: Sextante, 2017.

ANIMALS ASIA. **"World's saddest zoo"** bosses invite Animals Asia to discuss concerns. Disponível em: <https://www.animalsasia.org/us/media/news/news-archive/worlds-saddest-zoo-bosses-invite-animals-asia-to-discuss-concerns.html>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ANTUNES, Arnaldo. **Socorro (letra).** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/44207/>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento.** Tradução Rosaura Einchemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARISTÓTELES. **De Anima.** São Paulo: Editora 34, 2012. p. 77.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Resenha.** Disponível em: <http://www.normasabnt.net/resenha-abnt/http://www.normasabnt.net/resenha-abnt/>. Acesso em: 10 de abr. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar; Polônia: National Audiovisual Institute, 2013. p.16.

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação.** Tradução Luiz João Baraúna. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

BRUCE, Michael; BARBONE, Steven (orgs.) **Os 100 argumentos mais importantes da filosofia ocidental**: uma introdução concisa sobre lógica, ética, metafísica, filosofia da religião, ciência, linguagem, epistemologia e muito mais. Tradução Ana Lucia da Rocha Franco. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CEPPAS, Filipe. Desencontros entre ensinar e aprender filosofia. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** n. 15, p. 44-54, nov./2010-abr./2011.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 104 p.

COETZEE, John Maxwell. **A vida dos animais**. Tradução de José Rubens Siqueira; introdução e organização de Amy Gutmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CONHECIMENTO de si e sofrimento em Schopenhauer. **Lampejo**, n. 4, nov./2013. Disponível em: <http://revistalampejo.org/edicoes/edicao4/artigos/Artigo1_Joel%20N%2003 %20a%2014.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Não a medicalização da vida.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf>. Acesso em: 03 de abr. 2019.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Quem somos?** Disponível em: <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3>. Acesso em: 02 de abr. 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino da UNICAMP,** 16., Campinas: Junqueira&Marin Editores, 2012.

DESCARTES, Rene. **Discurso do método.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Editora UFPR 65, n. 46, p. 53-68, out./dez. 2012.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade** (a Meneceu). Tradução Álvaro Lorencini, Enzo Del Carratore. São Paulo: editora Unesp, 2002.

FIALA, Nathan**. Efeito Estufa do Hambúrguer**. Disponível em:<http://www2.uol.com.br/ sciam/noticias/efeito_estufa_dos_hamburgueres.html >. Acesso em: 20 de abr. 2018.

G1 CIENCIA E SAÚDE. **A Polêmica dos Beagles.** Disponível em: < http://g1.globo.com/ ciencia-e-saude/pesquisa-em-animais-luisa-mell-mayana-zatz/platb/>. Acesso em: 13 de abr. 2018.

GALLO, Silvio ;KOHAN, Walter. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio**.** In: GALLO,S.; KOHAN, W. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.

GALVÃO, Pedro. **Ética com razões.** Portugal: Editora FFMS, 2015.

HEIDEGGER, Martin, (1987). La esencia del habla**.** In: **De camino al habla.** Barcelona: Edicionaes del Serbal.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Declaração de Cambridge sobre a consciência em animais humanos e não humanos.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/ 511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>. Acesso em: 05 de abr. 2018.

KAFKA, Franz. Um relatório para uma Academia. In: **Um Médico Rural.** São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

LARROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista brasileira de educação**, jan./Fev./mar./abr., 2002, n.19.

LEOPOLDO E SILVA, FRANKLIN. Currículo e Formação: O ensino de Filosofia. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 20, 63,1993.

LEVAI, Laerte Fernando. **Os animais sob a visão da ética.** Disponível em: <http://www.mp. go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/os__animais__sob__a__visao__da__etica.pdf >. Acesso em: 10 de out. 2018

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Summus, 1990. 252 p.

_____. **O pensar na educação.** Petrópolis: Vozes, 1995. 402 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** p. 33. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03 _internet.pdf.>. Acesso em: 03 de dez. 2017.

MORTARI, Cezar. Introdução. In: **Introdução à lógica.** São Paulo: UNESP, 2016. p. 13-31.

MURCHO, Desidério. **O lugar da lógica na filosofia**. Lisboa: Plátano, 2003.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo;** no Brasil são 11,5 milhões de pessoas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/ oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 15 de abr. 2018.

NIETZSCHE. Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução Antônio Carlos Braga. 3 ed. São Paulo: Escala, 2006.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. 4. reimpr. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhias das Letras, 2002.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Prefácio a uma filosofia. **Discurso**, v. 5, n. 6, 1975, p. 9-24.

PINNA, Mario. Entendendo Darwin. **Pesquisa FAPESP.** Disponível em: <http://revista pesquisa.fapesp.br/2009/03/01/entendendo-darwin/>. Acesso em:14 de abr. 2018.

PORPHYRIUS. De Abstinentia ab esu cranium animalium, in Porphyre, De l'Abstinence, I-IV, 2 vols, Bouffartigue J., Patillon M ed. e trad., (1977) Les Belles Lettres.

PORTAL VEGANO. **Documentários e filmes sobre veganismo e direitos animais disponíveis na netlix (2017).** Disponível em: <http://www.veggietal.com.br/filmes-veganismo-animais-netlix/>. Acesso em: 12 de jul. 2018.

REGAN, Tom. **Jaulas Vazias**: encarando o desafio dos direitos dos animais. Tradução Regina Rheda; revisão técnica Sônia Felipe, Rita Paixão. Porto Alegre, RS: Lugano, 2006.

RODRIGUES, Abílio. **Lógica.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Filosofias: o prazer do pensar/dirigido por Marilena Chauí e Juvenal Savian Filho).

RUSSELL, Bertrand, 1872-1970. **História da Filosofia Ocidental :** A Filosofia Antiga. Tradução Hugo Langoni. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 58p. 1.v.

SACRINI, Marcus. **Introdução à análise argumentativa:** teoria e prática. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Lógica).

SANDEL, Michael J. **Contra a perfeição**: ética na era da engenharia genética. Tradução Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 23-24.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Argumentação**: a ferramenta do filosofar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Filosofias: o prazer do pensar/dirigido por Marilena Chauí e Juvenal Savian Filho).

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Ensino de Filosofia de uma perspectiva histórico problematizadora. **Educação em Revista,** Marília, v.12, n.1, p.139-154, Jan.-Jun., 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista /article/view/1544>. Acesso em: 12 de set. 2018.

SINGER, Peter. **Ética prática.** Tradução Jeferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Libertação Animal.** Porto Alegre, RS: Lugano, 2004.

_____. **Ética na alimentação.** TV Cultura HD. 2014. (52m43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eUe_1h0N9fA>. Acesso em: 12 de set. 2018.

SINOPSES e detalhes de filmes. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/ filmes/filme-142442/>. Acesso em 12 de set. 2018.

VELASCO, Patrícia Del Nero. **Educando para a argumentação**: contribuições do ensino de lógica. 1.ed., 1.reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 176 p. (Coleção Ensino de Filosofia, 3).

WALTON, Douglas. **Lógica informal:** manual de argumentação crítica. Tradução de Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Biblioteca Universal).

WESTON, Anthony. **A construção do argumento**. Tradução de Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

WIKIPEDIA. **O Alienista**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Alienista>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

WIKIPEDIA. **Peter Singer.** Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Singer>. Acesso em: 10 de jun. 201

ANEXO 1 - CADERNO DO ALUNO - ESTADO DE SÃO PAULO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 5
INTRODUÇÃO À BIOÉTICA

Esta Situação de Aprendizagem tem o objetivo de trazer a bioética para o debate filosófico. Nesse sentido, discutiremos questões relativas aos valores da vida humana em relação à saúde, à medicalização da existência e ao meio ambiente, mediadas pelo crescente avanço científico e tecnológico.

Leitura e análise de texto

A duração da vida humana

Hoje [...] certos progressos na biologia celular nos acenam com a perspectiva de atuar sobre os processos bioquímicos de envelhecimento, ampliando a duração da vida humana, talvez indefinidamente. A morte não parece mais ser uma necessidade pertinente à natureza do vivente, mas uma falha orgânica evitável; suscetível, pelo menos, de ser em princípio tratável e adiável por longo tempo. Um desejo eterno da humanidade parece aproximar-se de sua realização. Pela primeira vez temos de nos pôr seriamente a questão: "Quão desejável é isto? Quão desejável para o indivíduo e para a espécie?" Tais questões tangenciam nada menos do que todo o sentido de nossa finitude, a postura diante da morte e o significado biológico geral do equilíbrio entre morte e procriação. Antes de tais questões últimas colocam-se as questões mais práticas de saber quem deve se beneficiar com a hipotética bênção: pessoas de valor e mérito especial? De eminência e importância social? Aqueles que podem pagar por isso? Todos? A última opinião pareceria a única justa. Mas a conta seria paga na extremidade oposta, na fonte. Pois está claro que, na escala demográfica, o preço por uma idade dilatada é um retardamento proporcional da reposição, isto é, um ingresso menor de vida nova. O resultado seria uma proporção decrescente de juventude em uma população crescentemente idosa. Isso será bom ou ruim para a condição geral do homem? Com isso ganharia ou perderia a espécie? Em que medida seria justo barrar o lugar da juventude, ocupando-o? Ter de morrer liga-se ao ter nascido: mortalidade é apenas o outro lado da fonte duradoura da natalidade [...]. As coisas sempre foram assim; mas agora o seu sentido deve ser repensado no domínio da decisão.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade*: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006. p. 58.

Não morrer e continuar a fazer parte do mundo "para sempre" é um antigo sonho da humanidade. Contudo, no fragmento da obra *O princípio responsabilidade*, o autor apresenta um problema, caso um dia seja possível realizar esse sonho. Qual é esse problema? Qual é a sua posição sobre isso?

Leitura e análise de texto

Bioética

Bioética é um termo usado a partir da década de 1970 para o estudo de questões de ordem moral suscitadas por pesquisas científicas e tecnológicas voltadas para a manutenção e/ou alteração dos ritmos da vida. Nesse sentido, podemos considerar que a bioética é uma ética aplicada. O termo bioética decorre de um processo histórico ligado a experiências com a vida e a uma gradual, ainda que lenta, ampliação e reconhecimento dos direitos humanos. A bioética como um estudo voltado para questões morais acerca de pesquisas científicas só faz sentido porque há um consenso geral de que as práticas científicas e tecnológicas devem ser responsáveis. A demanda por esses estudos tem o sentido de evitar distorções sobre as ações científicas, técnicas e médicas que atuam sobre a manutenção e a melhoria da vida do planeta e dos homens que nele habitam. Essa demanda não é simples e deve atentar para as possíveis implicações no desenvolvimento de pesquisas e práticas que envolvem a vida biológica e moral dos seres humanos e, nesse sentido, refletir e considerar até que ponto uma pesquisa e suas implicações valem a pena. Uma série de eventos no âmbito da pesquisa científica levou à formulação de um termo específico relativo a um estudo prático sobre a moral e as reflexões éticas que devem permear as pesquisas científicas e as ações que manipulam a vida.

Destacamos que é a partir do século XX que podemos notar um esforço cada vez mais significativo para o estabelecimento de padrões e normas que respeitem a vida humana e a vida no planeta, pois foi nesse mesmo século que essas questões foram mais fortemente suscitadas.

O ano de 1900 pode ser lembrado como a primeira tentativa de estabelecer parâmetros para a pesquisa científica envolvendo pessoas. Nesse ano, o Ministério da Saúde da Prússia tornava público um documento que procurava organizar, estabelecendo padrões para a pesquisa científica que fazia experimentação em humanos. O documento indicava que o sujeito pesquisado deveria ser informado sobre a pesquisa e as possíveis consequências. Contudo, esse documento não foi suficiente para nortear outras relações entre pesquisadores e pesquisados e em 1930 ocorreu o "desastre de Lübeck", que levou à morte 75 crianças de um total de 100. Essas mortes foram decorrentes de um teste com vacina BCG. Segundo consta, os testes foram realizados sem o consentimento dos adultos responsáveis pelas crianças. No ano seguinte ao desastre, as autoridades alemãs da época produziram um novo documento regulador de pesquisas.

Durante a ascensão do nazismo na Alemanha e dos eventos de terror que marcaram a Segunda Guerra Mundial, outras normas passam a vigorar sobre a manutenção da vida. Nessa época, foram estabelecidos novos padrões sobre a vida e a morte e esses padrões foram legitimados por médicos e juristas, ou seja, por profissionais, cujas especialidades referem-se ao campo da vida biológica e da vida moral.

Assim, um "tribunal de saúde hereditária", que visava "proteger" os alemães de raças e populações consideradas inferiores, foi criado no contexto do regime nazista. Nesse período, a eutanásia era prática legítima para o regime, que apontava os "doentes incuráveis" como

"vidas que não valiam a pena de ser vividas". A eutanásia, decidida por médicos, poderia ser realizada por injeção ou sufocamento em câmara de gás. Dessa forma, em nome da "limpeza hereditária e étnica" foram utilizados conhecimentos científicos e mecanismos tecnológicos, com a participação de médicos, para a realização de torturas e assassinatos. Havia, ainda, pesquisas relacionadas a medicamentos e métodos em que humanos, prisioneiros dos campos de concentração, eram usados como cobaias.

O fim da guerra provocou uma nova etapa para os procedimentos médicos e para a pesquisa científica, que demandava até então experimentação em seres humanos. Os eventos e os procedimentos utilizados pelos médicos e cientistas do regime nazista incitaram uma retomada das questões éticas sobre experimentação em seres humanos. Em 1947, a partir do que foi presenciado no tribunal de julgamento dos médicos nazistas, foi elaborado o Código de Nuremberg. O Código define que os experimentos devem buscar resultados vantajosos para a sociedade, e que antes dos seres humanos, a experimentação deve ser feita primeiro em animais; que os voluntários têm direito à informação sobre o desenvolvimento da pesquisa, assim como o direito de determinar o fim da sua participação na mesma; e que os experimentos devem ser conduzidos de maneira a se evitar o sofrimento físico e moral.

Além de atentar para a experimentação em seres humanos, a Bioética apresenta uma significativa preocupação com aqueles que devem ser beneficiados com o avanço científico e tecnológico. Nesse sentido, destacamos como exemplo, nesse breve histórico, a criação do Comitê de Seleção de Diálise em Seattle, EUA (1960-1971). O desenvolvimento da técnica de diálise e o consequente aumento de custos levaram à criação do referido comitê, também conhecido como "Comitê Divino". Ele detinha o poder de selecionar os que seriam atendidos pelo procedimento[1] e determinava o acesso ao tratamento de uns pacientes em detrimento de outros, o que, de forma indireta, decidia os que sobreviveriam. As dificuldades dos doentes, assim como a existência desse tipo de comitê, levou o debate de ordem técnica/moral para o contexto do atendimento médico, que foi um dos eventos fundadores da Bioética.

A cada avanço científico, a cada nova etapa que envolve novas formas de se entender a vida, a morte e, a cada nova etapa que modifica o modo de viver, novas questões éticas são postas e repostas. A aprovação pela FDA (Food and Drug Administration), nos EUA, do primeiro contraceptivo oral, nos anos de 1960, promoveu modificações na vida das mulheres. Não podemos negar que, ao inibir a fertilidade, a fecundação e a procriação, a vida das mulheres ganhou uma autonomia desconhecida para as gerações anteriores. Contudo, a pílula não encerrou as questões sobre a fecundação e procriação, pois ainda há o debate sobre a vida, sobre o início da vida. Principalmente, não encerrou as questões relativas a outras práticas que inibem a procriação, como o aborto. A fertilização assistida, por outro lado, abriu nova possibilidade para casais com problemas para ter filhos e auxiliou no amplo debate sobre os campos de atuação humana na determinação da vida. Esse debate é tão recente que pode abrir portas para procedimentos mais inusitados, principalmente após a experiência de clonagem da ovelha Dolly, em 1996.

[1] Conforme SILVA, Carlos H.D.; SCHRAMM, Fermin R. *Bioética da obstinação terapêutica*. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rbc/n_53/v01/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Acrescentam-se a esse breve histórico novas práticas e técnicas relativas ao Projeto Genoma Humano. Esse projeto foi iniciado pelo Departamento de Energia do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos (1999) e desenvolveu uma tecnologia capaz de descrever e mapear o sequenciamento de 99% do genoma humano de forma precisa. O sucesso do projeto traz a perspectiva de empreendimentos no contexto da realização de diagnósticos e terapias de doenças genéticas. A partir disso, novamente, questões éticas se fazem presentes.

Fonte de dados: SCHRAMM, Fermin R.; BRAZ, Marlene. *Introdução à bioética*. Disponível em: <http://www.ghente.org/bioetica/index.htm>. Acesso em: 23 abr. 2014.

Elaborado especialmente para o São Paulo faz escola.

A partir do texto apresentado, podemos observar que, a cada novo caso ou descoberta científica, novas questões éticas são colocadas. Nesse contexto, podemos afirmar que as práticas humanas, inclusive aquelas voltadas para o desenvolvimento científico e tecnológico, sempre exigem alguma forma de julgamento ético moral? Por quê?

Leitura e análise de texto

Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos

Prefácio

Acredito que um leitor, ao deparar-se com a Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos, adotada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 29ª sessão (1997), será impactado por dois aspectos. Primeiramente, pela abrangência do texto que, num contexto científico e político marcado por questões polêmicas como a manipulação do genoma humano, a clonagem humana e os transgênicos, afirma ou reafirma princípios e valores intangíveis. Em segundo lugar, pelos inúmeros e diferentes atores envolvidos, graças a diversos fatores: a natureza inerente ao assunto que, como todas as questões éticas, situa-se na interface entre várias disciplinas; a universalidade de seu enfoque, que deverá ser enriquecido por um debate público envolvendo todos os membros da sociedade; a diversidade de contextos econômicos, sociais e culturais nos quais se enraíza o pensamento ético ao redor do mundo. Isso porque a reflexão de cada indivíduo se desenvolve conforme sua própria natureza, plasmada por sua história e suas tradições (legais, políticas, filosóficas, religiosas, etc.).

Diante das novas questões éticas levantadas pela velocidade, algumas vezes surpreendente do progresso nesse campo, a abrangência e o alcance potencial da Declaração tornaram necessário à UNESCO elaborar um sistema voltado para seu acompanhamento e implementação – uma inovação em se tratando de instrumento não mandatário.

De todos os lados, afirmou-se o interesse de que esse sistema possa se tornar rapidamente operacional, de modo que os princípios contidos no texto possam ser transformados em realidade com a maior rapidez possível. A Declaração necessita ser implementada com especial urgência, em função da velocidade sempre crescente do progresso técnico e científico da biologia e da genética, em que cada avanço quase infalivelmente traz novas esperanças para a melhoria do bem-estar da humanidade, ao lado de dilemas éticos sem precedentes.

Em decorrência disso, a Conferência Geral da UNESCO em sua 30º sessão (1999) adotou as "Diretrizes para a Implementação da Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos" elaboradas pelo Comitê Internacional de Bioética e aprovadas pelo Comitê Intergovernamental de Bioética.

Estou convencido de que essas Diretrizes servirão para reforçar o compromisso moral assumido pelos Estados-Membros ao adotarem a Declaração, para dar consistência aos valores que defendem e para estimular o maior número possível de indivíduos a refletir sobre preocupações de natureza ética, ampliadas a cada dia por novas questões, para as quais não há respostas definidas e cujos desdobramentos podem, hoje, afetar o destino que a humanidade está construindo para si. [...]

C – Pesquisa sobre o Genoma Humano

Artigo 10

Nenhuma pesquisa ou suas aplicações relacionadas ao genoma humano, particularmente nos campos da biologia, da genética e da medicina, deve prevalecer sobre o respeito aos direitos humanos, às liberdades fundamentais e à dignidade humana dos indivíduos ou, quando for aplicável, de grupos humanos.

Artigo 11

Práticas contrárias à dignidade humana, tais como a clonagem de seres humanos, não devem ser permitidas. Estados e organizações internacionais competentes são chamados a cooperar na identificação de tais práticas e a tomar, em nível nacional ou internacional, as medidas necessárias para assegurar o respeito aos princípios estabelecidos na presente Declaração.

Artigo 12

a) Os benefícios dos avanços na biologia, na genética e na medicina, relacionados ao genoma humano, devem ser disponibilizados a todos, com a devida consideração pela dignidade e pelos direitos humanos de cada indivíduo.

b) A liberdade da pesquisa, necessária ao avanço do conhecimento, é parte da liberdade de pensamento. As aplicações da pesquisa, incluindo aquelas realizadas nos campos da biologia, da genética e da medicina, envolvendo o genoma humano, devem buscar o alívio do sofrimento e a melhoria da saúde de indivíduos e da humanidade como um todo. [...]

UNESCO. *Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001229/122990por.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2013.

1. Por que as questões estudadas na Declaração têm caráter de urgência?

2. A liberdade de pesquisa sobre o genoma humano apresenta alguma condição? Qual?

PESQUISA INDIVIDUAL

A bioética é um tema muito atual. Para aprofundar seu conhecimento, realize uma pesquisa na biblioteca da escola ou, se possível, na internet. O objetivo principal da pesquisa será responder à seguinte questão: Quais são as principais polêmicas enfrentadas pela bioética no mundo contemporâneo? Dois *sites* e dois autores indicados a seguir podem, de início, ajudar você neste trabalho.

Os autores

- Edmund Pellegrino. Médico e filósofo estadunidense, considerado um dos primeiros pensadores da bioética.
- Volnei Garrafa. Pesquisador da Universidade de Brasília, vice-presidente da seção Latino-Americana da Sociedade Internacional de Bioética (SIBI).

Procure mais informações sobre esses dois autores: suas pesquisas, livros publicados e principais contribuições.

Os *sites*

- BIOÉTICA. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/textos.htm>. Acesso em: 3 dez. 2013.
- CENTRO de Bioética – Cremesp. Disponível em: <http://www.bioetica.org.br>. Acesso em: 3 dez. 2013.

Registre a seguir a sua resposta para a questão proposta nesta pesquisa. Destaque, ainda, um dos problemas que você conheceu por meio da investigação para este trabalho que tenha atraído mais a sua atenção e justifique sua escolha.

Antes de fazer a próxima atividade de Leitura e análise de texto, com o auxílio do professor, responda às questões: No Brasil, os produtos farmacológicos são considerados como qualquer outro produto? Um produto farmacológico pode ter seu consumo induzido pela propaganda? Comente.

Leitura e análise de texto

A medicalização e a mercantilização da vida

Remédios, consultas e tratamentos médicos, planos de saúde e até pesquisas sobre doenças e genética humana transformaram a vida em uma espécie de mercadoria ou fonte de consumo.

No entanto, quando o desejo de lucro se sobrepõe ao atendimento das necessidades essenciais das pessoas, a questão se transforma em um problema ético por excelência, pois a comercialização dos recursos da saúde não deveria colocar em jogo o valor da vida humana.

No Brasil, programas e iniciativas do poder público em diferentes níveis têm possibilitado baratear a produção de remédios e ampliar os tipos de tratamento disponíveis para a população. A educação, por sua vez, também amplia as oportunidades de acesso à saúde, facilitando a adoção de cuidados preventivos e as respostas mais rápidas aos primeiros sintomas de doenças. Não se pode esquecer ainda das campanhas de vacinação, de alimentação equilibrada e da constante vigilância sanitária. Tudo isso, obviamente, é positivo e necessário e ainda há muito o que fazer para atender às necessidades de saúde da população.

Por outro lado, é importante notar a medicalização crescente da sociedade, causada pela ideia de que a medicina pode resolver tudo, evidentemente, com a ajuda dos produtos farmacêuticos. Segundo essa tendência, para quase tudo se acena com um tipo de remédio que "cura" todo o tipo de mal-estar, além daqueles que curam as sequelas do uso de outros, e assim por diante, numa espécie de reação em cadeia. Há remédios e suplementos para ficar forte, aliviar o cansaço, iluminar a pele, emagrecer, engordar, ficar bonito, tirar a dor, ficar bem-disposto e muitos outros, que cada vez mais enchem as prateleiras das farmácias espalhadas em muitas ruas, praças e shoppings das cidades.

Podemos considerar que o aumento de consumo de produtos farmacológicos, destinados a atender necessidades secundárias como a adoção de um padrão estético ditado pelos diferentes meios de comunicação social, poderia ser substituído pelo cuidado com a alimentação e com a prática de atividade física. Contudo, a urgência em estar de acordo com os padrões leva as pessoas a consumir, muitas vezes de forma equivocada e sem prescrição médica, remédios, suplementos e fórmulas que prometem resultados em curto prazo. Se a propaganda promete efeitos mais rápidos para o emagrecimento ou para a conquista da forma considerada socialmente como ideal, isso não significa que a responsabilidade pessoal ou social possa ser substituída pelo mercado da saúde. Aqui está outra área de atuação da bioética, que se preocupa não apenas com o acesso econômico das pessoas aos produtos farmacêuticos, mas também com a imposição mercadológica de produtos em áreas que podem dispensar qualquer forma de medicalização.

O ser humano ideal e os avanços da engenharia genética

O avanço da engenharia genética e as pesquisas com células-tronco embrionárias sugerem a possibilidade de que um indivíduo possa vir a superar possíveis doenças e também que se controlem e selecionem determinadas características genéticas. Em meio a tudo isso, é possível perguntar: Que ser humano é desejado e que ser humano deve ser evitado? Até que ponto os pais podem decidir sobre como devem ser os filhos? Com a manipulação genética, apresenta-se outro problema bioético, a respeito de como devem ser os filhos: Que seres podem ser escolhidos ou recusados? Como podem (ou devem) ser metamorfoseados? Não era esse o sonho nazista de criar uma raça perfeita, pura, eliminando toda e qualquer imperfeição?

A bioética, nesse sentido, implica a necessidade de se refletir sobre a existência humana, uma vez que os nossos medos e angústias, as formas pelas quais nos conhecemos e nos compreendemos, assim como os paradoxos e desafios do viver passaram a ser perpassados por inovações técnicas e científicas até então inéditas na humanidade.

Elaborado especialmente para o São Paulo faz escola.